



MULHERES BRASILEIRAS E GÊNERO NOS ESPAÇOS PÚBLICO E PRIVADO - 3^a edição

SÍNTSE DOS RESULTADOS

Parceria



Realização



Mulheres e Gênero no Brasil - Avanços, retrocessos e desafios

Apresentamos à sociedade brasileira a Terceira Edição da pesquisa Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado, instrumento que possibilita aprofundar o conhecimento sobre a situação das mulheres ao longo de quase três décadas. Realizada pela Fundação Perseu Abramo (por meio de seu Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos) em parceria com o Sesc, o estudo uniu esforços de pesquisadoras, formadoras de opinião, militantes e formuladoras de políticas públicas ao longo de 4 anos de debates, formulações e análises dos dados que agora disponibilizamos à todas e todos.

A evolução dos dados ao longo desses 24 anos, a partir da primeira pesquisa feita em 2001, retrata os ganhos e os desafios que resultaram de inúmeras políticas públicas voltadas a combater a desigualdade de gênero e seus desdobramentos em nosso país. Também reflete o impacto do desmonte de uma série delas e de uma reação conservadora aos ganhos das classes populares e, consequentemente, das mulheres brasileiras.

O esforço de formulação por parte de todas e todos que buscam um país mais democrático e igualitário só pode ser potencializado a partir de muitos debates, diagnósticos e análises de dados. Neste contexto, a pesquisa visa impulsionar este olhar para os desafios latentes para vencer a desigualdade de gênero no Brasil e produzir políticas que as combatam.

Carlos Henrique Árabe - Diretor da Fundação Perseu Abramo

Matheus Toledo - Coordenador NOPPE/Fundação Perseu Abramo

Sofia Toledo - Analista NOPPE/Fundação Perseu Abramo

Gênero em movimento: três décadas de pesquisa e reflexão

A pesquisa Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado, realizada pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o Sesc, chega à sua terceira edição consolidando-se como uma fonte importante de conhecimento sobre as condições de vida de mulheres no Brasil, em seus diferentes marcadores sociais. Desde a década de 1990, movimentos feministas e instâncias nacionais e internacionais têm apontado a carência de dados como um entrave para a formulação de políticas públicas. Nesse contexto, a primeira edição desse levantamento, em 2001, colaborou ao oferecer indicadores sobre desigualdades e violência de gênero, contribuindo para qualificar debates públicos e fortalecer a criação de iniciativas de proteção e de promoção de direitos.

A segunda edição, em 2010, ampliou o escopo para incluir também homens e masculinidades, possibilitando compreender como o machismo se atualiza em diferentes territórios. A terceira edição, realizada entre 2021 e 2023, traz a potência de uma perspectiva longeva, permitindo observar avanços e retrocessos ao longo de mais de duas décadas.

Os dados apontam o aprofundamento das desigualdades sociais e econômicas, com especial impacto sobre mulheres negras e periféricas, e revelam a insistência da violência e da sobrecarga do trabalho doméstico e de cuidados, mesmo diante do aumento da escolaridade.

Para o Sesc, integrar esta iniciativa é reafirmar que ciência, educação e cultura podem caminhar juntas na produção de pensamento crítico, visando horizontes coletivos. Mais do que números, essa pesquisa pode ser um instrumento de memória e ação: registra formas de opressão, mas também modos de resistência e de organização que atravessam a vida. Reiterar esses achados significa fortalecer práticas e estratégias comprometidas com a diversidade de experiências sociais e com a urgência da igualdade de gênero como fundamento da democracia.

Luiz Deoclecio Massaro Galina - Diretor do Sesc São Paulo

	Pág
Histórico	5
Objetivos do Estudo	8
Notas Metodológicas	9
Perfil Sociodemográfico	15
1. Imagem das Mulheres	28
2. Corpo, Sexualidade e Saúde das Mulheres	40
3. Violência Contra as Mulheres	57
4. Proteção Social e Política de Cuidados	69
5. Trabalho Remunerado e Não Remunerado	79
6. Cultura Política e Participação	93
7. Considerações Finais	105

HISTÓRICO - Primeira Edição

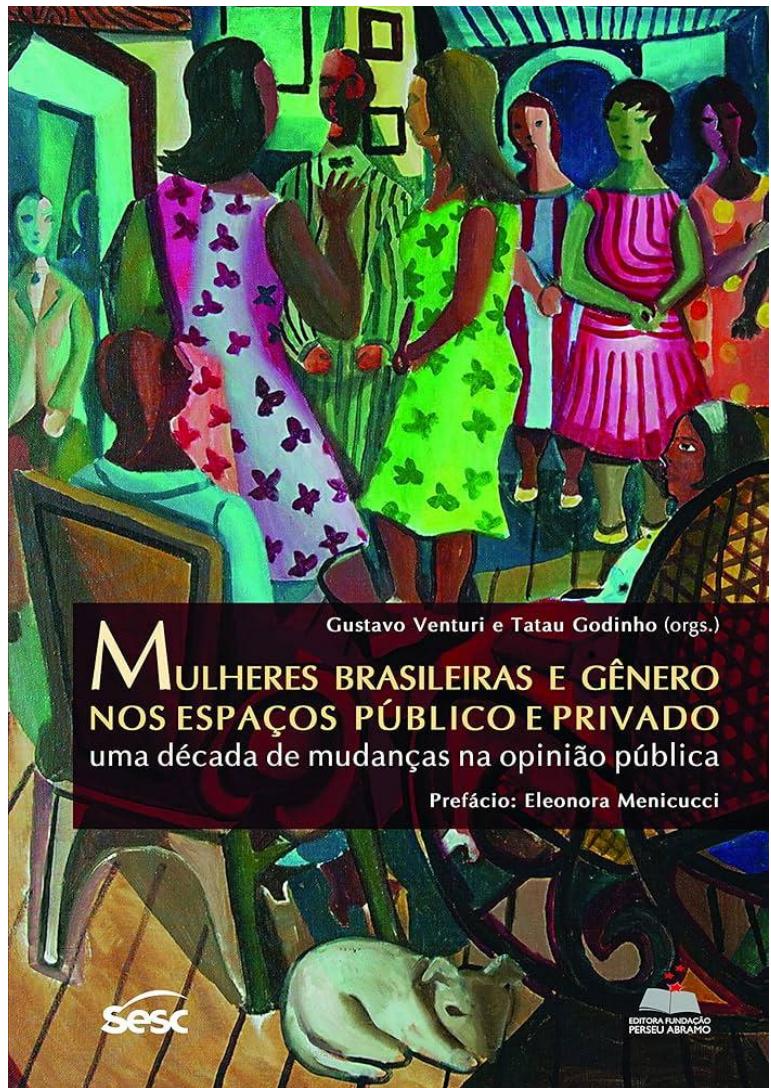


Em 2001, a **Fundação Perseu Abramo (FPA)** realizou a pesquisa *A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado*, junto a mulheres de todo o país, com o objetivo de investigar as desigualdades de gênero em inúmeras esferas da sociabilidade brasileira.

O levantamento foi realizado por meio de 2.500 entrevistas domiciliares estratificadas em cotas de idade e em áreas urbana e rural, distribuídas geograficamente em 187 municípios de 24 estados das cinco macrorregiões do território nacional.

Dentre os principais resultados, a pesquisa revelou uma percepção de melhora na vida das mulheres nas últimas décadas, sobretudo devido a sua maior inserção no mercado de trabalho, apesar da dupla jornada, decorrente do trabalho remunerado e doméstico, e do preconceito e discriminação social que reservava às mulheres posições inferiores à dos homens. A pesquisa também foi pioneira ao revelar a face mais violenta do machismo, apontando a trágica taxa de 43% de declaração de violência sofrida, seja física (um terço das mulheres), psíquica ou patrimonial.

HISTÓRICO - Segunda Edição



Em **2010**, em parceria com o **Sesc**, ampliamos o escopo da investigação e da amostra com a **2ª edição da pesquisa Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaço Público e Privado**, incluindo o universo masculino, para uma visão comparativa. Foram realizadas 2.365 entrevistas domiciliares com mulheres e 1.181 com homens, acima de 15 anos, cobrindo áreas urbanas e rurais e distribuídas geograficamente em 176 municípios de 25 estados das cinco macrorregiões brasileiras.

Os resultados da segunda edição, além de atualizar os dados da pesquisa de 2001, retratam uma década de mudanças na opinião pública, observando os avanços e retrocessos que a sociedade viveu no período, além de introduzir novas questões. Dentre os principais resultados verificou-se que o machismo era amplamente percebido pelas mulheres e pouco reconhecido pelos homens. A persistência de altos índices de violência doméstica, a gravidez na adolescência, bem como a violência obstétrica, indicavam o longo caminho a se percorrer para a redução das desigualdades entre homens e mulheres.

HISTÓRICO - Terceira Edição

Passada mais uma década, a nova configuração de forças políticas e sociais apontam para a necessidade de retomar a investigação e, em 2020, a **FPA** e o **Sesc São Paulo** desenvolveram a terceira Edição desta pesquisa, em nível nacional.

O objetivo foi entender quais as questões e temas prioritários da agenda de mulheres no período, além de estabelecer comparação com 2001 e 2010, considerando as permanências e descontinuidades em uma perspectiva histórica, acompanhando os avanços e recuos das políticas para o enfrentamento das desigualdades de gênero ao longo dessas três últimas décadas e buscando também diálogo com o que há de novo no cenário.

Com um olhar mais atento à agenda de retirada de direitos e o aumento do desemprego e da pobreza, cujos efeitos mais nefastos incidem principalmente sobre a vida das mulheres, a **FPA** e o **Sesc São Paulo** reconhecem a importância dessa terceira edição da pesquisa no contexto atual, para as duas instituições proponentes, não só a partir da atualização dos dados, mas ampliando a compreensão a partir das novas demandas.

Espera-se, com isso, que a sociedade em geral se aproprie dos dados para ampliar o debate sobre as questões que afetam a vida das mulheres e que estes sirvam como instrumento propulsor de formulação de políticas públicas voltadas às mulheres, assim como foram as duas edições anteriores da pesquisa.

OBJETIVOS DO ESTUDO

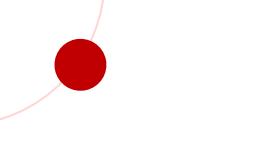
1

Atualização dos dados da **Pesquisa Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado**, completando a tríade 2001, 2010 e agora em 2023, tornando possível acompanhar de modo longitudinal os avanços e recuos das políticas para o enfrentamento das desigualdades de gênero, ao longo dessas três últimas décadas.

2

Ampliação E Aprofundamento Da Compreensão, Com O Objetivo De Entender Para Onde Caminha A Sociedade Em Termos De Acessibilidade E Igualdade De Direitos Entre **Gêneros**, Abordando Os Seguintes Temas:

- ✓ Imagem das Mulheres - Machismo e Feminismo
- ✓ Corpo, Sexualidade e Saúde das Mulheres
- ✓ Violência Contra as Mulheres
- ✓ Proteção Social e Política de Cuidados
- ✓ Trabalho Remunerado e Não Remunerado
- ✓ Cultura Política e Participação



NOTAS METODOLÓGICAS

NOTA METODOLÓGICA

Nesta terceira edição, desenvolvemos um processo amplo de escuta do corpo técnico das duas instituições, especializado nos temas relacionados ao escopo da pesquisa, por meio de seminários de planejamento para atualizar o temário e questões relevantes. Antes do início do campo da pesquisa, foram realizados treinamentos, tanto com a equipe responsável pela fase qualitativa, quanto pela fase quantitativa.

Buscamos garantir representatividade em termos raciais, de gênero, sexualidade e classe nas entrevistadoras, assim como nas entrevistadas. Também adaptamos a linguagem das questões dos formulários da pesquisa, para que atendessem a diversidade das mulheres cis, trans e pessoas não binárias, buscando avançar em relação as discussões e formas das edições anteriores, visando acompanhar as discussões sociais e políticas que apontam para a pluralidade de mulheres e de realidades sociais que estas experienciam no Brasil. Ressaltamos que as entrevistas com jovens menores de 18 anos foram realizadas por meio da assinatura do termo de autorização das pessoas responsáveis.

Nesta edição, realizamos pela primeira vez uma etapa qualitativa da pesquisa, por meio de entrevistas em profundidade, com o objetivo de captar aspectos subjetivos e experienciais das entrevistadas, suas opiniões e percepções sobre fenômenos sociais e culturais. Na segunda fase da pesquisa, realizamos o levantamento quantitativo, por meio da aplicação de um questionário estruturado, entrevistando homens e mulheres com mais de 15 anos.

METODOLOGIA - QUALITATIVA

Abordagem: as entrevistas em profundidade foram feitas durante o período de pandemia de Covid 19, aplicadas por meio da plataforma zoom, considerando as variáveis de perfil racial, de gênero, etário, sexualidade, regional e de classe. Universo: 65 entrevistas em profundidade realizadas com mulheres cis e trans.

Amostragem: a amostra foi composta de mulheres cis e trans, a partir dos 16 anos, buscando diversidade no perfil racial (autodeclaradas negras, brancas, e indígenas) e em termos de renda mensal familiar (até 2 SM, 2 a 5 SM, e mais de 5 SM). As entrevistas foram realizadas tanto com a População Economicamente Ativa (PEA), quanto Inativa (Não PEA). Foram realizadas entrevistadas com mulheres de cinco cidades: Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Cuiabá e Manaus.

Data do campo: 18 de outubro a 06 de novembro de 2021.

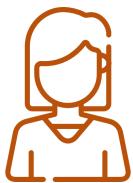
Sobre essa edição: Nesta edição, pela primeira vez foram garantidas entrevistas com mulheres transgênero e de diferentes orientações sexuais, das cinco regiões do país, a fim de compreender problemas e demandas específicas desses segmentos populacionais, que tendem a ter baixa representatividade numérica em estudos amostrais. As mulheres trans entrevistadas tinham de 26 a 35 anos de idade, de diferentes faixas de renda, regiões do país e perfil racial.

Representatividade das entrevistadoras: é importante reforçar que houve um esforço para que as seis mulheres responsáveis pela realização das entrevistas fossem diversas em termos raciais, de gênero, classe, idade e sexualidade.

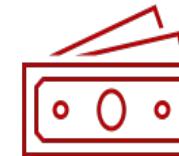
Análise das entrevistas: para análise foram realizadas transcrições das entrevistas, a revisão de todas as gravações, buscamos identificar os principais pontos comuns entre as entrevistadas e as principais divergências, de acordo com os diferentes perfis. Assim, as respostas foram agrupadas em categorias, para identificar os padrões de interpretações captados nas entrevistas, que foram incorporados também na análise da fase quantitativa, para ilustrar os dados apresentados.

Estruturação do relatório: o relatório está estruturado a partir dos temas abordados na pesquisa, como a Imagem da Mulher; Corpo, Sexualidade e Saúde; Violência; Proteção Social e Política de Cuidados; Trabalho Remunerado e Trabalho Não Remunerado e Cultura Política e Participação.

PERFIL DA AMOSTRA - QUALITATIVA



- IDENTIDADE DE GÊNERO: MULHERES CIS E TRANS
- FAIXA ETÁRIA:
- MAIS JOVENS: 16 A 29 ANOS
- IDADE MÉDIA: 30 A 40 ANOS
- MAIS VELHAS: 41 A 55 ANOS
- IDOSAS: 60 ANOS OU MAIS
- PRETAS / PARDAS
- BRANCAS
- INDÍGENAS
- POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA:
TRABALHA EM EMPREGO FORMAL (CLT OU NÃO), AUTÔNOMA OU DESEMPREGADA / INATIVAS: APOSENTADAS, DONAS DE CASA, ESTUDANTES ETC.



- CIDADES: PORTO ALEGRE, SÃO PAULO, SALVADOR, CUIABÁ E MANAUS.

- BENEFICIÁRIOS, EX-BENEFICIÁRIOS E NÃO BENEFICIÁRIOS DE PROGRAMAS SOCIAIS

TRÊS FAIXAS DE RENDA FAMILIAR MENSAL:

- RENDA 1: ATÉ DOIS SALÁRIOS MÍNIMOS (até R\$2.090,00)
- RENDA 2: DE DOIS A CINCO SALÁRIOS MÍNIMOS (de R\$2.090,01 a R\$5.225,00)
- RENDA 3: MAIS DE CINCO SALÁRIOS MÍNIMOS (a partir de R\$ 5.225,01)

DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA - QUALITATIVA

A distribuição amostral das **65 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE** ficou disposta da seguinte forma.

	São Paulo (SP)			Porto Alegre (RS)			Salvador (BA)			Cuiabá (MT)			Manaus (AM)		
	FR 1	FR 2	FR 3	FR 1	FR 2	FR 3	FR 1	FR 2	FR 3	FR 1	FR 2	FR 3	FR 1	FR 2	FR 3
Mais jovens (16 a 29 anos)	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	2 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	2 EP	1 EP
Idade Adulta (30 a 40 anos)	2 EP	1 EP	1 EP	1 EP	2 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	2 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP
Meia Idade (40 a 55 anos)	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP
Idosas 60+	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP	1 EP
TOTAL			60 EP'S												

Regiões - estados
SUL – Rio Grande do Sul
SUDESTE – São Paulo
NORDESTE – Bahia
NORTE – Amazonas
CENTRO-OESTE/NORTE – Mato Grosso

METODOLOGIA - QUANTITATIVA

Abordagem: Aplicação de questionário estruturado, através de entrevistas pessoais e domiciliares, realizadas por equipes compostas exclusivamente por pesquisadoras mulheres para entrevistar mulheres e por pesquisadores homens para entrevistar homens. Checagem de 25% a 30% das entrevistas.

Universo: Homens e Mulheres com 15 anos de idade ou mais

Amostragem: A amostra foi composta por um total de 3.661 entrevistas, sendo 2.440 entrevistas com mulheres de 15 anos ou mais e 1.221 entrevistas com homens da mesma faixa etária (o que representa 84.884.781 de mulheres e 78.066.714 homens), distribuídas em 25 UFs nas cinco macrorregiões do país (N, S, SE, NE e C-O), cobrindo áreas urbana e rural – na amostra feminina em 177 municípios e na masculina em 104 municípios, estratificados por porte (grandes, médios e pequenos) natureza dos municípios (capitais, regiões metropolitanas e interior) e região. Amostragem probabilística nos primeiros estágios (sorteio dos municípios, dos setores censitários, quarteirões e domicílios), com controle de cotas de idade para seleção dos indivíduos.

Margem de erro: : Mulheres: até +/- 2 pontos percentuais para os resultados com o total da amostra e até +/- 4 pontos para os resultados das perguntas aplicadas apenas nas subamostras A, B ou C (812, 814 e 814 entrevistas, respectivamente), com intervalo de confiança de 95%.

Homens: +/- 3 pontos percentuais para os resultados com o total da amostra, e até +/- 4 pontos para os resultados das perguntas aplicadas apenas nas subamostras A ou B (615 e 606 entrevistas, respectivamente), com intervalo de confiança de 95%.

Data do campo: 16 de setembro a 24 de outubro de 2023

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO



PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS AMOSTRAS [em %]

Base: Total das amostras – 2440 Mulheres | 1221 Homens

- O planejamento amostral compreende múltiplos estágios, combinando os procedimentos detalhados a seguir:

a) Proporcional no primeiro estágio. A amostra foi distribuída pelos 25 estados, estratificada por localização (capitais, regiões metropolitanas e interior) e porte dos municípios (divisão em tercis: pequenos, médios e grandes). Neste primeiro estágio, foi desenhada uma amostra utilizando-se o método PPT (Probabilidade Proporcional ao Tamanho), que reflete a densidade demográfica da população. A probabilidade proporcional ao tamanho (PPT) evita, nesta etapa, a sub-representação de qualquer subgrupo populacional, produzindo assim resultados mais precisos.

b) Probabilística no segundo estágio (sorteio dos setores censitários, dos quarteirões e dos domicílios). Nessa segunda etapa, foi realizado um sorteio probabilístico dos setores censitários e dos quarteirões, dentro de cada município, também através do método PPT (Probabilidade Proporcional ao Tamanho).

c) Por cotas de idade no estágio final (para a seleção do indivíduo), respeitando as proporções desses segmentos no universo.

d) Na terceira e última etapa, dentro dos setores censitários sorteados, os respondentes foram selecionados através de quotas amostrais proporcionais ao universo, considerando a variável idade (15 a 17 anos; 18 a 24 anos; 25 a 34 anos; 35 a 44 anos; 45 a 59 anos; 60 a 64 anos; 65 a 69 anos, 70 a 74 anos e 75 anos ou mais).

- Para o desenho amostral foram utilizados os dados disponíveis da população do Censo 2010 do IBGE e da Estimativa 2021 para a distribuição das entrevistas e da PNAD 2019 para as quotas de sexo e idade. Após a coleta, os dados populacionais foram atualizados segundo os novos dados do Censo populacional 2022.
- O nível de confiança estimado é de 95% para uma margem máxima de erro, considerando um modelo de amostragem aleatório simples. A margem de erro para o total da amostra de 2.440 casos (total do estudo com mulheres) será de +- 2 pontos percentuais. Já para o total da amostra de 1.221 casos (total do estudo com homens) será de +- 3 pontos percentuais.

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS AMOSTRAS [em %] | Evolução

Base: Total das amostras – 2440 Mulheres | 1221 Homens

A distribuição amostral por faixa etária de mulheres e homens, regiões, áreas urbanas e rurais e natureza dos municípios corresponde à distribuição da população segundo o Censo da população brasileira do IBGE de 2010 , atualizada pela Estimativa 2021 e PNAD contínua de 2022.

Conforme os dados do Censo populacional de 2022, a população brasileira envelheceu, com aumento da participação de mulheres e homens acima de 60 anos.

	MULHERES			HOMENS	
	2001	2010	2023	2010	2023
IDADE					
15 e 17 anos	9	8	5	9	6
18 a 24 anos	20	18	13	19	14
25 a 34 anos	24	22	19	23	21
35 a 44 anos	19	19	19	19	20
45 a 59 anos	16	19	23	19	23
60 anos ou mais	12	14	20	12	17
60 a 64 anos	-	-	6	-	6
65 a 69 anos	-	-	5	-	4
70 a 74 anos	-	-	4	-	3
75 anos ou +	-	-	6	-	4

REGIÕES	Em %	
	Mulheres	Homens
NORTE	9	9
NORDESTE	27	26
SUL	14	15
SUDESTE	43	43
CENTRO OESTE	8	8

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO – Autodeclaração racial de acordo com as categorias do IBGE | Evolução

Espontânea e múltipla | Base: Total Amostra Mulheres – 2440 / Homens – 1221 casos

A autoclassificação racial é proporcional entre homens e mulheres, e entre ambos predomina a autoclassificação como pardos (45%). Em comparação à edição anterior da pesquisa, aumentou a autodeclaração de raça negra e a branca caiu entre as mulheres e os homens.



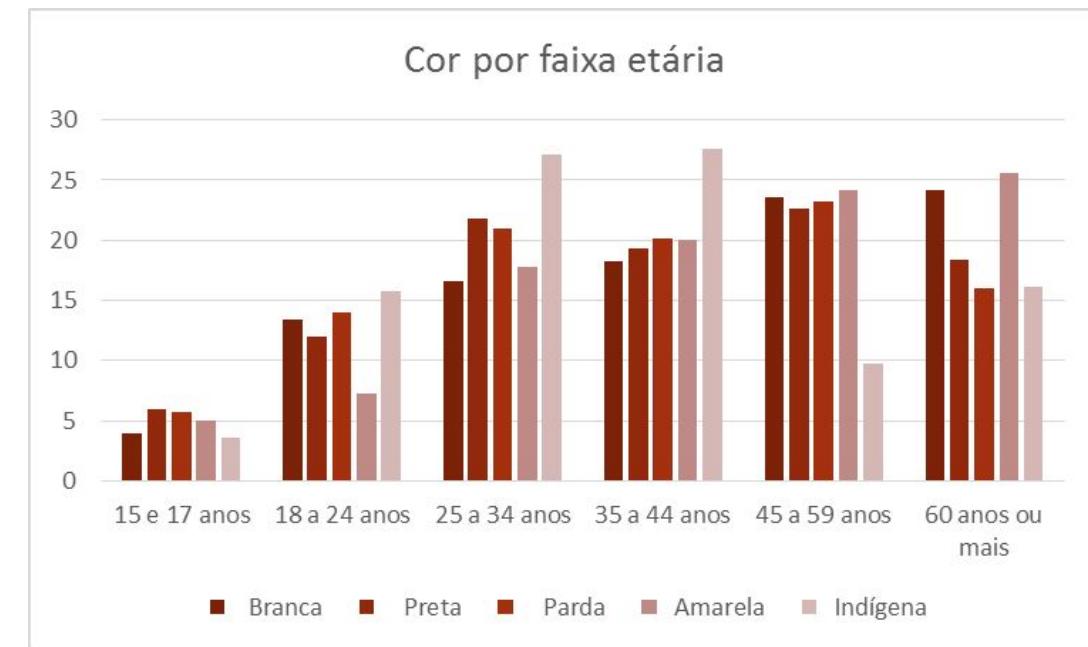
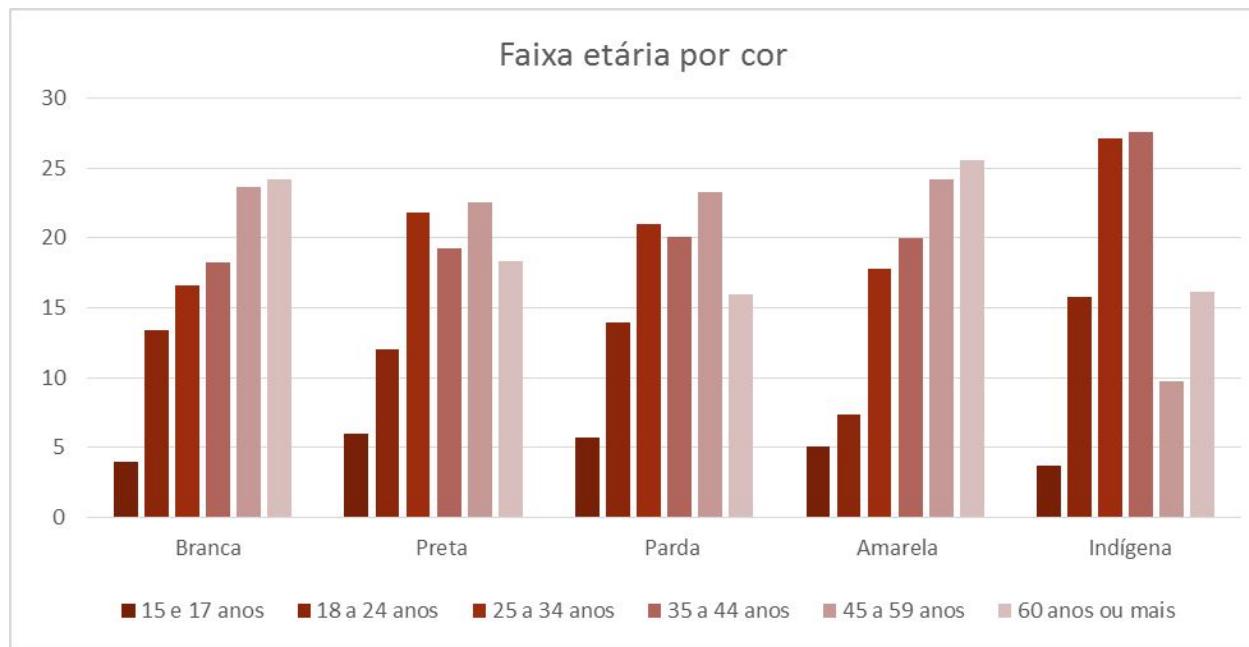
As mulheres que se auto classificam como brancas são principalmente as com mais de 60 anos (38%), as com maior escolaridade (42%) e renda familiar acima de 5 salários mínimos (47%), residentes nas regiões Sudeste (56%), as que atuam no mercado formal (38%) ou aposentadas (41%) e que votaram em Bolsonaro (40%).

As mulheres que se autodeclararam negras são principalmente as de 15 a 17 anos (72%), as com renda familiar inferior a 1 salário mínimo (69%), as residentes na região Norte (80%), as que atuam no mercado informal (67%) ou estão desempregadas (71%). São também as que votaram em Lula (67%) e beneficiárias do Bolsa Família (75%).

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO - Autodeclaração racial de acordo com as categorias do IBGE | Mulheres 2023

Base: Total Amostra Mulheres – 2440

As mulheres acima de 60 anos são em sua maioria amarelas e brancas. Já as entre 25 e 34 anos e entre 35 e 44 anos, se autodeclaram mais enquanto indígenas, pretas e pardas.





PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO - Escolaridade | Evolução

Estimulada e única | Bases: Total das amostras - 2440 Mulheres | 1221 Homens

Comparativamente às edições anteriores da pesquisa, o nível médio de escolaridade aumentou entre mulheres e homens e houve queda das taxas de quem possui apenas o ensino fundamental. Ainda que a maioria de mulheres e homens que não passaram do nível fundamental de escolaridade considerem fácil ler e escrever (65% e 68%, respectivamente), há uma parcela de 18% das mulheres e 17% dos homens que sentem dificuldade com a leitura e escrita, além de 17% das mulheres e 14% dos homens analfabetos ou que sabem ler e escrever apenas o nome.

EM %	MULHERES			HOMENS	
	2001	2010	2023	2010	2023
IDADE					
Está estudando	20	20	16	-	17
Não está estudando / parou de estudar	73	73	82	-	82
Nunca foi à escola	7	4	3	-	2
NÍVEL DE ESCOLARIDADE					
Fundamental 1 completo/incompleto	38	24	22	25	18
Fundamental 2 completo/incompleto	28	21	17	25	20
Ensino Médio completo/incompleto	27	38	44 ↑ + 6	37	43 ↑ + 6
Superior / Pós Graduação completo/ incompleto	6	16	16	13	18
LER E ESCREVER (ENTRE QUEM NUNCA FOI À ESCOLA OU ESTUDOU ATÉ O FUNDAMENTAL)					
Fácil	-	54	65	58	68
Difícil	-	22	18	18	17
Sabe ler e escrever apenas o nome	-	9	8	9	8
Não sabe ler e escrever	-	7	9	6	6

Base: Entrevistados/as que nunca foram à escola ou que não passaram do ensino fundamental completo | Total das amostras – 954 Mulheres | 468 Homens

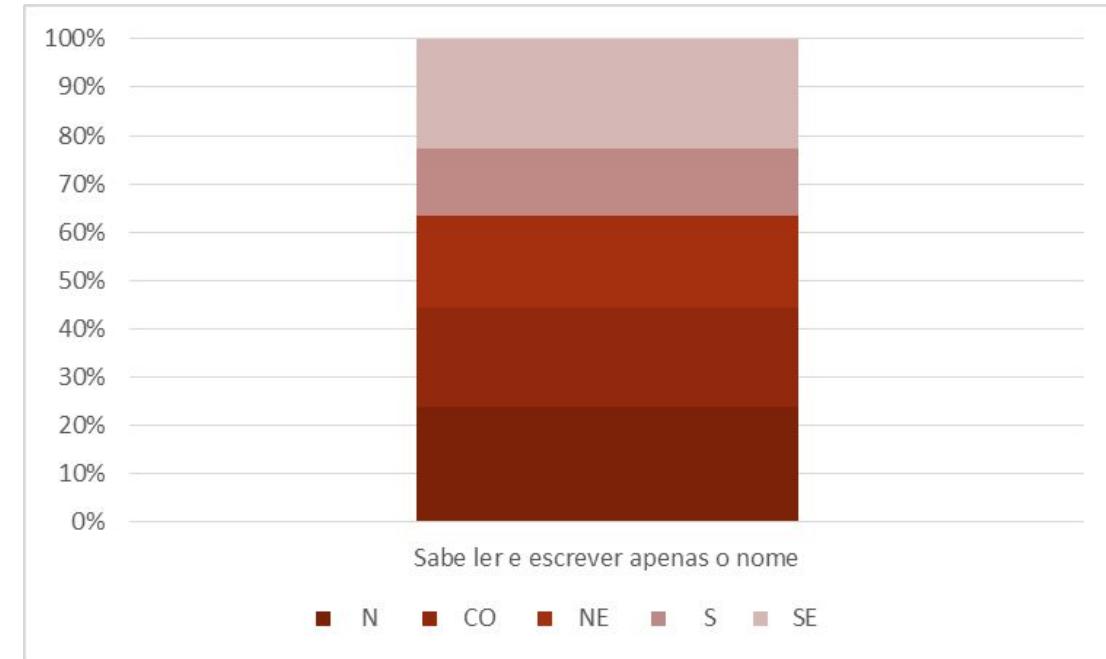
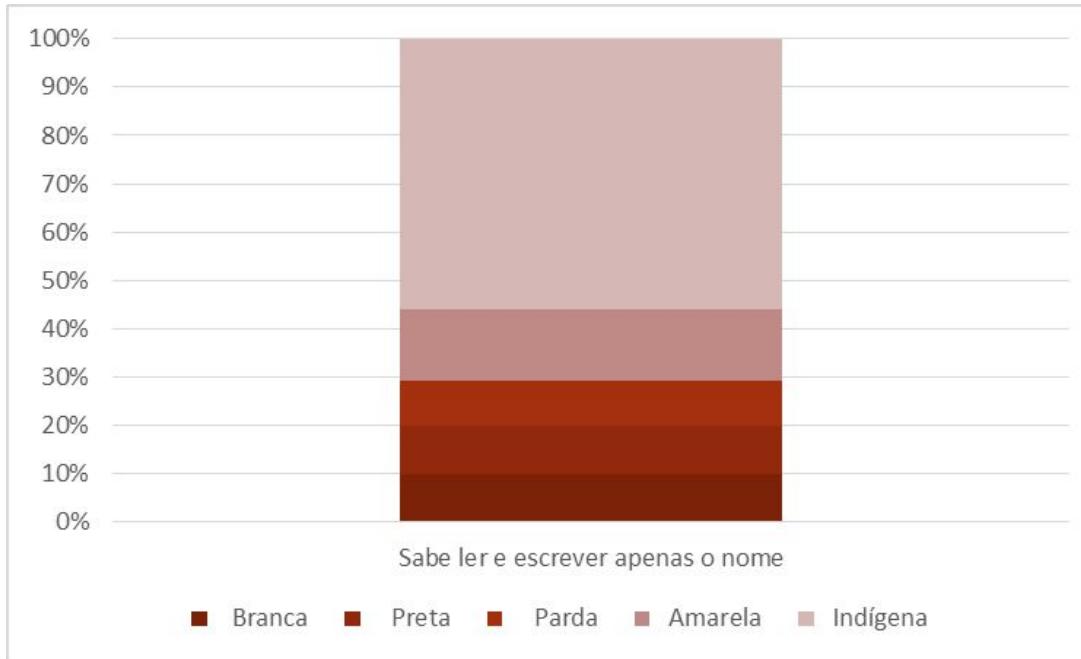
P4 M TT / P4 H TT. Você está estudando atualmente? (Se não) Atualmente você não está estudando ou você nunca foi à escola?

P4a MTT / P4a H TT. (Se estuda) Em que série você está? (Se estudou) Até que ano da escola você estudou?

P5 MTT / P5 H TT (Se nunca foi à escola ou estudou até o fundamental completo) Você sabe ler e escrever? (Se sim) Escrever e ler é uma atividade que você considera:

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO - Escolaridade | Mulheres 2023

Dentre a parcela de 17% das mulheres que sabem ler e escrever apenas o nome, nota-se que a grande maioria delas se autodeclaram indígenas e a minoria delas são brancas. Além disso, a maioria delas reside nas regiões Sudeste e Norte, e a minoria na região Sul.



PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO – Renda familiar mensal | Evolução

Espontânea e única | Base: Total Amostra Mulheres – 2440 / Homens – 1221 casos

A renda não acompanha a evolução no nível de escolaridade, ao contrário, Cresce a camada de mulheres que vivem em domicílios com renda inferior a 2 salários mínimos (de 46% para 55%) sendo 28% com renda inferior a 1 salário mínimo. Já a taxa de mulheres em domicílio com renda superior a 5 salários mínimos reduziu (de 14% em 2010, para 6%). Já entre os homens, diminui a camada dos que vivem em domicílios com renda inferior a 2 salários mínimos (de 43% para 35%), sendo 12% com renda inferior a 1 salário mínimo.

% RENDA FAMILIAR MENSAL

MULHERES	2001	2010	2023	
Até 1 SM	41*	20	28	
Mais de 1 a 2 SM		26	46	27
Mais de 2 a 5 SM	34	28	23	
Mais de 5 a 10 SM	12	10	5	
Mais de 10 a 20 SM	6	3	1	20
Mais de 20 SM	2	1	0	
Não teve renda	1	0	1	
Não sabe	3	5	8	
Não respondeu	1	7	6	

Na região Nordeste se registram as maiores taxas de mulheres com renda familiar inferior a 2 salários mínimos (64%), sendo 38% com renda de até 1 salário mínimo, frente a 23% nessa faixa de renda na Região Sul. As mulheres negras são as que mais residem em lares com menor renda: 59% com renda familiar de até 2 salários mínimos. Entre as mulheres brancas apenas 42% estão nessa faixa de renda familiar

* Para 2001, as faixas de renda até 1 salário mínimo e mais de 1 a 2 salários mínimos foram trabalhadas juntas.

HOMENS	2010	2023
Até 1 SM	14	12
Mais de 1 a 2 SM	29	43
Mais de 2 a 5 SM	33	38
Mais de 5 a 10 SM	12	11
Mais de 10 a 20 SM	3	3
Mais de 20 SM	1	0
Não teve renda	0	1
Não sabe	4	4
Não respondeu	5	7

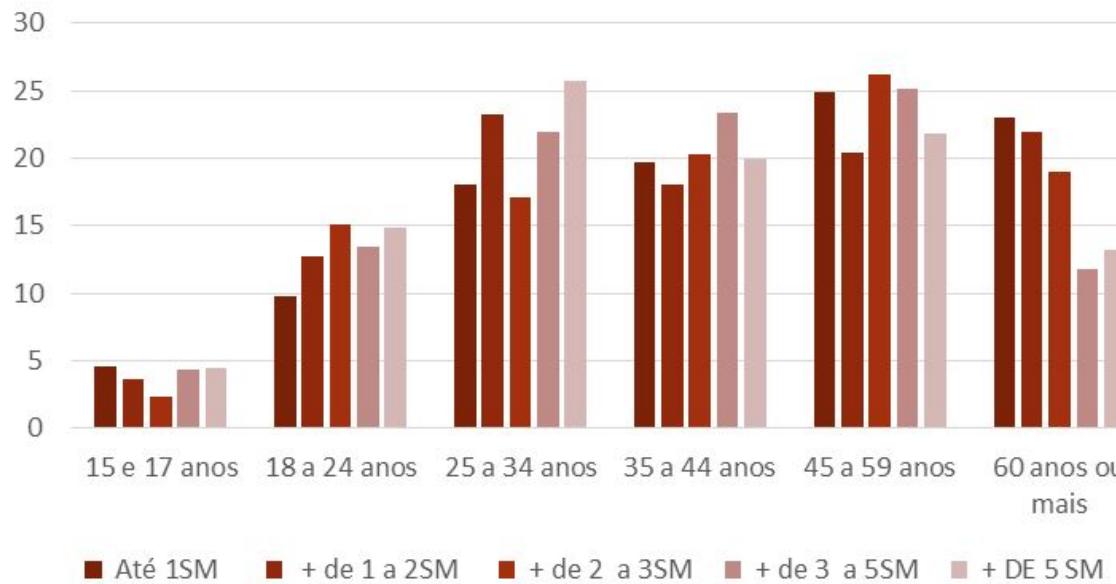
Entre os homens, os que possuem menor renda familiar são os com ensino fundamental I (23%), os desempregados (36%), os que não participam da PEA (19%), os que moram nas regiões Norte e Nordeste (22% e 23%, respectivamente), os separados ou viúvos (19% e 22%). Os com renda superior a 5 salários mínimos são os que cursaram universidade (30%), os que atuam no mercado formal (21%) e os residentes na região Centro-Oeste (25%).

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO - Renda familiar mensal | Mulheres 2023

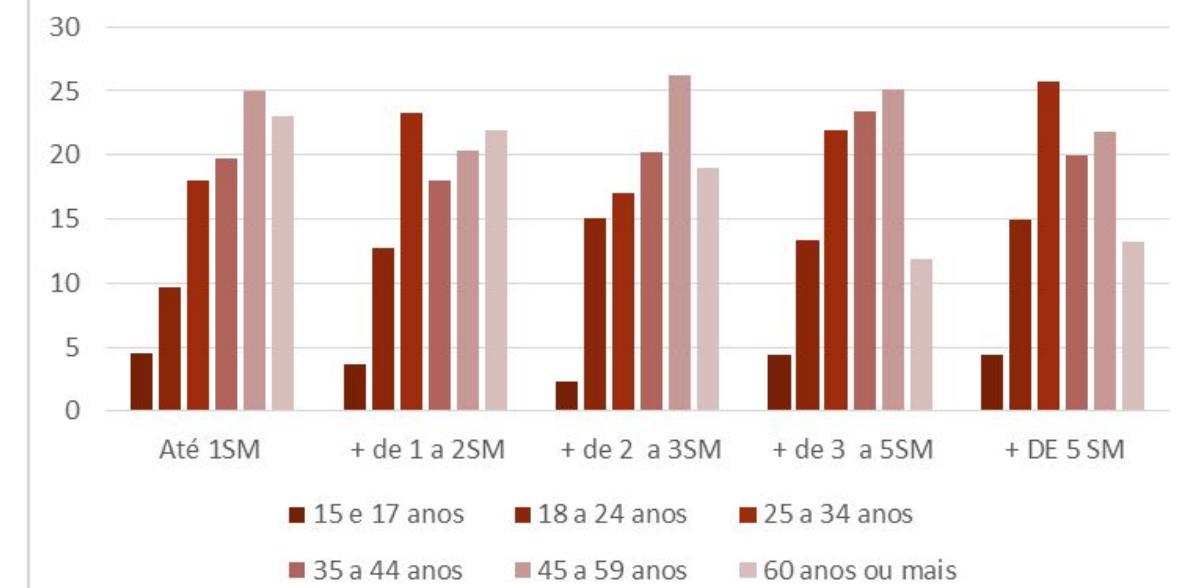
Base: Total Amostra Mulheres – 2440

As mulheres acima de 60 anos em sua maioria, ganham até um salário mínimo ou entre 1 e 2 salários mínimos. As mulheres entre 25 e 34 anos são as que mais ganham mais de 5 salários mínimos. Entre as mulheres que ganham até 1SM, a maioria tem de 45 a 59 anos ou mais de 60 anos. Já as que ganham mais de 5SM, a maioria tem de 25 a 34 anos. Nesse sentido, na medida em que as mulheres vão ficando mais velhas, sua renda tende a diminuir.

Renda por idade



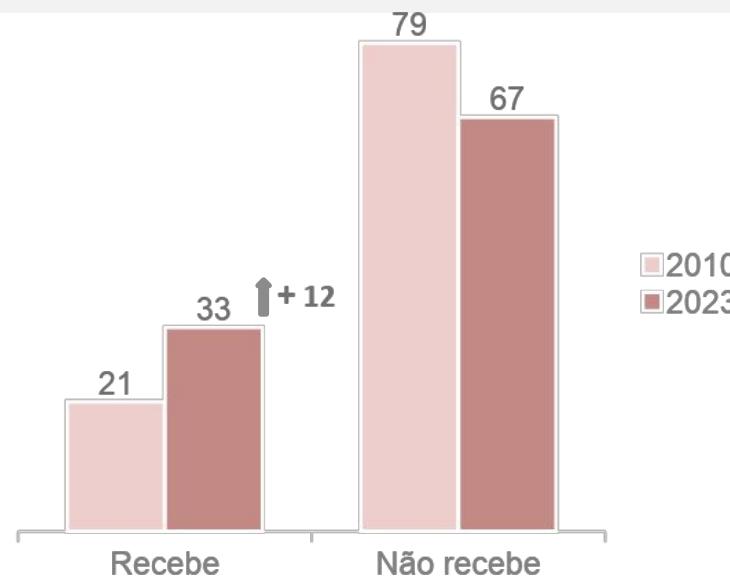
Idade por renda



Espontânea e múltipla | Base: Amostra Total Mulheres - 2440 casos

O número de mulheres assistidas por benefícios ou programas sociais aumentou cerca de 50%, de 2010 para 2023. Era 21% e atualmente chega a 33%, o que corresponde a 28.011.978 mulheres atendidas por algum benefício social .

% ENTREVISTADA E/OU ALGUM MORADOR DO DOMICÍLIO
QUE RECEBE ALGUM BENEFÍCIO OU PROGRAMA



Vale notar o foco das políticas de distribuição de renda nas mulheres de baixa renda e em reparar minimamente as desigualdades raciais. Uma parcela de 47% das mulheres com renda familiar inferior a 1 salário mínimo recebe o Bolsa Família e entre as mulheres negras (pretas e pardas) 38% são beneficiárias desse programa, enquanto 23% entre as brancas são atendidas. Cerca de um terço das mulheres que tem mais de 3 filhos recebem benefícios de programas sociais e esses atingem a 38% daquelas que são a principal responsável pelo domicílio. Nas regiões Norte e Nordeste, mais de 40% das mulheres recebem algum benefício ou programa social (47% e 41%, respectivamente).

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO – Religião | Evolução

Espontânea e múltipla | Base: Total Amostra Mulheres – 2440 / Homens – 1221 casos

Comparativamente às edições anteriores da pesquisa, a adesão a religião católica reduziu entre as mulheres e os homens.

A religião evangélica oscilou positivamente desde 2001 (4 p.p., entre as mulheres e 2 pontos entre os homens) e as demais religiões mantiveram-se estáveis.

Ganha força a menção a não ter religião, que entre as mulheres, em 2001 e 2010, era de 5% e em 2023 chega a 18% e entre os homens era de 9% em 2010 e agora atinge 23%.

MULHERES (%)	2001	2010	2023
CATÓLICA	69	63	47
EVANGÉLICA	22	25	26
ESPÍRITA / KARDECISTA	3	4	2
UMBANDA	1	1	2
CANDOMBLÉ	0	1	1
ADVENTISTA	-	-	1
OUTRAS RELIGIÕES	3	4	1
ACREDITA EM DEUS, MAS NÃO TEM RELIGIÃO	5	5	5
É AGNÓSTICA / NÃO SABE SE DEUS EXISTE	-	1*	1
É ATEIA / NÃO ACREDITA EM DEUS	-		-
NÃO TEM RELIGIÃO	-	-	13
NÃO RESPONDEU	-	-	1

HOMENS (%)	2010	2023
CATÓLICA	65	44
EVANGÉLICA	20	22
ESPÍRITA / KARDECISTA	3	2
CANDOMBLÉ	0	2
UMBANDA	1	1
ADVENTISTA	-	1
OUTRAS RELIGIÕES	3	2
ACREDITA EM DEUS, MAS NÃO TEM RELIGIÃO	9	5
É AGNÓSTICO / NÃO SABE SE DEUS EXISTE	1*	1
É ATEU / NÃO ACREDITA EM DEUS		1
NÃO TEM RELIGIÃO	-	18
NÃO RESPONDEU	-	1

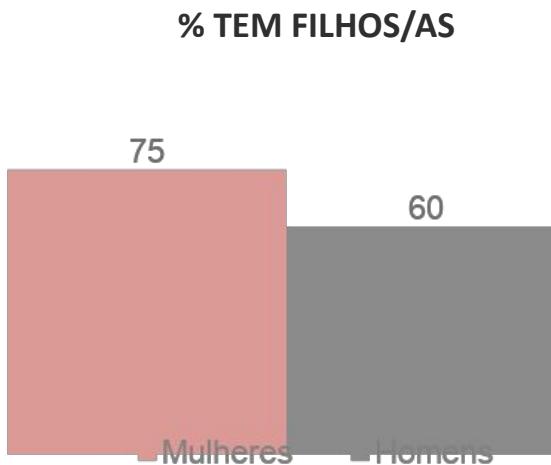
- Em 2001 e 2010 a pergunta foi estimulada “Apenas para classificação, eu vou ler uma lista de religiões para que você me indique quais são as suas.”. Por isso não há citação para “Não tem religião”. Em 2023 a pergunta foi espontânea “Qual é a sua religião?”
- Em 2001/2010 “É agnóstica/o, não sabe se Deus existe” e “É ateia/u, não acredita em Deus” foram trabalhadas como uma única categoria. Em 2023 foram categorias de respostas separadas.

As mulheres que mais se declaram católicas são as com idade entre 45 e 60 anos (52%) ou acima de 60 anos (62%), as com menor escolaridade (62% com ensino fundamental I), as aposentadas (66%) e as que votaram em Lula (54%). A religião evangélica está mais presente entre as desalentadas (36%), as residentes nas regiões Norte e Centro-Oeste (33%) e as que votaram em Bolsonaro (42%). As mais jovens, de até 24 anos, são as que mais afirmam não ter religião (23%).

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO – Estado conjugal | 2023

Estimulada e única | Bases: Total das amostras – 2440 Mulheres / 1221 Homens

Três em cada 4 mulheres têm filhos (75%). Entre os homens, 60% têm filhos. O número médio de filhos caiu entre mulheres e homens.



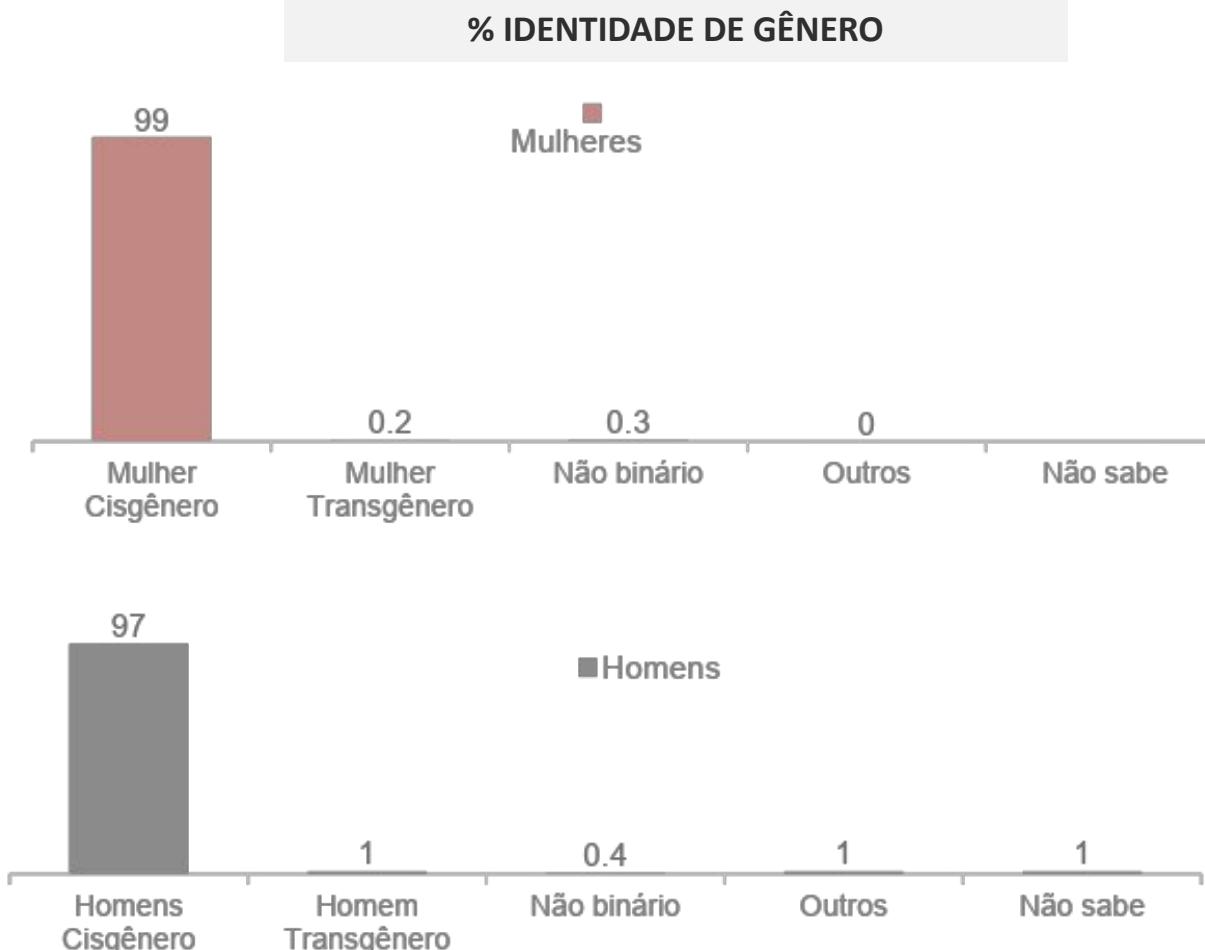
TOTAL (%)	MULHERES			HOMENS	
	2001	2010	2023	2010	2023
TEM FILHOS/AS	75	79	75	66	60
1	16	19	19	19	18
2	20	21	22	17	21
3	14	16	16	11	10
4	8	9	9	7	5
5	4	4	4	4	3
6	3	3	2	3	2
7 ou mais	9	8	4	4	3
NÃO TEM FILHAS/OS	25	21	24	34	38
MÉDIA	3,5	3,3	2,8	3,0	2,6



PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO – Identidade de gênero e orientação sexual | 2023

Estimulada e única | Base: Total das amostras – 2440 Mulheres / 1221 Homens

Nesta pesquisa, predomina a identificação como cisgênero entre mulheres (99%) e homens (97%), e a orientação heterossexual entre 88% das mulheres 92% dos homens.



% ORIENTAÇÃO SEXUAL

Em %	MULHERES	
	2010	2023
HETEROSEXUAL	98	88
BISSEXUAL	1	5 ↑ + 4
ASSEXUAL	-	3
HOMOSSEXUAL	-	2
PANSEXUAL	-	1
NÃO RESPONDEU	-	1

A taxa de mulheres bissexuais cresceu, principalmente entre as jovens de 15 a 17 anos (15%) e de 18 a 24 anos (10%) e as estudantes (11%).

(Foram apresentados cartões para as duas perguntas, com as seguintes alternativas:

P2 M TT / P2 H TT. Em relação ao seu gênero, como você se identifica?: 1. Se identifica como mulher e nasceu com órgãos sexuais femininos (CISGÊNERO); Se identifica como mulher e nasceu com órgãos sexuais masculinos (TRANSGÊNERO); Não se identifica exclusivamente nem como mulher nem como homem, independente dos órgãos sexuais que nasceu (NÃO BINÁRIO)

P3 M TT / P3.H TT. Você sente atração e/ou se relaciona sexual e afetivamente com: 1. Mulheres e homens (Pessoas do gênero feminino e masculino) – Bissexual; 2. Homens (Pessoas do gênero masculino) – Heterossexual; 3. Mulheres (Pessoas do gênero feminino) – Homossexual; 4. Diferentes pessoas, independente do gênero ou orientação sexual – Pansexual; 5. Sente atração sexual por ninguém, mas pode se relacionar afetivamente – Assexual)



1 | IMAGEM DAS MULHERES

- A despeito das diversas legislações aprovadas em favor da maior proteção dos direitos das mulheres, como a Lei Maria da Penha, de 2006, Lei do Feminicídio, de 2015 e a atual Lei da Igualdade Salarial entre homens e mulheres, de 2023, a percepção de melhora na situação das mulheres em relação ao passado caiu cerca de 20 pontos percentuais na última década.
- A opinião de que há mais coisas boas em ser mulher, ainda que supere a de que há mais coisas ruins, perdeu cerca de 10 pontos percentuais.
- A maternidade, tradicionalmente vista como a melhor coisa em ser mulher também sofre queda de menções de mais de 10 pontos percentuais, muito provavelmente afetada pelo deslocamento de prioridades entre as mulheres, sobretudo as mais jovens e mais escolarizadas.
- Entre as piores coisas em ser mulher, o machismo/ discriminação social desponta como a principal delas, juntamente com a violência contra a mulher, ambas com crescimento expressivo.
- Mulheres e homens concordam que as principais diferenças entre gêneros se situam no mercado de trabalho, mas essa percepção perde ênfase e, entre as mulheres, se aproxima da discriminação social e machismo.
- O percentual dos que acham que não há diferenças entre homens e mulheres também caiu significativamente entre os dois públicos (9p.p. entre as mulheres e 8 p.p. entre os homens)
- As mudanças que as entrevistadas mais reivindicam para que a vida de todas as mulheres melhore dizem respeito ao mercado de trabalho e ao combate à violência de gênero.

IMAGEM DAS MULHERES – Situação das mulheres e percepção de ser mulher/ser homem | Evolução

Estimulada e única | Bases Total das amostras - 2440 Mulheres | 1221 Homens

A percepção de que a situação atual da mulher no Brasil está melhor caiu significativamente. Em 2001 65% das mulheres avaliavam que a situação das mulheres no Brasil era melhor que no passado, em 2010, 74% das entrevistadas tinham essa opinião e atualmente apenas pouco mais da metade (54%) acreditam que a situação das mulheres nos dias de hoje está melhor que no passado.

Embora ainda predomine a percepção de que há mais coisas boas em ser mulher, essa também reduziu e uma em cada 4 entrevistadas considera que há mais coisas ruins em ser mulher. A visão dos homens em relação à situação das mulheres é mais positiva. Cerca de dois terços (62%) consideram que a situação da mulher está melhor hoje do que no passado. Ainda assim, mais de metade dos homens (59%) percebe mais coisas boas em ser homem em comparação à ser mulher.

Em %	MULHERES		
	2001	2010	2023
SITUAÇÃO DAS MULHERES NOS DIAS DE HOJE			
Está melhor	65	74	54  - 20
Está pior	24	19	28  + 9
Não teve mudanças	10	6	15
Não sabe / Não respondeu	2	1	3
TEM MAIS COISAS BOAS OU RUINS EM SER MULHER			
Tem mais coisas boas	58	68	58  - 10
Tem mais coisas ruins	21	14	25  + 11
Ambas na mesma proporção	20	17	13
Não sabe	-	2	4

Em %	HOMENS	
	2010	2023
SITUAÇÃO DAS MULHERES NOS DIAS DE HOJE		
Está melhor	-	62
Está pior	-	25
Não teve mudanças	-	10
Não sabe / Não respondeu	-	3
TEM MAIS COISAS BOAS OU RUINS EM SER HOMEM EM COMPARAÇÃO ÀS MULHERES		
Tem mais coisas boas	68	59  - 9
Tem mais coisas ruins	10	9
Ambas na mesma proporção	21	24
Não sabe / Não respondeu	1	8

P6 M TT / P6 H TT. Em comparação com a vida há uns 20 ou 30 anos atrás, você diria que a situação das mulheres no Brasil hoje está melhor, pior ou não teve mudanças? (Se disser que não sabe/não lembra) Mas pelo que você imagina ou ouviu falar, você diria que a situação hoje das mulheres está melhor, pior ou não teve mudanças?

P7 M TT. Você diria que tem mais coisas boas ou mais ruins em ser mulher? / P7 H TT. Em comparação às mulheres, você diria que tem mais coisas boas ou ruins em ser homem?

www.fpabramo.org.br

IMAGEM DAS MULHERES – Melhores e piores coisas em ser mulher | Evolução Mulheres

Esportânea e múltipla | Base: Amostra Mulheres 1 – 820 casos

A maternidade, embora ainda seja considerada uma das melhores coisas em ser mulher para 43% das entrevistadas, perdeu força, com queda de mais de 10 pontos percentuais. O mesmo ocorre, com menor ênfase, para aspectos relacionados a estereótipos de gênero, como ser bonita, vaidosa, mais batalhadora, etc.

Em 2023, a percepção sobre a discriminação social/ machismo e da violência contra a mulher despontam como as piores coisas em ser mulher e atinge 23% e 21% de menções. Já o mercado de trabalho, apontado por 10% das entrevistadas entre as piores coisas de ser mulher, foi menos evidenciado que em 2010.

% MELHORES COISAS	2001	2010	2023
Maternidade / filhos	55	57	43 - 14
Estereótipos de gênero**	23	23	19 - 4
Liberdade / independência social	11	14	13
Mercado de trabalho	13	17	10 - 7
Casamento / marido / família	15	16	9
Independência econômica	9	8	5
Trabalho doméstico	10	7	4
Direitos	4	6	4
Educação / estudos	2	3	1
Direitos políticos	1	1	1
Outras respostas	4	3	3
Não há nada de melhor	2	1	2
Não sabe / Não respondeu	3	7	15*

* 2023: Não sabe - 8% / Recusa/Não respondeu - 7%

** Em 2001 e 2010 a categoria “Estereótipos de gênero” foi nomeada como “Atributos femininos”.

*% PIORES COISAS	2001	2010	2023
Discriminação social / machismo	18	19	23 + 4
Violência contra a mulher	11	14	21 + 7
Mercado de trabalho	14	16	10 - 6
Saúde da mulher	13	12	8
Casamento / marido / família	16	12	6
Maternidade / filhos	16	12	5
Trabalho doméstico	11	9	5
Estereótipos de gênero**	4	6	4
Dupla jornada	4	5	2
Sexualidade e relações amorosas	5	4	1
Não ter liberdade / independência social	3	2	1
Outras respostas	3	5	4
Não há nada de pior	7	11	11
Não sabe / Não respondeu	3	8	12*

* 2023: Não sabe - 11% / Recusa/ Não respondeu - 1%

IMAGEM DAS MULHERES – Principais diferenças entre mulheres e homens | Evolução

Espontânea e múltipla | Base: Amostra Mulheres 2 – 811 / Homens 2 – 598 casos

Para mulheres (26%) e homens (22%) as principais diferenças entre os gêneros dizem respeito ao mercado de trabalho. Discriminação social/machismo é fortemente percebida entre as mulheres (23%) e menos entre os homens (14%). O mesmo percentual de homens e mulheres vinculam as diferenças existentes a estereótipos de gênero (14%, para ambos).

PARA MULHERES (%)	2001	2010	2023	
Mercado de trabalho	34	35	26	↓ - 9
Discriminação social / machismo	23	18	23	↑ + 5
Estereótipos de gênero**	13	20	14	↓ - 6
Liberdade / independência social	15	12	10	
Violência contra a mulher	3	4	7	
Sexualidade e relações amorosas	8	6	4	
Maternidade / filhos	7	5	4	
Casamento / marido / família	1	2	2	
Dupla jornada	8	6	2	
Trabalho doméstico	9	7	2	
Independência econômica	3	3	1	
Outras respostas	4	8	2	
Não há diferenças entre homens e mulheres	20	20	11	
Não sabe / Não respondeu	2	7	20*	

* 2023: Não sabe - 19% | Não respondeu - 1%

PARA HOMENS (%)	2010	2023	
Mercado de trabalho	34	22	↓ - 12
Discriminação social / machismo	11	14	
Estereótipos de gênero**	15	14	
Liberdade / independência social	13	11	
Sexualidade e relações amorosas	7	6	
Violência contra a mulher	2	3	
Trabalho doméstico	4	2	
Casamento / marido / família	2	1	
Maternidade / filhos	6	1	
Independência econômica	1	1	
Dupla jornada	1	1	
Outras respostas	11	6	
Não há diferença entre homem e mulher	27	19	
Não sabe / Não respondeu	4	23*	

* 2023: Não sabe - 21% | Não respondeu - 3%

** Em 2001 e 2010 a categoria “Estereótipos de gênero” estava nomeada como “Atributos femininos”.

As mulheres que mais observam as principais diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho são as mais jovens (33%), as pretas (36%), as com curso superior (42%), renda familiar acima de 3 salários-mínimos, as que atuam no mercado formal de trabalho, as estudantes (32%) e as que se consideram feministas (31%).

A identificação do machismo/discriminação social contra mulheres é maior entre as mais jovens (36%, 15 a 17 anos), as estudantes (37%), as que vivem em domicílios com renda entre 3 e 5 salários mínimos e as que se consideram feministas (30%, ambas).

Esportânea e única | Base: Amostra Mulheres 2 – 811 casos

Ainda que represente enormes conquistas, o mercado de trabalho é o espaço onde a diferença entre mulheres e homens mais se evidencia e a primeira coisa que as mulheres mudariam para que a vida de todas fosse melhor.

A violência contra a mulher também é um problema que merece intervenção segundo 18% das entrevistadas, além da ampliação de direitos (13%).



No trabalho eu acho que teria que ter a cota. Vamos supor tem 30 homens trabalhando e 5 mulheres. Eu acho que teria que ter mais espaço para a mulher também.”

(EP 08, 36 anos, CIS, São Paulo, branca, católica, autônoma, Renda Fam. R\$ 8.000,00, ens. médio, casada, hétero, 1 filho)

“A segurança da mulher. Do direito dela ir e vim. De ninguém matá-la. De ninguém constrangê-la. O direito à educação. O direito ao trabalho.” (EP 28, 41 anos, CIS, Manaus, branca, protestante, CLT, Renda Fam. R\$ 2.000,00, ens. superior, divorciada, hétero, 3 filhos)

“A violência. A primeira coisa que eu faria! Acabar! Exterminar! Sumir com a violência da face da terra com uma mulher. Seria a primeira coisa. O primeiro tópico que eu faria para mudar tudo!” (EP 04, 37 anos, TRANS, Cuiabá, parda, evangélica, autônoma, Renda Fam. R\$ 2.100,00, ens. médio, casada sem registro, hétero, sem filhos)

- O feminismo está principalmente associado à luta por direitos e liberdade de expressão, tanto entre as mulheres quanto entre os homens. Essa compreensão oscilou positivamente entre as mulheres e aumentou cerca de 10 pontos percentuais entre os homens desde 2010 (22% a 32%).
- Todas as demais respostas acerca do que se entende por feminismo teve o número de menções reduzidas em 2023, comparativamente a 2010.
- Chama a atenção o alto número de pessoas que não responderam ou disseram não saber nada sobre o que é feminismo (50% entre as mulheres e 45% entre os homens), números que atingem mais que o dobro do apurado na edição anterior, de 2010.
- A alta taxa de desconhecimento sobre o feminismo justifica o índice de mulheres não se considere feministas - 50%. Essa taxa sofreu um aumento de 10 pontos percentuais na última década.
- Quanto ao machismo, mais de 90% da população e, em especial, 94% dos homens, reconhecem sua existência no Brasil e a grande maioria sabe o que é, mas apenas 11% dos homens se declaram machistas.
- A visão de que o machismo é o poder do homem em relação à mulher se mantém como a principal definição do machismo, mas ganha força entre as mulheres a compreensão de que o machismo é a relação de poder do homem sobre todas as outras pessoas.
- Duas em cada dez mulheres já se sentiram discriminadas por ser mulher e 15% por serem mães. Essa realidade é bastante diferente entre os homens. A discriminação pelo fato de ser homem foi apontada por apenas 11% e 3% se sentiram discriminados por serem pais.
- A discriminação por gênero entre as mulheres é tão citada quanto a discriminação devido à condição econômica ou raça. Já entre os homens a discriminação por gênero é metade da discriminação sofrida por condição econômica ou raça.

IMAGEM DAS MULHERES – O que entende sobre feminismo | 2023

Esportânea e múltipla | Base: Total das amostras – 2440 Mulheres / 1221 Homens

Mulheres e homens, compartilham da mesma compreensão acerca do feminismo. Cerca de um terço das mulheres (30%) e dos homens (32%) vinculam coerentemente o feminismo à luta por direitos e liberdade de expressão. O mesmo percentual de homens e mulheres associam o feminismo à mulheres livres e independentes (9%).

Por outro lado, uma parcela de 6% de homens e mulheres, equivocadamente, relacionam feminismo a “estereótipos do feminino”. Menções a visões negativas e estereotipadas do feminismo, como superioridade, autoritarismo e radicalismo das mulheres teve redução, entre homens e mulheres.

Importante ressaltar que metade das mulheres entrevistadas não respondeu o que entende sobre feminismo (46% não sabem e 4% disseram não entender nada sobre o feminismo), assim como 45% dos homens (41% não sabem e 4% não entendem nada sobre feminismo). Essa taxa praticamente dobrou em relação a 2010, para ambos.

Em %	MULHERES (%)		HOMENS (%)		
	2010	2023	2010	2023	
Lutar pelos direitos / liberdade de expressão	27	30	22	32	↑ +10
Mulheres livres / independente socialmente	26	9 ↓ -17	21	9 ↓ -12	
Vincula feminismo a estereótipos de feminino	15	6	12	6	
Igualdade de direitos relacionados ao trabalho	7	5	9	4	
Visões contra o feminismo	-	4	-	4	
Superioridade da mulher	12	3	19	4	
Mulheres que lutam por leis que favorecem mulheres	-	3	-	3	
Mulheres autoritárias / radicais	8	2	16	4	
Mulheres que têm opiniões diferentes / querem ser diferentes dos homens	-	1	-	1	
Mulheres que querem comandar a casa / o marido	-	-	-	1	
Outras respostas	10	3	12	3	
Não entende nada	-	4 ↑ +27	-	4 ↑ +26	
Não sabe / Não respondeu	23	46*	19	41*	

* 2023: Mulheres - Não sabe 1% | Não respondeu 45% / Homens - Não sabe 4% | Não respondeu 37%

IMAGEM DAS MULHERES – Se considera Feminista | Evolução

Estimulada e única | Bases: Total das amostras – 2440 Mulheres

Cerca de 3 em cada 10 mulheres se consideram feministas (28%), metade (50%) não se considera e 22% que não sabem se classificar ou não sabem o que é feminismo.

O percentual de mulheres que se consideram feministas caiu. O crescimento observado entre 2001 e 2010 (de 22% para 34%), sofreu redução em 2023 (28%).

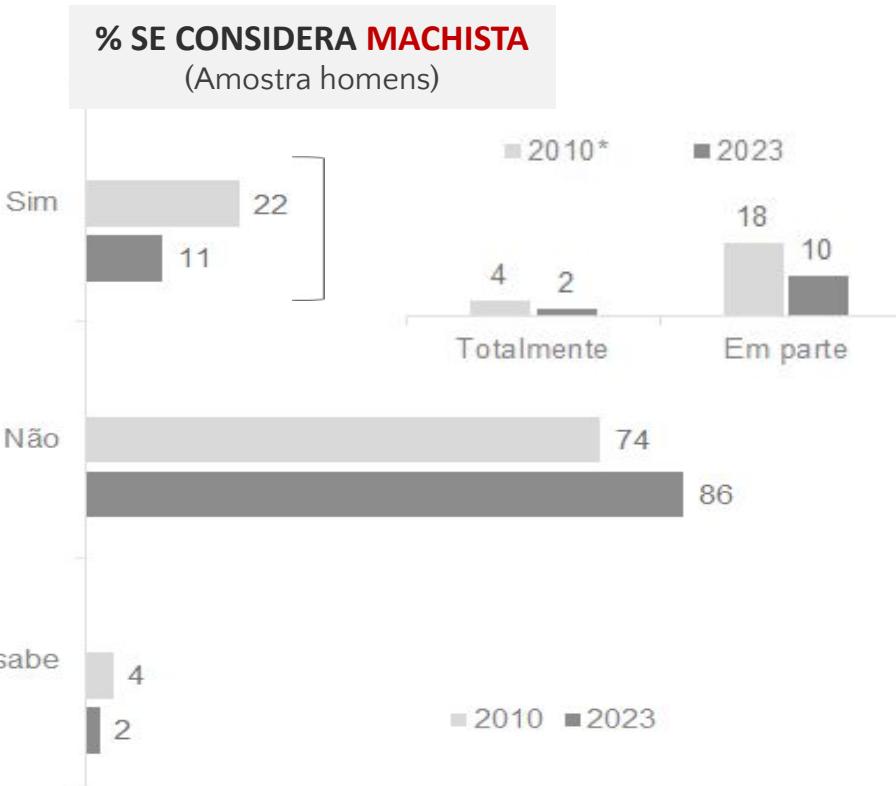


As mulheres mais jovens são as que mais se identificam como feministas (41%, de 15 a 17 anos e 36%, de 18 a 24 anos), assim como as mais escolarizadas (41, com ensino superior) e as com renda superior a 3 salários mínimos (38%). Estudantes (39%) e as LGBTQIA+ também guardam maior identificação com o feminismo (38%).

IMAGEM DAS MULHERES – Se considera Machista | Evolução

Estimulada e única | Bases: Total das amostras – 1221 Homens

Embora a grande maioria (94%) dos homens admite que existe machismo no Brasil, a maioria (86%) não se considera machista e apenas um em cada 10 se considera (11%). O percentual de entrevistados que se consideram machistas caiu de 22%, em 2010, para metade em 2023.



* 2010 – Para homens a escala utilizada foi “Muito machista” e “Pouco machista”
2023 – “Totalmente machista” e “Em parte”

IMAGEM DAS MULHERES – Existência e entendimento sobre machismo | Evolução

Estimulada e única | Bases: Total das amostras – 2440 Mulheres / 1221 Homens

Espontânea e múltipla | Amostra M3 – 810 / H2 – 598 casos

A maioria das mulheres (96%) e dos homens (94%) admite que existe machismo no Brasil. Entre as mulheres é maior o entendimento de que existe muito machismo (82%, contra 67% entre os homens). A principal compreensão que cerca de dois terços das mulheres (67%) e homens (62%) têm sobre o machismo é “o poder do homem em relação a mulher” e 2 a cada 10 entrevistados associam o machismo à relação de poder do homem sobre outras pessoas.

% EXISTÊNCIA DO MACHISMO	MULHERES			HOMENS	
	2001	2010	2023	2010	2023
EXISTE	89	94	96	90	94
Muito	73	67	82 ↑ +14	58	67 ↑ +9
Existe mais ou menos	-	22	11	*	21
Pouco	17	5	3	31	6
NÃO EXISTE	2	2	1	5	3
NÃO SABE SE EXISTE	1	1	1	2	1
NÃO SABE O QUE É	8	3	2	2	2

* Em 2010, para Homens essa pergunta contou com 2 categorias de respostas -

“Existe muito e Existe um pouco”. Em 2023 foram 3 categorias de respostas.

% ENTENDIMENTO SOBRE O MACHISMO	MULHERES			HOMENS	
	2001	2010	2023	2010	2023
Poder do homem em relação à mulher	78	81	67 ↓ -14	80	62 ↓ -18
Relação de poder do homem sobre outras pessoas	20	16	21 ↑ +5	24	19 ↓ -5
Outras respostas	-	3	4	3	6
Não entende nada	-	-	0	-	2
Não sabe / Não respondeu	7	8	14*	5	16*

* 2023 – Mulheres - Não sabe 12% | Não respondeu 2% / Homens - Não sabe 15% | Não respondeu 1%

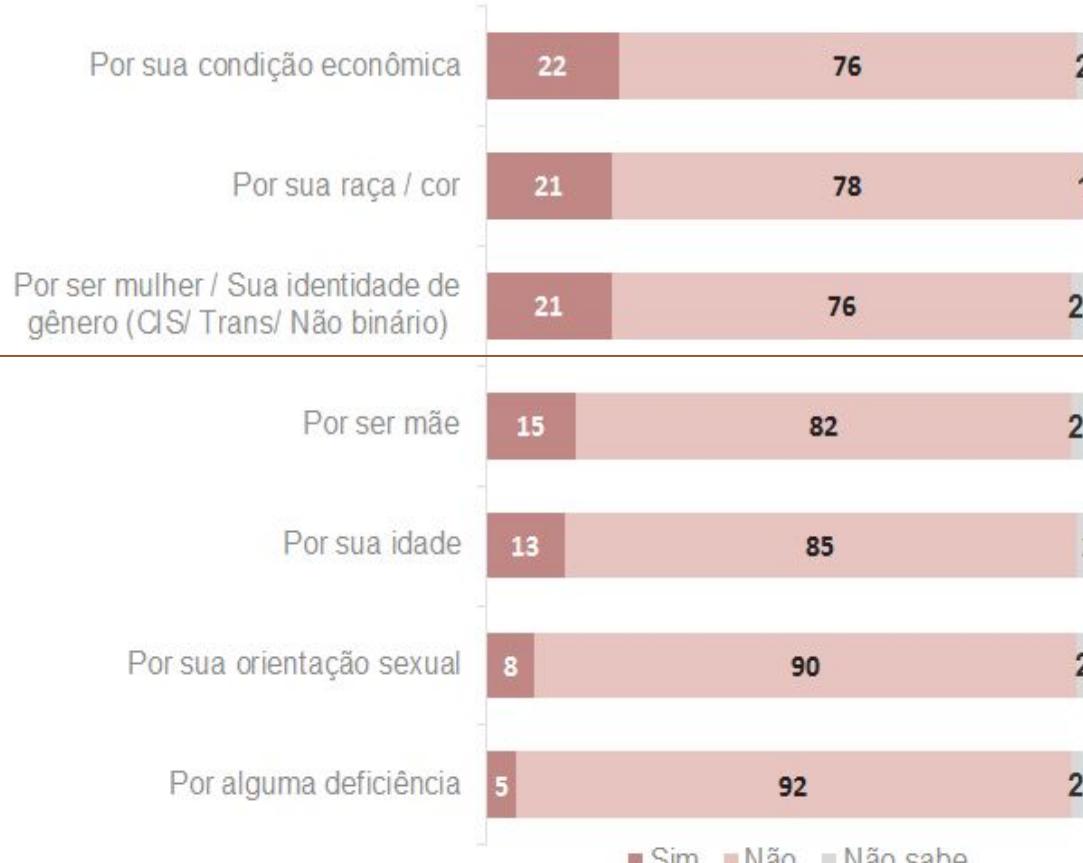
IMAGEM DAS MULHERES – Já se sentiu discriminada/o e/ou sofreu preconceito | 2023

Estimulada e única | Bases: Total das amostras – 2440 Mulheres / 1221 Homens

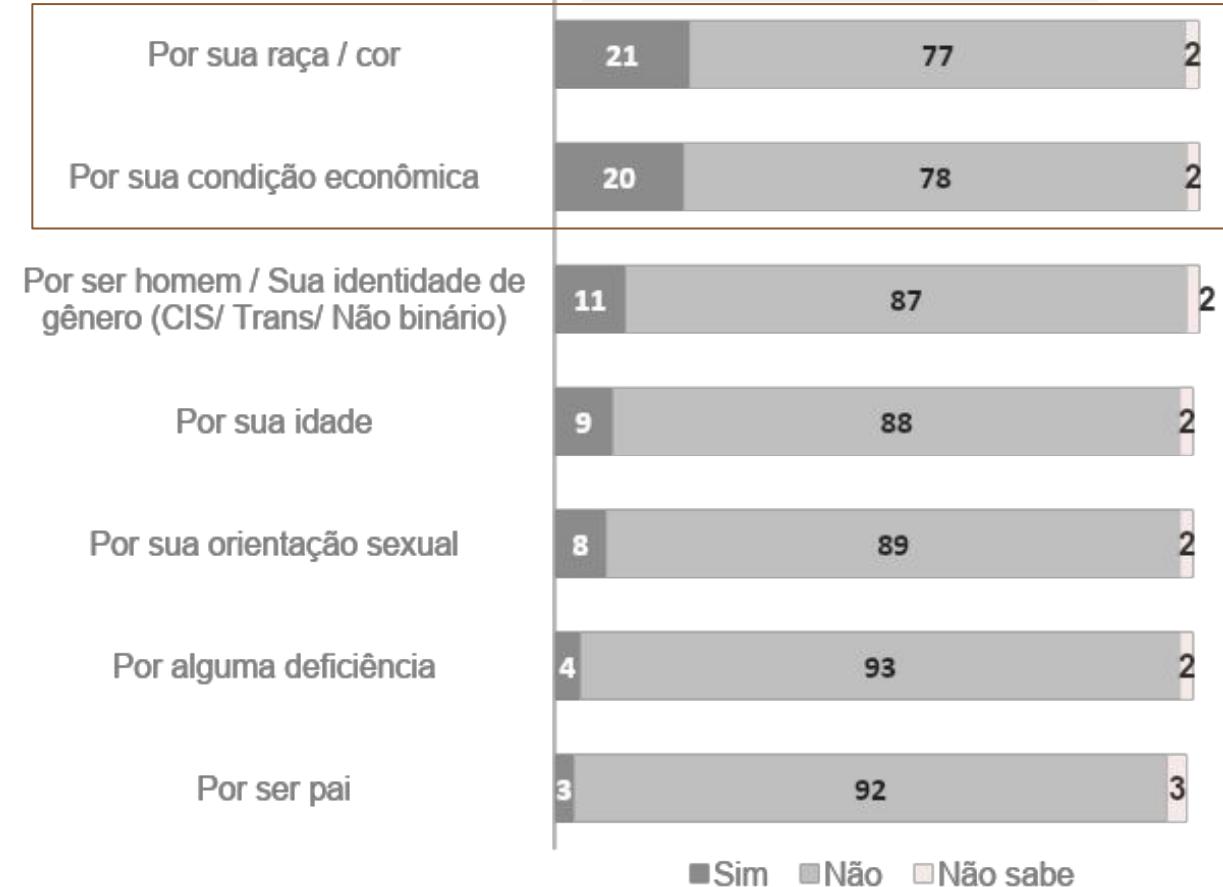
Condição econômica, raça ou cor e identidade de gênero são as principais causas de discriminação entre as mulheres. Cerca de 2 em cada 10 mulheres já se sentiram discriminadas por sua identidade de gênero (21%) e 15% pelo fato de serem mães.

Entre os homens, raça ou cor e condição econômica, são também os principais fatores de discriminação (21% e 20%, respectivamente), porém o fato de serem homens ou pais são apontados por índice bastante inferior ao das mulheres (11% e 3%, na ordem).

MULHERES (%)



HOMENS (%)



Outros tipos de discriminação – Mulheres 4% | Homens 7%

CORPO, SEXUALIDADE E SAÚDE DAS MULHERES

- Iniciação sexual, acompanhamento ginecológico, prevenção de IST, contracepção, gravidez na adolescência, gestações, partos e interrupções de gravidez compõem a complexidade desse tema.
- Nossa amostra captou o aumento de 8 pontos percentuais no índice de mulheres que têm sua primeira relação sexual até os 15 anos de idade, chegando a 30% (era 22% em 2010).
- A maior parcela das mulheres sente atração sexual e se relaciona sexualmente apenas com homens, mas esse índice caiu 10 pontos percentuais em relação a 2010. Atualmente, 4% se declaram bissexuais, 2% dizem sentir atração somente por mulheres e ainda 5% não sentem atração sexual por ninguém. Embora esses números não necessariamente correspondam às práticas, é possível notar queda no percentual de heterossexualidade.
- São principalmente as mulheres mais jovens, mas também as que já sofreram violência, sobretudo sexual, as que mais se declaram bissexuais. Essas últimas são também as que mais declaram não sentir atração sexual por ninguém
- A escola é a principal fonte de informações sobre sexualidade entre as mulheres (24%), principalmente para uma geração de mulheres com idade entre 18 a 34 anos. Mas o desejo de que esse tipo de informação seja oferecido pela família é bastante recorrente (74% gostariam de receber informações sobre sexualidade pela mãe e 45% pelo pai).

CORPO E SEXUALIDADE – Idade da primeira relação sexual | Evolução

Espontânea e única | Base: Total das amostras – 2440 Mulheres / 1221 Homens

A grande maioria das mulheres (92%), com mais de 15 anos já teve relação sexual, índice semelhante ao dos homens (93%).

Mulheres têm a primeira relação sexual, em média, aos 17 anos e 3 meses e entre os homens, a primeira relação sexual ocorre em média na faixa dos 15 anos e 8 meses.

Cerca de um terço das mulheres (30%) tem a primeira relação sexual até os 15 anos (7% antes dos 13 anos, 8% aos 14 anos e 15% aos 15 anos). Somada às que tem a primeira relação entre 16 e 17 anos (23%), mais da metade das mulheres (53%) inicia a vida sexual antes dos 18 anos.

MULHERES %	2001	2010	2023
JÁ TEVE RELAÇÃO SEXUAL	88	90	92
Até 13 anos	6	5	7
14 anos	6	21	22
15 anos	9	11	15
16 anos	10	11	11
17 anos	10	11	12
18 anos	11	14	13
19 a 24 anos	28	23	18
25 anos ou mais	6	6	4
Não lembra a idade	-	-	3
NÃO TEVE RELAÇÃO SEXUAL	12	9	5
NÃO RESPONDEU	1	2	3
Média de idade	18a2m	18a1m	17a3m

Entre os homens, a primeira relação antes dos 13 anos é relativamente comum (16%) e ainda mais comum até os 15 anos (43%). Dois terços (66%) tiveram a primeira antes dos 18 anos.

HOMENS %	2010	2023
JÁ TEVE RELAÇÃO SEXUAL	94	93
Até 13 anos	16	16
14 anos	14	45
15 anos	15	16
16 anos	16	13
17 anos	11	10
18 anos	8	10
19 a 24 anos	9	7
25 anos ou mais	1	2
Não lembra a idade	-	9
NÃO TEVE RELAÇÃO SEXUAL	6	4
NÃO RESPONDEU	-	3
Média de idade	15a8m	15a8m

CORPO E SEXUALIDADE – Atração e relações sexuais | Evolução

Estimulada e única | Base: Total da amostra – 2440 Mulheres / 1221 Homens

Base: Entrevistadas/os que já tiveram relação sexual | Total da amostra – 2308 Mulheres / 1138 Homens

A heterossexualidade predomina entre as mulheres (88%) e tem maior ênfase entre os homens (93%). Há 4% de mulheres e 3% dos homens que afirmam orientação bissexual.

A taxa de mulheres que sente atração ou costuma ter relações sexuais só por/com homens vem caindo gradativamente, com oscilação positiva para mulheres que sentem atração e tem relação sexual só por/com mulheres (2%), por homens e mulheres (4%) ou não sentem atração por ninguém (5%).

Entre os homens, caiu 8 pontos o percentual dos que tem relações só com mulheres.

POR QUEM SENTE ATRAÇÃO SEXUAL

(entre quem já teve relação sexual)

POR QUEM SENTE ATRAÇÃO	MULHERES		HOMENS	
	2010*	2023	2010	2023
Só por homens	98	88	1	3
Só por mulheres	-	2	97	93
Por homens e mulheres	1	4	1	3
Não sente atração por ninguém (espontânea)	-	5	1	0
Não respondeu	-	1	-	1

Evolução apenas para a Amostra Mulheres

*Em 2010 a pergunta foi “Independentemente do que você já fez ou do que gostaria de fazer, você diria que sente atração:”

As mulheres que mais afirmam orientação bissexual são as jovens, com idade entre 15 e 17 anos (15%) ou entre 18 a 24 anos (11%), as estudantes (12%) e também aquelas que sofreram algum tipo de violência, sobretudo violência sexual (11%).

COSTUMA TER RELAÇÕES SEXUAIS

(entre quem já teve relação sexual)

	MULHERES			HOMENS	
	2001	2010	2023	2010	2023
Só com homens	97	94	82	12	3
Só com mulheres	-	-	2	97	89
Com homens e mulheres	-	-	1	1	2
Não costuma ter relações sexuais (espontânea)	3	5	14	1	5
Não respondeu	-	1	1	-	1

MULHERES

	2001	2010	2023
Sentiu muito prazer	51	42	45
Achou gostoso, bom	27	42	36
Não sentiu nada	5	2	4
Fez por obrigação	9	6	4
Foi um sofrimento	3	1	1
Outras respostas	2	1	1
Não respondeu	-	4	8

Evolução apenas para a Amostra Mulheres

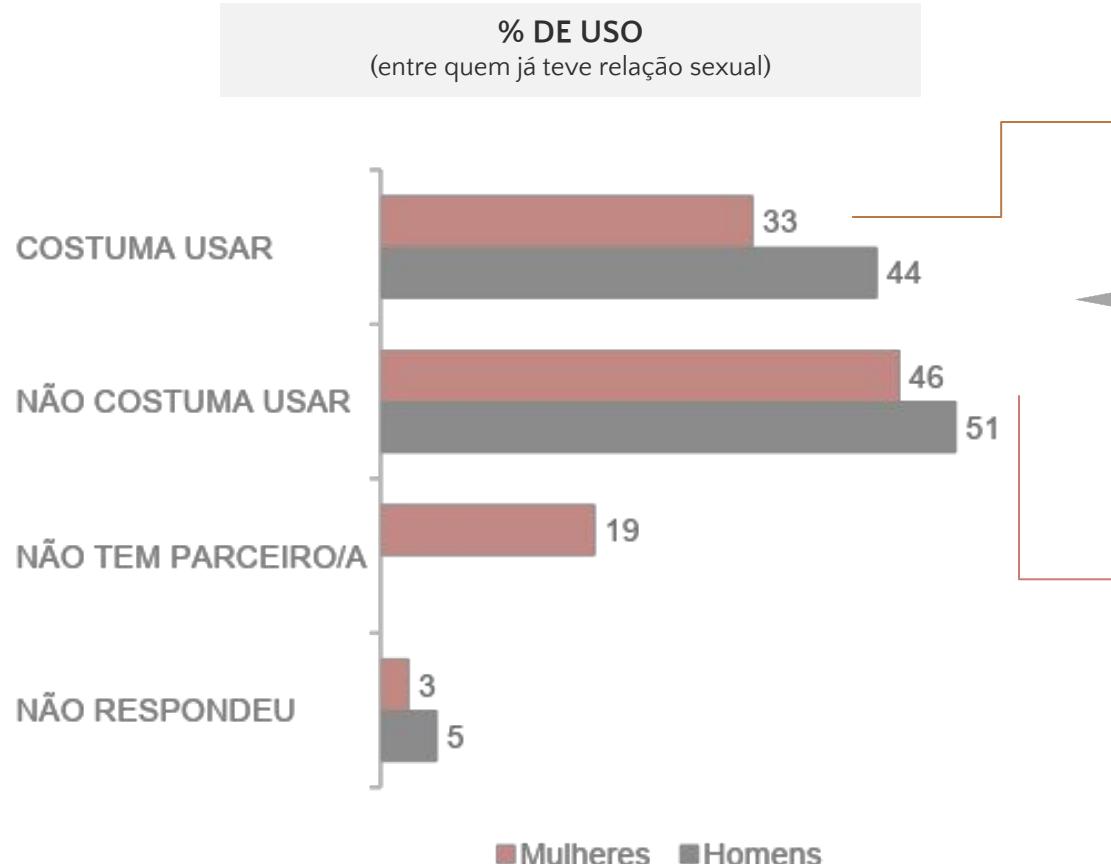
Base: Entrevistadas já tiveram relação sexual | Amostra Mulheres 2 – 767 casos

- A maioria das mulheres (75%) costuma fazer consultas regulares com ginecologistas, mas o desconforto, discriminação ou desrespeito ainda é recorrente nas consultas com esses profissionais, segundo 5% das entrevistadas.
- A falta de empatia é a principal razão de desconforto ou desrespeito nas consultas médicas, para 22% das que se sentiram discriminadas ou desconfortáveis em consultas com ginecologistas. O assédio é apontado por 19% delas, outras 18% relataram constrangimento devido ao desrespeito à privacidade e 15% devido a comentários desrespeitosos
- O planejamento familiar é algo distante da realidade das mulheres. A maior parcela de mulheres (46%) não costuma usar nada para evitar gravidez e apesar do amplo incentivo e distribuição de preservativos, apenas um terço das mulheres costuma usar camisinha.
- As razões para o não uso de preservativo estão principalmente associadas ao uso de outros métodos contraceptivos, mas também a relacionamentos considerados estáveis, assim como pela confiança no parceiro.
- A pílula do dia seguinte é amplamente conhecida e a utilização desse dispositivo para reduzir o risco de gravidez praticamente dobrou na última década, alcançando mais de um terço das mulheres
- A maioria das mulheres já engravidou alguma vez e 11% delas tiveram a primeira gravidez na adolescência, antes dos 15 anos.
- A violência obstétrica, seja física ou psicológica, ocorreu com cerca de um quarto das mulheres, índice semelhante ao de 2010.
- Exames dolorosos, negação de alívio para dor, falta de informação sobre os procedimentos, além de frases desrespeitosas são os principais tipos de violência obstétrica que as mulheres sofrem na hora do parto.
- O índice de gravidez interrompida se manteve estável em relação a 2010, porém com queda significativa quando comparado a 2001.
- Atualmente 23% das mulheres disseram que tiveram alguma interrupção de gravidez, sendo 21% espontâneas e 3% provocadas.
- A legislação atual sobre o aborto que considera crime a interrupção de gravidez na maioria das circunstâncias e a intensidade do debate contra essa prática, levam a crer que os números apurados provavelmente estão subestimados.

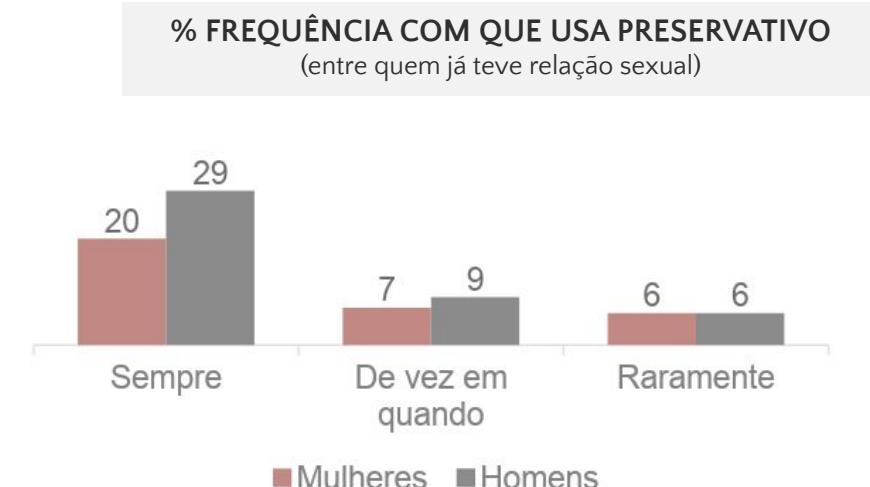
SAÚDE REPRODUTIVA – Uso de preservativo | 2023

Estimulada e única | Base: Entrevistadas/os que já tiveram relações sexuais / Amostra Mulheres 1 – 775 casos | Homens 1 – 579 casos

Quase metade das mulheres (46%) e dos homens (51%) não costumam utilizar preservativo. Um terço das mulheres (33%) e 44% dos homens costuma utilizar preservativos, mas apenas uma parcela de 20% das mulheres e 29% dos homens utiliza preservativos sempre.



“Uso preservativo. Porque eu não me sinto à vontade de usar aqueles remédios, de comprimidos, eu prefiro preservativo porque acho que é mais seguro para a minha saúde.” (EP 05, 27 anos, CIS, Manaus, branca, evangélica, autônoma, Renda Fam. R\$ 2.300,00, ensino superior, casada, hétero, 2 filhos)

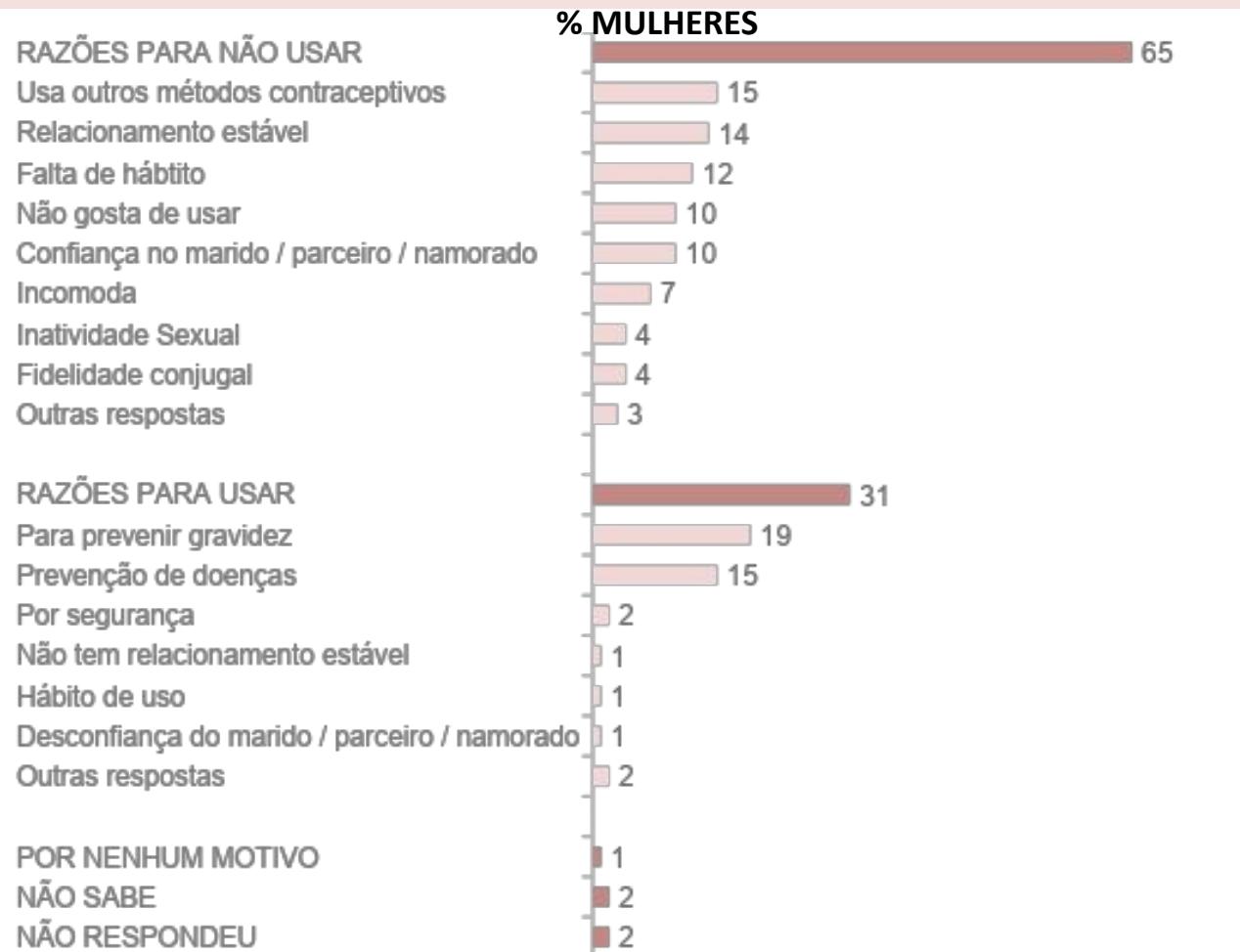


“Com ele não, porque, eu confio nele, sei que ele não sai com outras pessoas. Até porque eu falo muito abertamente com ele por ser da área da saúde. Eu morro de medo de HIV, Hepatite B. morro de medo dessas doenças... Então, assim, por isso que você prefere um parceiro.” (EP 60, 39 anos, CIS, São Paulo, branca, sem religião, autônoma, Renda Fam. R\$ 2.000,00, ensino médio, casada, hétero 3 filhos)

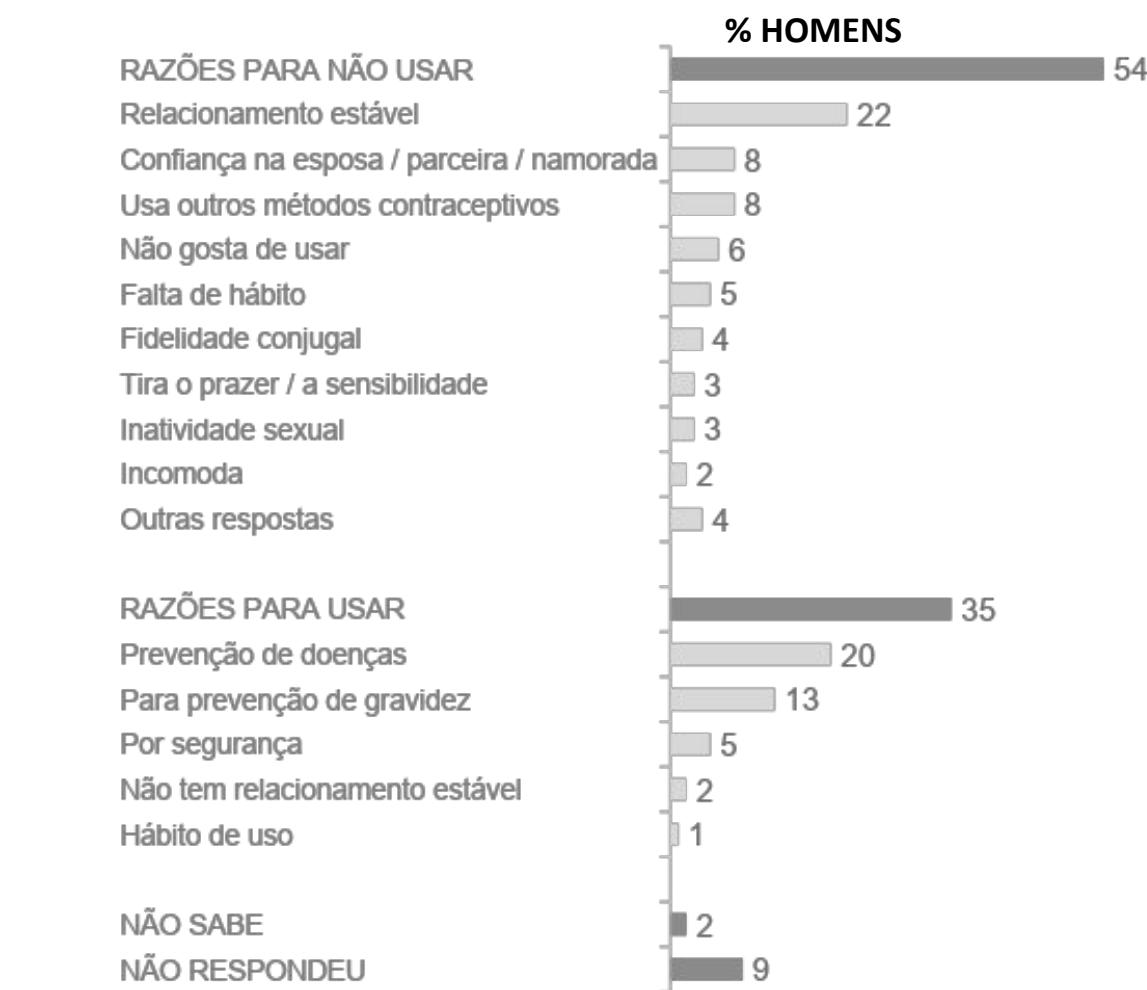
SAÚDE REPRODUTIVA – Razões para usar ou não usar preservativo | 2023

Espontânea e múltipla | Base: Entrevistadas/os que já tiveram relação sexual e disseram a frequência com que usam preservativo / Amostra M1 – 610 / Homens 1 – 579 casos

O uso de outros métodos anticoncepcionais e o fato de estar em um relacionamento estável são as principais razões para o não uso de camisinhas, associam-se a essas razões a falta de hábito e não gostar de usar, além da confiança no parceiro (10%) e fidelidade (4%). O uso entre as mulheres é principalmente para prevenir gravidez (19%) ou prevenção de doenças (15%).



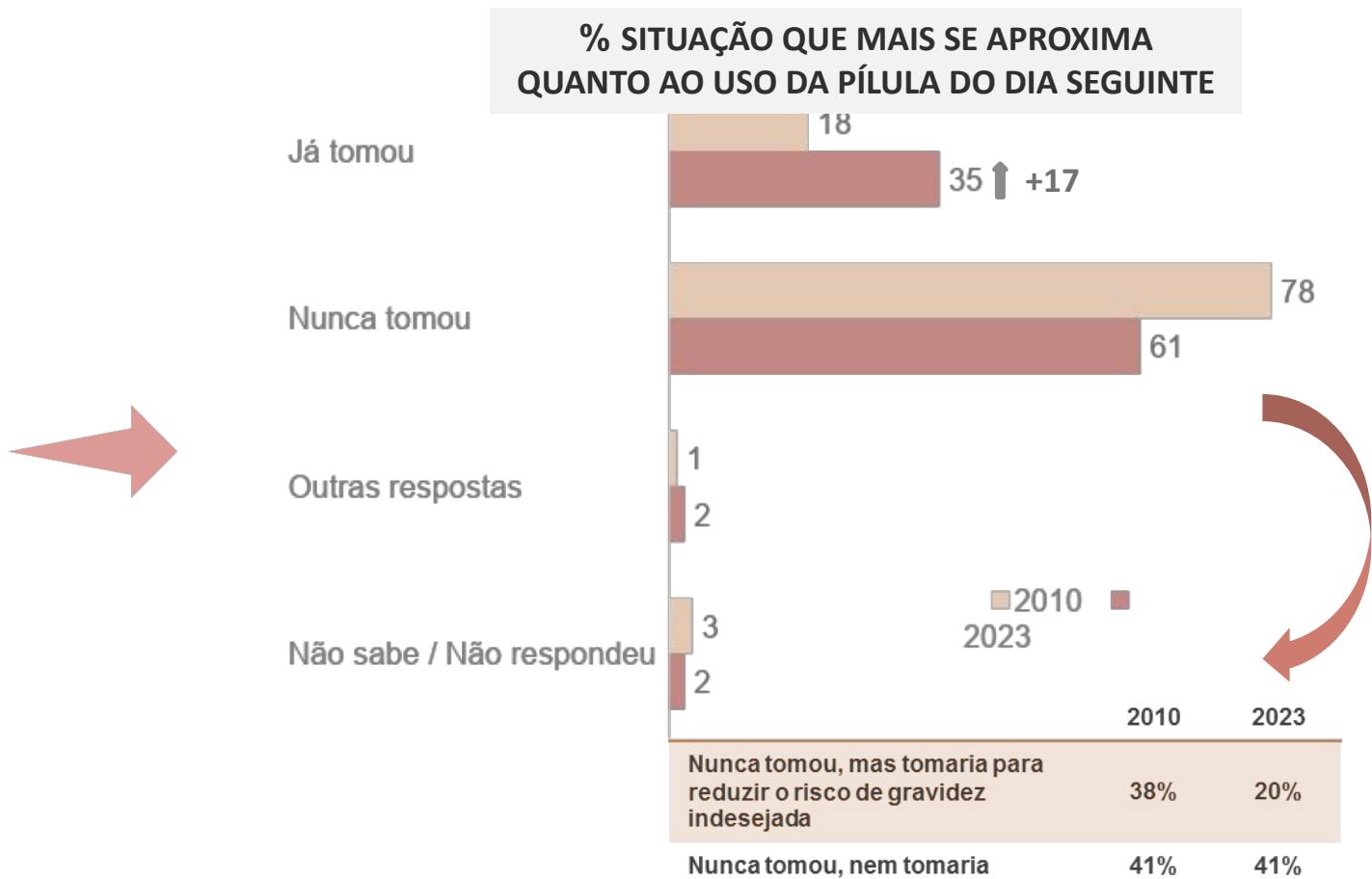
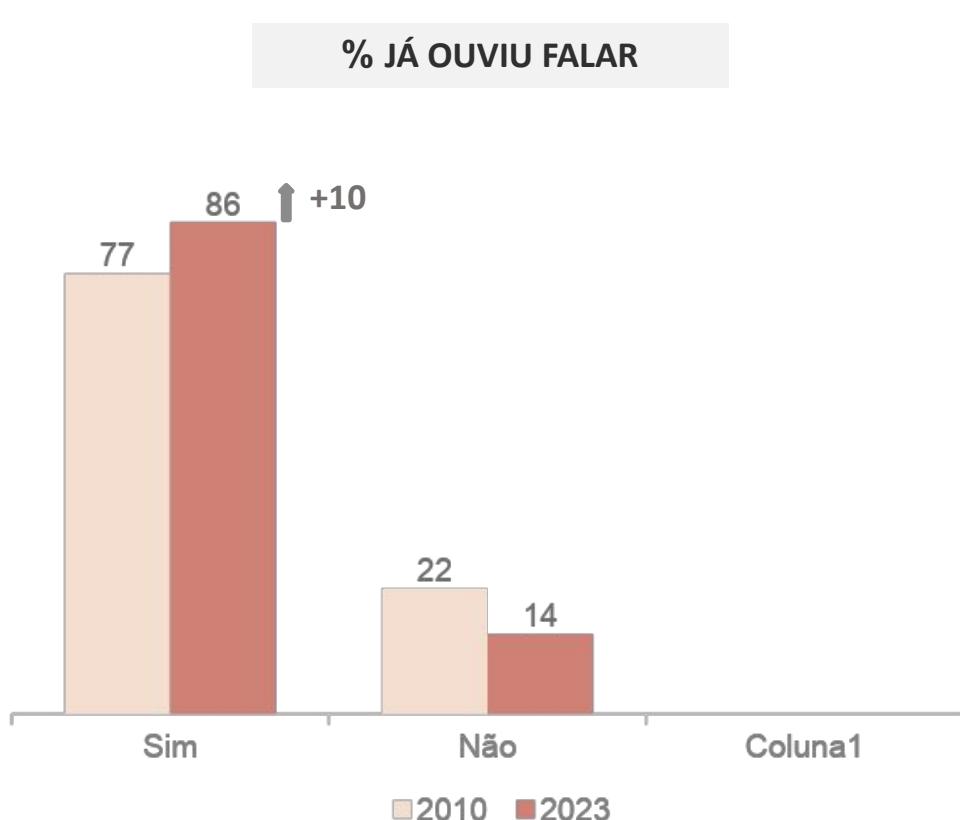
Entre os homens, o relacionamento estável desonta como principal razão para não uso da camisinha (22%), com maior incidência do que entre as mulheres. A prevenção de doença é a principal razão de uso de preservativo entre eles (20%).



SAÚDE REPRODUTIVA – Pílula do dia seguinte | Mulheres Evolução

Estimulada e única | Base: Entrevistadas que já tiveram relação sexual / Amostra Mulheres 2 – 767 casos

A pílula do dia seguinte é amplamente conhecida pelas mulheres (86%) e o conhecimento desse dispositivo para reduzir o risco de gravidez aumentou quase dez p.p. desde 2010. O uso da pílula do dia seguinte também aumentou significativamente (17p.p.).



O uso da pílula do dia seguinte é mais comum entre as mulheres mais jovens, de 18 a 34 anos (acima de 50%), as que têm nível médio de escolaridade (41%), as com renda acima de 5 salários mínimos (40%) e as que iniciaram a vida sexual antes dos 15 anos, segmentos em que cerca de metade delas já tomou.

SAÚDE REPRODUTIVA – Gravidez | Mulheres

Espontânea e única | Base: Amostra Total Mulheres – 2440 casos

Base : Entrevistadas que já engravidaram | Base: Amostra total Mulheres - 1881 casos

Três em cada quatro mulheres já engravidaram alguma vez. Em comparação a 2010 o número médio de gravidez por mulher caiu de 3,4 para 3 gestações.

A gravidez na adolescência é relativamente comum, 11% das mulheres engravidaram antes dos 15 anos e 28% entre 16 e 18 anos.

A idade média da primeira gravidez entre as mulheres é aos 20 anos e 5 meses

% QUANTAS VEZES ENGRAVIDOU - EVOLUÇÃO

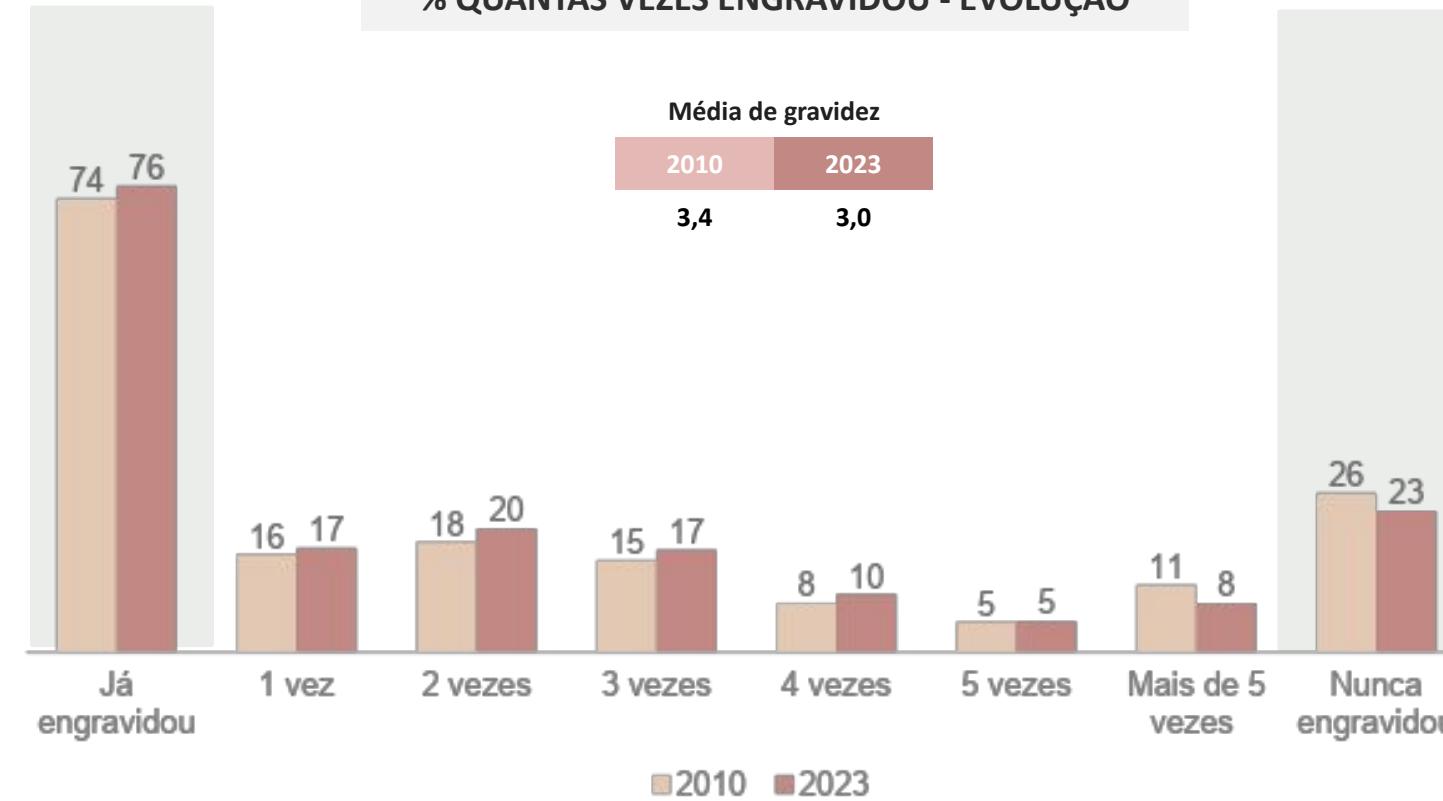
Média de gravidez

2010

3,4

2023

3,0



% IDADE DA 1ª GRAVIDEZ - 2023

(entrevistadas que já engravidaram)

Até 15 anos

Entre 16 e 18 anos

Entre 19 e 24 anos

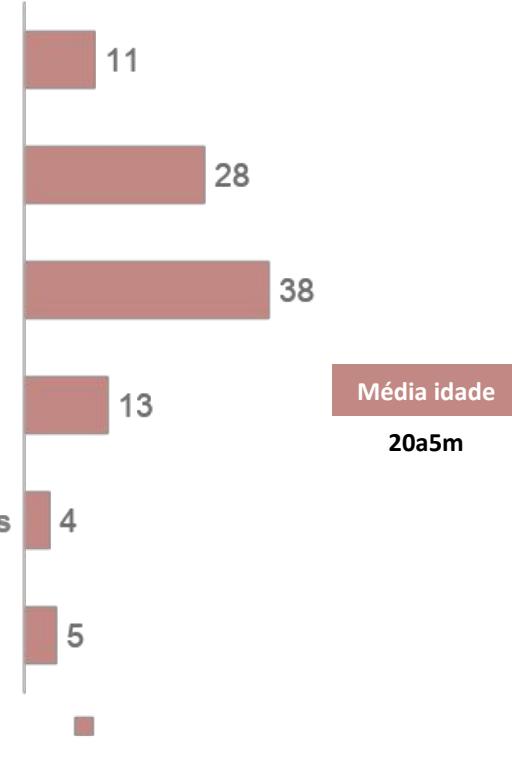
Entre 25 e 30 anos

Com 31 anos ou mais

Não respondeu

Média idade

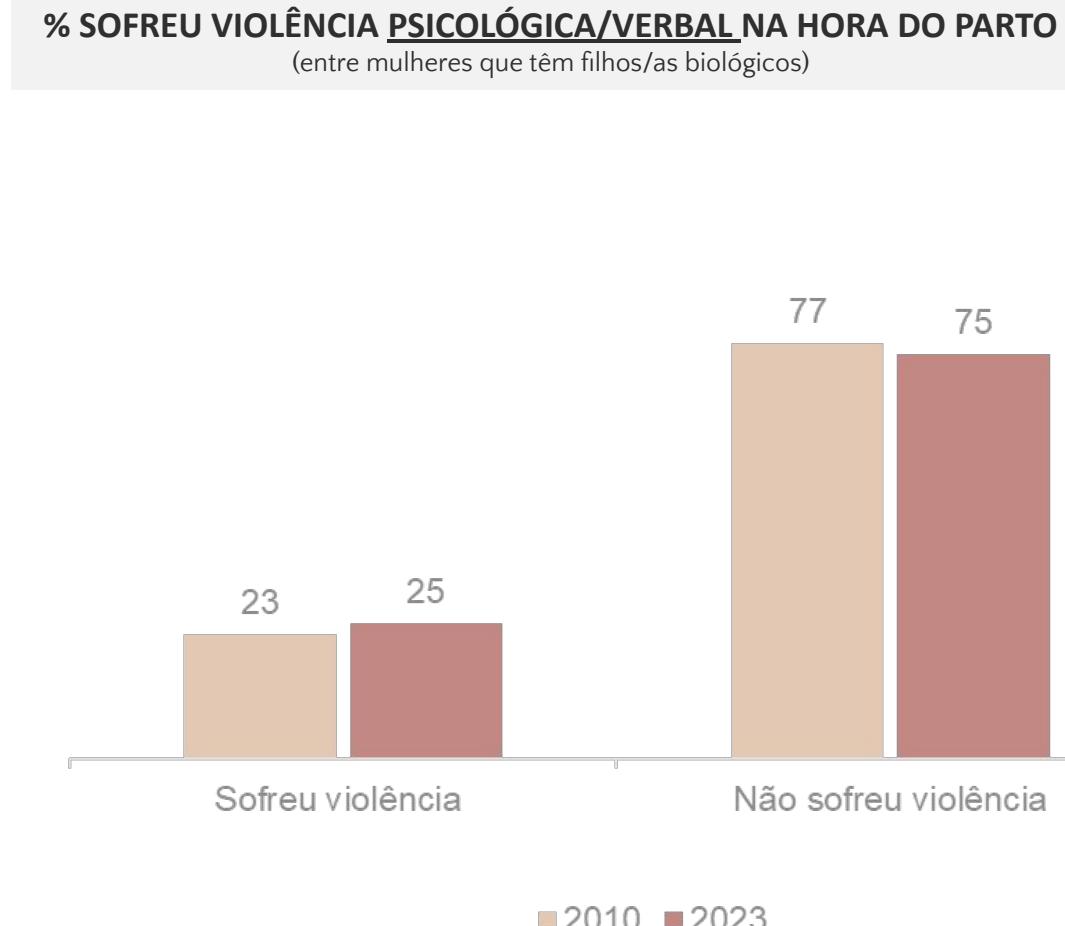
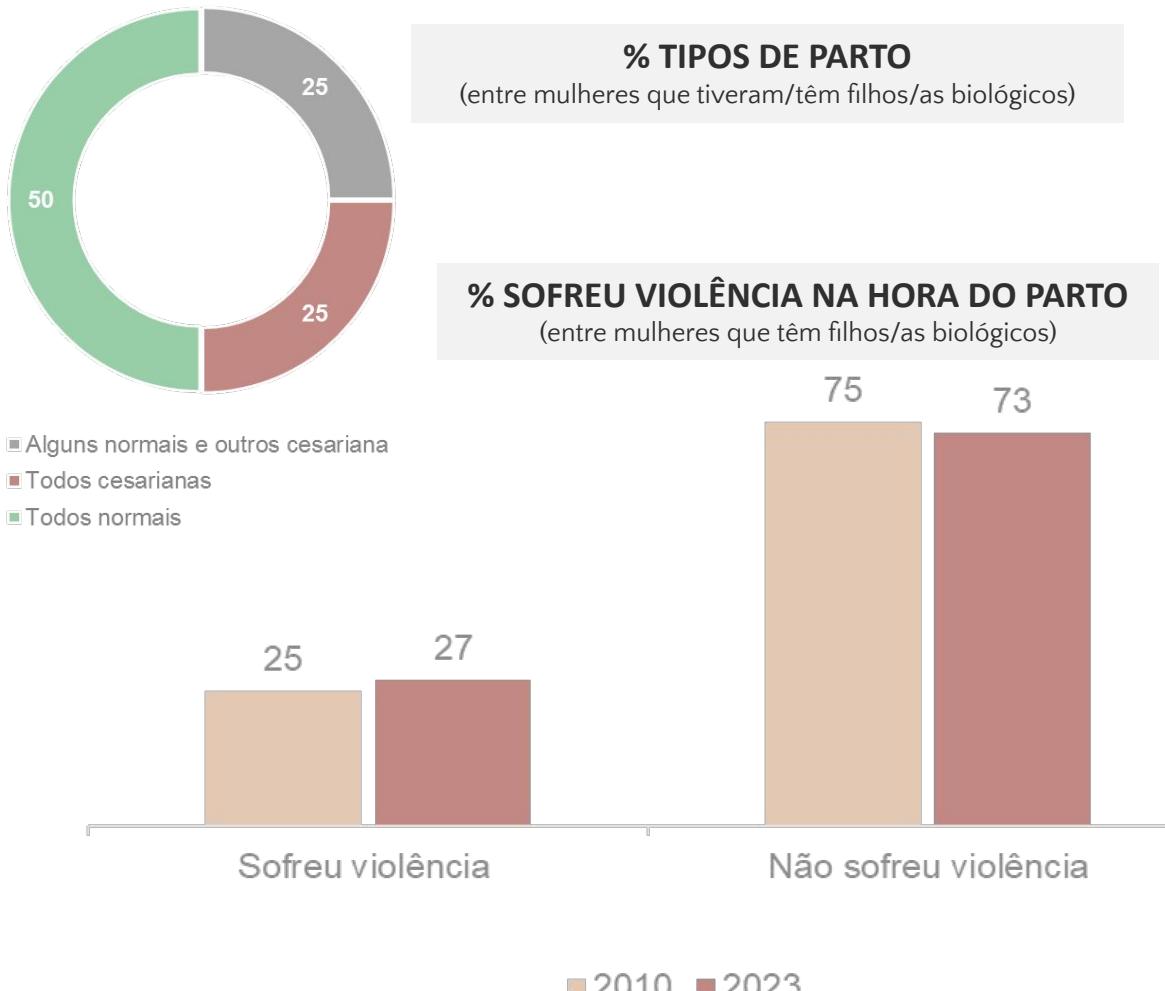
20a5m



Base: Estimulada e única | Base: Entrevistadas que têm/ tiveram filhos/as biológicos - Amostra Mulheres 3 – 598 casos

Metade das mulheres que engravidaram tiveram partos normais (50%) e uma em cada 4 fez cesariana (25%).

Cerca de um quarto das mulheres sofreu violência física (27%) ou verbal (25%) na hora do parto. O índice de violência obstétrica, tanto física quanto verbal, oscilou 2 pontos para mais.



P52 M3. (Se teve filhos/as biológicos/as) Vou falar algumas coisas que podem acontecer no atendimento ao parto ou pré-natal, gostaria que você dissesse se aconteceram ou não com você. Na hora do parto, o profissional no serviço de saúde ou assistência:

P52 M2. (Se tiver filhos/ou biológicos) Na hora de parto, algum profissional no serviço de assistência disse para você algo parecido com: (leia os itens): Disse alguma outra coisa que lhe ofendeu, agrediu ou amedrontou?



SAÚDE REPRODUTIVA – Gravidez que não foi até o final | Mulheres Evolução

Espontânea a e única | Base: Mulheres que já tiveram relação sexual e são Cisgênero – 2303 casos

A declaração de gestações interrompidas vem caindo paulatinamente. Em 2001, 33% das mulheres já haviam tido alguma gravidez interrompida, em 2010 esse índice caiu para 25% e agora, em 2023, se mantém em 23%. A maior parte das gestações interrompidas se deu de modo espontâneo (21%) e apenas 3% admitiu já ter interrompido espontaneamente uma gravidez, o que corresponde a cerca de 2.419 mil mulheres. Em média, as mulheres tiveram 1,4 gestações interrompidas de modo espontâneo ou provocado.

GRAVIDEZ PERDIDA E/OU INTERROMPIDA (entre mulheres que já tiveram relação sexual)			
EM %	2001	2010	2023
SIM, JÁ TEVE	33	25	23
1 vez	22	17	16
2 vezes	6	5	5
3 vezes ou mais	4	3	2] 76%
NUNCA TEVE	67	75	58
NUNCA ENGRAVIDOU	-	-	18*
MÉDIA	1,6	1,6	1,4

* Em 2023 entrou a categoria “Nunca engravidou”.

2.419.216 mulheres provocaram aborto

INTERRUPÇÃO ESPONTÂNEA / PROVOCADA (entre mulheres que já tiveram relação sexual)			
% INTERRUPÇÃO ESPONTÂNEA	2001	2010	2023
JÁ TEVE	27	22	21
1 vez	19	16	15
2 vezes	5	4	4
3 vezes ou mais	3	2	2
NÃO TEVE	73	78	78
MÉDIA	1,5	1,5	1,4
% INTERRUPÇÃO PROVOCADA			
JÁ TEVE	2001	2010	2023
1 vez	5	3	2
2 vezes	1	1	-
3 vezes ou mais	1	-	-
NÃO TEVE	94	96	96
MÉDIA	1,7	1,4	1,4

P55 M TT. (Mulheres que têm relação sexual e são CIS) Você teve alguma gravidez que não foi até o final? (Se sim) No total, quantas vezes você perdeu e/ou interrompeu?

P56 M TT. (Se perdeu e/ou interrompeu a gravidez) Essa/s gestação/ões não foi/foram até o fim por que você perdeu espontaneamente ou por que interrompeu voluntariamente? (Se mais de uma) Quantas foram espontâneas e quantas você interrompeu voluntariamente?

www.fpabramo.org.br

- O baixo número de casos (62) não permite aprofundar análises estatísticas mas a principal razão apontada, para as mulheres terem praticado o aborto é o fato de que não querer a gravidez, razão que ultrapassou o dobro das menções obtidas em 2010.
- A falta de condições financeiras, razão mais mencionada em 2010, por 32% das mulheres que praticaram aborto, perdeu força, sendo apontada atualmente por 26%.
- O método mais utilizado para provocar a interrupção de uma gravidez é por meio de remédios industrializados como o Cytotec (38%), remédios caseiros e clínicas, clandestinamente, são também métodos bastante mencionados. A precariedade com que os abortos são feitos compromete a saúde e põe em risco a vida de mulheres, sobretudo as mais precarizadas.
- A redução à metade do número de mulheres que afirma conhecer pessoalmente alguma mulher que interrompeu uma gravidez (era 50% em 2020 e atualmente chega a 27%).
- No entanto, ao testarmos a concordância com frases sobre o aborto, cerca de dois terços das mulheres se mostram favoráveis à afirmação de que continuar uma gravidez ou fazer um aborto não deveria ser uma decisão da lei, mas sim da mulher ou do casal, índice que cresceu 10 pontos percentuais em relação a 2010 (50% a 61%). Mas há também 44% que pensam que as igrejas devem influenciar as leis sobre o aborto.
- Colocadas frente a atual legislação do Brasil em que o aborto só é permitido nos casos de anencefalia (fetos sem cérebro), em gravidez que traga risco para a mãe e nos casos de gravidez causada por estupro, cerca de metade das mulheres concordaram com a legislação atual, 27% defendem que o aborto deveria ser proibido em todos os casos, 11% disseram que o aborto deveria ser permitido em mais casos além dos previstos em lei e 7% afirmaram que o aborto deveria ser permitido em todos os casos.

SAÚDE REPRODUTIVA – Principais motivos para interrupção provocada e como foi feita a interrupção provocada da última gravidez | Mulheres Evolução

Espontânea e múltipla | Base: Entrevistadas que tiveram alguma interrupção provocada / Amostra total Mulheres – 62 casos

A principal razão para a realização de um aborto é o não desejo pela gravidez, que em 2023 chegou a 35%, ultrapassando o dobro dos 14% de menções obtidos em 2010. A falta de condições financeiras que em 2010 havia aumentado 10 p.p. chegando a 32%, regrediu 6 pontos em 2023. Já a rejeição do companheiro manteve os mesmos níveis das rodadas anteriores. A falta de condições psicológicas ou medo, surge pela primeira vez, em 2023, como razão para aborto, .

% PRINCIPAIS MOTIVOS

MULHERES	2001	2010	2023
Não queria aquela gravidez	12	14	35
Falta de condições financeiras para sustentar a criança	22	32	26
Rejeição da/o companheira/o / não tinha apoio	10	13	13
Não tinha condições psicológicas / tinha medo	-	-	13
Medo da rejeição da família	14	11	11
Já tinha filhos/as, não queria mais	15	12	9
Saúde / gravidez de risco	6	6	7
Violência do marido / namorado / do pai da criança	-	-	6
Estava sozinho/a / relação eventual	-	-	6
Estava estudando / não queria atrapalhar os estudos	4	1	3
Pegou uma bactéria / Infecção urinária	-	-	2
Recebeu uma medicação que provocou o aborto espontâneo	4	-	2
Não tinha onde morar / morava de favor na casa dos outros	-	-	2
Queria trabalhar / tinha conseguido um emprego	7	4	2
Oportunidade de ascensão no emprego	-	-	2
Muito jovem para ter filhos	10	13	2
Caiu e perdeu o bebê	-	-	1
Gravidez nas trompas	-	-	1
Não respondeu	-	-	6

+21

- 6

+13

- 11

Remédios industrializados, como Cytotec, continuam sendo o principal método para interrupção de gravidez com frequência de uso semelhante desde 2001 até 2023, em torno de 38%. Os remédios caseiros, método utilizado em segundo lugar, por 23% das mulheres, mantém a mesma regularidade.

As clínicas, que em 2001 e 2010 eram apontadas por cerca de 30% das mulheres, agora se dividem entre 19% que fizeram em clínicas clandestinamente e 11% que fizeram em hospitais que atendem casos previstos em lei.

% COMO FOI FEITO DA ÚLTIMA VEZ

MULHERES	2001	2010	2023
Por remédio industrializado (ex. cytotec)	36	39	38
Por remédios caseiros (ex. chás, garrafadas)	22	20	23
Em uma clínica clandestinamente**	-	-	19
Em uma clínica*	30	29	-
Em hospital (casos previsto por lei)	-	-	11
Com uma parteira	13	14	5
Em casa	-	-	3
Com médico	-	-	2
Com uma enfermeira	-	-	2
Estava usando um DIU	-	-	1
Outras respostas	1	3	1
Não respondeu	-	-	2

* 2001/2010 – Fez aborto em uma clínica

** 2023 – Fez aborto em uma clínica clandestinamente



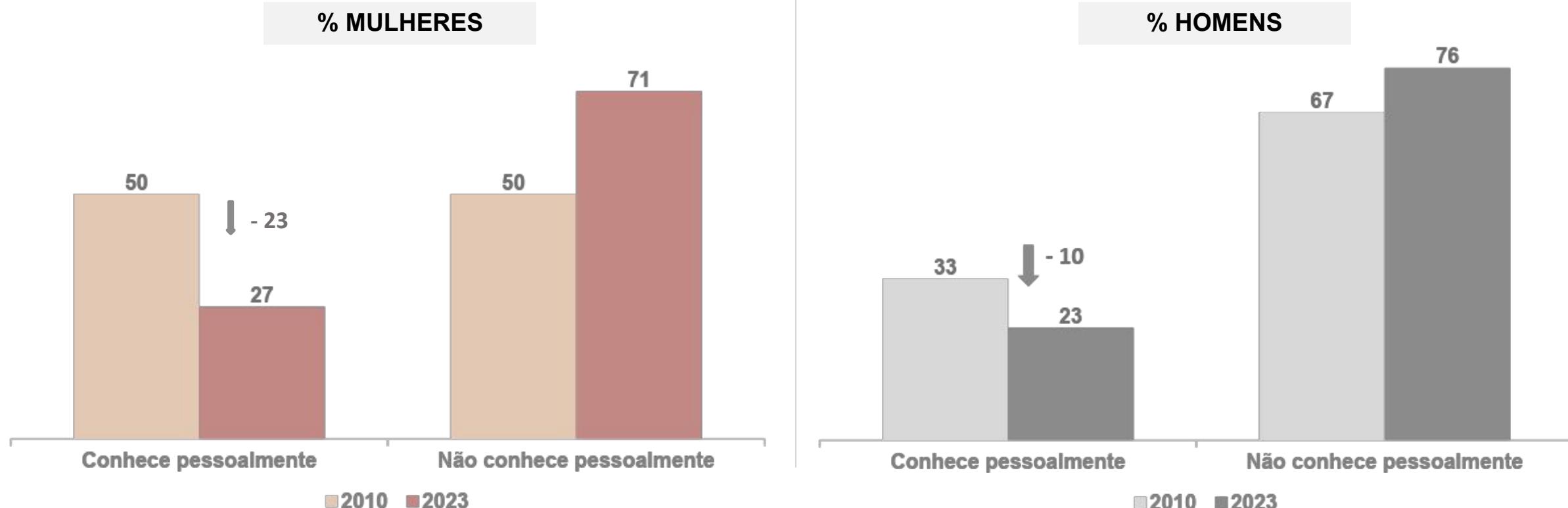
SAÚDE REPRODUTIVA – Conhece pessoalmente alguma mulher que interrompeu a gravidez | Evolução

Esportânea e única | Base: Total das amostras – 2440 Mulheres / 1221 Homens

Uma em cada 4 mulheres conhece pessoalmente alguma outra mulher que interrompeu uma gravidez (27%). Entre os homens esse índice é semelhante (23%).

Em ambos os casos, o principal vínculo com a mulher que conhecem que interrompeu gravidez é de amizade.

Houve queda significativa do conhecimento de mulheres que fizeram aborto. Em 2010, 50% das mulheres conheciam mulheres que haviam praticado aborto, em 2023, esse índice caiu quase pela metade (27%). Entre os homens, também houve queda do conhecimento de mulheres que interromperam gravidez (de 33% em 2010, para 23%).

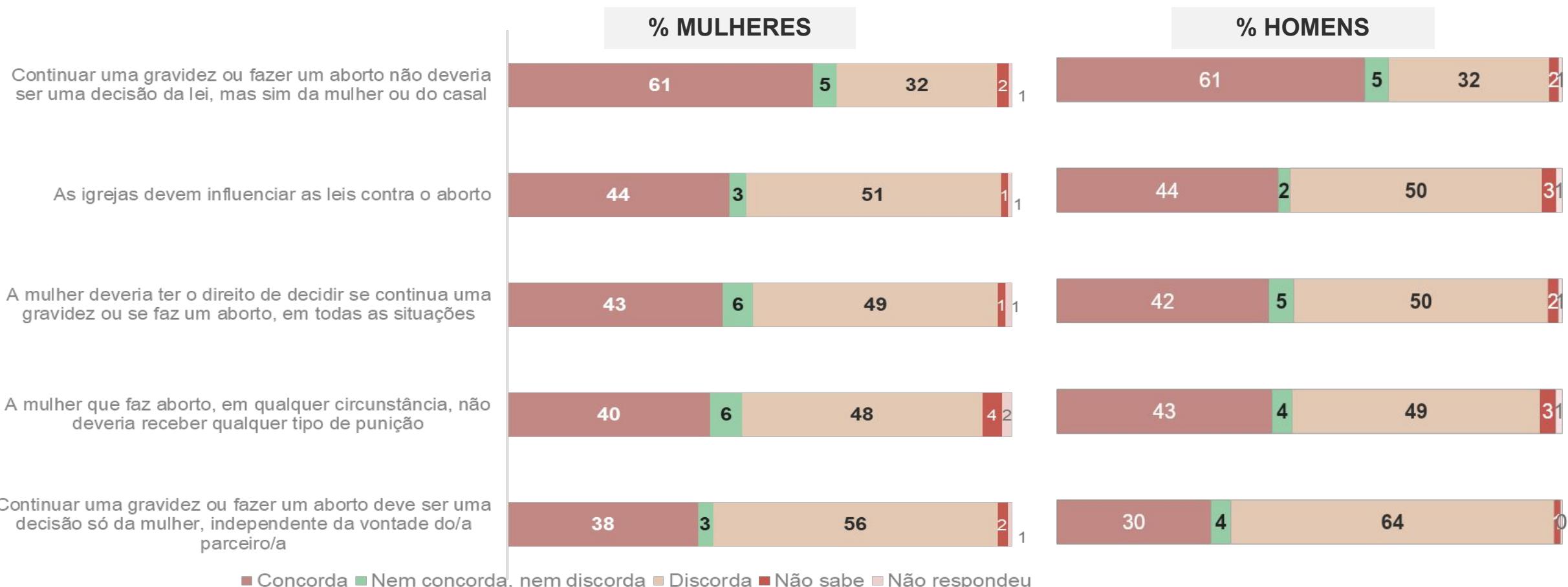


SAÚDE REPRODUTIVA – Grau de concordância com frases sobre aborto | 2023

Estimulada | Base: Amostra Mulheres 3 – 810 / Homens 1 – 623 casos

Cerca de dois terços das mulheres e dos homens (61%, ambos) defendem que o direito de decidir continuar uma gravidez ou fazer um aborto não deveria ser uma decisão da lei, mas sim da mulher ou do casal. Por outro lado, 44% de mulheres e homens defendem que as igrejas devem influenciar as leis contra o aborto.

Para 43% das mulheres e 42% dos homens, a mulher deveria ter o direito de decidir se continua uma gravidez ou se faz um aborto, em todas as situações, mas 49% das mulheres e 50% dos homens discordam dessa afirmação. Percentual semelhante, 40% das mulheres e 43% dos homens, consideram que mulher que faz aborto, em qualquer circunstância, não deveria receber qualquer tipo de punição, mas 48% das mulheres e 49% dos homens discordam.





Espontânea e múltipla | Base: Amostra Homens 1 – 623 casos

ENTRE AS MULHERES:

- As mulheres na faixa etária de 18 a 24 anos (68%), as pretas (68%), as com maior escolaridade (67%), as que não têm religião (71%), as solteiras (66%) e as do grupo LGBTQIA+ (67%) são as que mais concordam que continuar uma gravidez ou fazer um aborto, deve ser uma decisão da mulher ou do casal e não uma decisão da lei.
- Já as que consideram que as igrejas devem influenciar as leis sobre o aborto são, principalmente, as com renda entre 2 e 3 salários mínimos (50%) as de religião evangélica (51%) e as viúvas (49%).
- Mulheres mais jovens, com até 18 anos (67%), as pretas (52%), as que não têm religião (54%), as LGBTQIA+ (53%) e as que não têm filhos (50%) são as que mais defendem que a mulher deveria ter o direito de decidir se faz ou não um aborto, em todas as situações.
- As que mais concordam que as mulheres que fazem aborto não deveriam receber qualquer tipo de punição são, principalmente, as mais jovens (59%), as com curso superior (54%), as com renda familiar acima de 5 salários mínimos e as que não têm religião 47% (ambas), além das do grupo LGBTQIA+ (54%) e as que não têm filhos (48%).

ENTRE OS HOMENS:

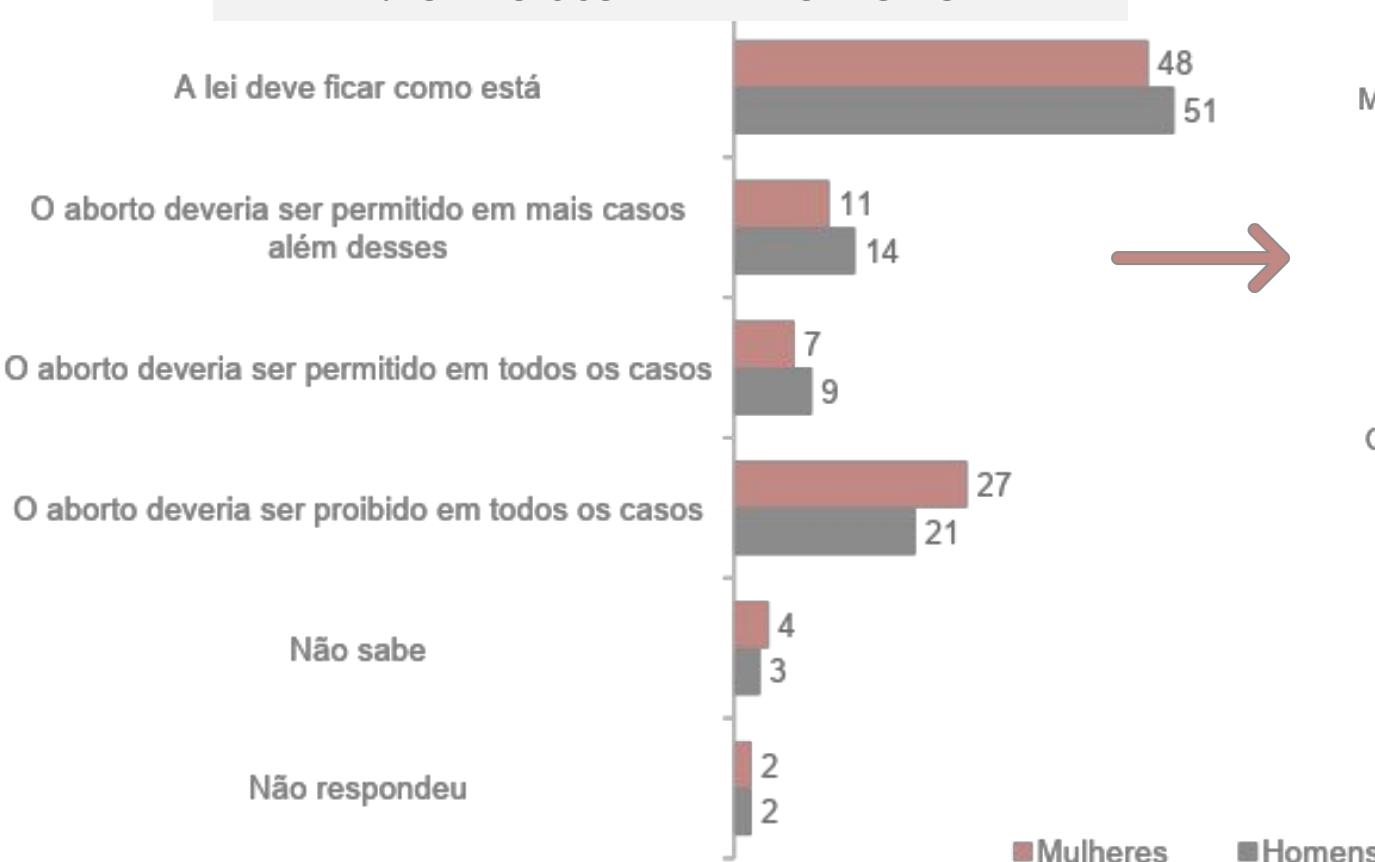
- Os que mais concordam que continuar uma gravidez ou fazer um aborto deve ser uma decisão da mulher ou do casal e não da lei, são os com idade entre 18 e 24 anos (67%), os pretos (68%), os com curso superior (66%), renda familiar acima de 5 salários mínimos (68%), os que não têm religião (82%) e os LGBTQIA+ (66%).
- Já os que mais acham que as igrejas devem influenciar as leis contra o aborto são, principalmente, os com idade entre 35 e 44 anos (49%), pardos (49%), os com menor escolaridade (55%) e renda (53%), os evangélicos (55%) e os que têm filhos (49%).
- Os que mais concordam que a mulher que faz aborto, em qualquer circunstância, não deveria receber qualquer punição são os com mais de 45 anos (50%), os brancos (48%), os com curso superior (57%), menor renda familiar (50%), os que não têm religião (85%), os solteiros (50%) e os LGBTQIA+ (49%).

SAÚDE REPRODUTIVA – Opinião sobre a lei do aborto no Brasil | 2023

Estimulada e única | Bases: Total das amostras – 2440 Mulheres / 1221 Homens

Metade das mulheres (48%) e homens (51%) são a favor de que as leis atuais sobre o aborto fiquem como estão. Os homens (14%) mais do que as mulheres (11%) são a favor que a lei incorpore mais casos além dos já previstos. Há também uma parcela de mulheres (7%) e homens (9%) que defendem que o aborto deveria ser permitido em todos os casos. Assim a maior parcela da população brasileira (66% das mulheres e 74% dos homens) admitem o aborto. No contraponto, 27% das mulheres e 21% dos homens consideram que o aborto deveria ser proibido em todos os casos.

% OPINIÕES SOBRE A LEI DO ABORTO



Espontânea e múltipla | Base: Entrevistadas/os que consideram que o aborto deveria ser permitido em mais casos
- Amostra M3 - 97 / H2 – 55 casos

Para quem considera que o aborto deveria ser permitido em mais casos além dos já previstos em lei, o aborto deveria também ser permitido em casos de gravidez indesejada, falta de condições financeiras e em casos de mães muito jovens.

% QUAIS OUTROS CASOS DEVERIA SER PERMITIDO





3

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES



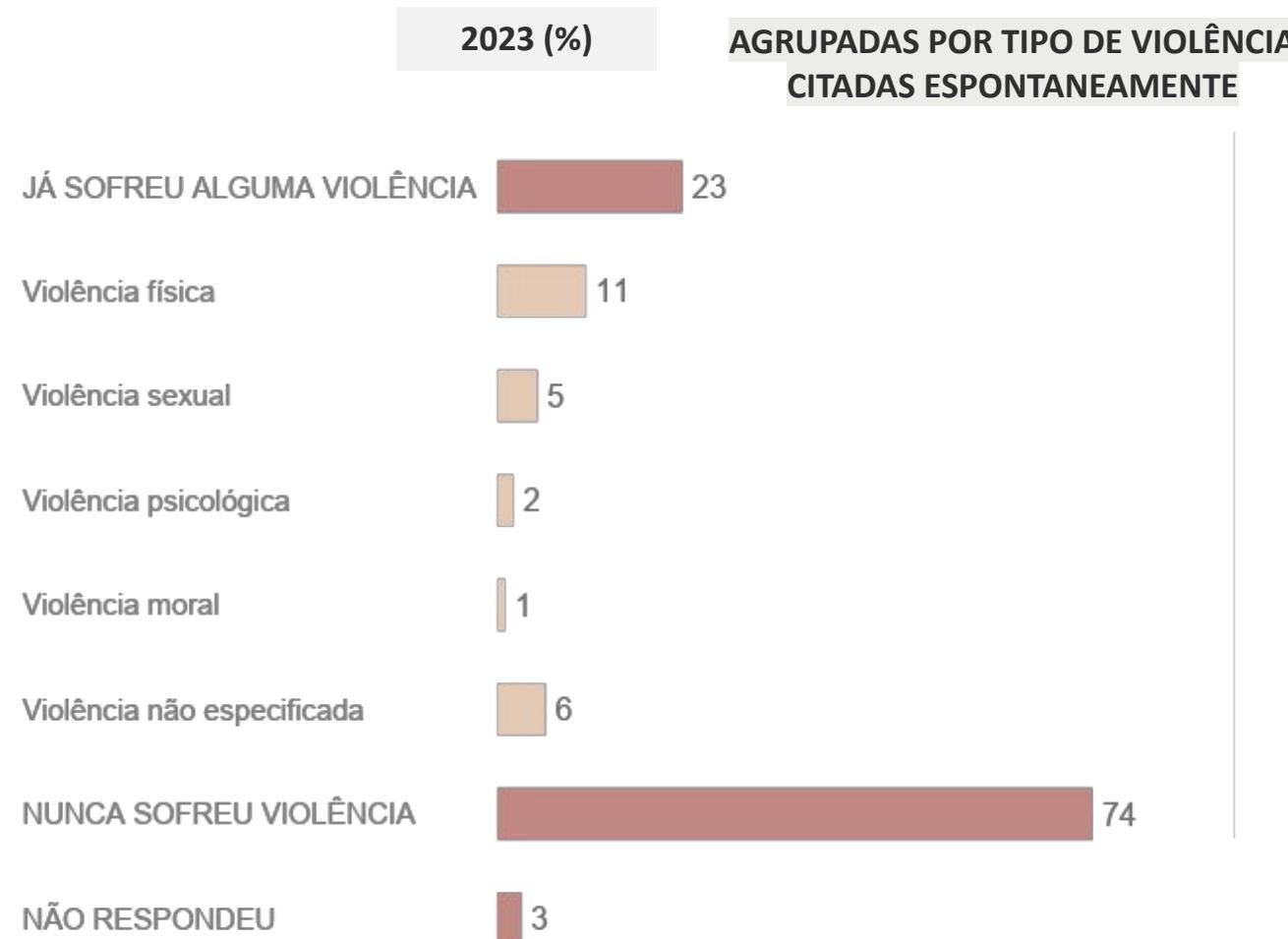
VIOLENCIA CONTRA AS MULHERES

- As últimas décadas trouxeram avanços significativos na legislação sobre a proteção das mulheres contra a violência, como a Lei Maria da Penha, de 2006, Lei Carolina Dieckmann, de 2012 e Lei do Feminicídio, de 2015, a Lei Mariana Ferrer, de 2021, contra a cultura do estupro no Brasil, além da ampliação de serviços de proteção à mulher como o aumento das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM), a criação da Casa da Mulher Brasileira, Centros de Referências e Núcleos de atendimento especializados no atendimento de Mulheres Vítimas de Violência.
- O percentual de mulheres que relatou espontaneamente que sofreu violência por parte de algum homem aumentou 5 pontos percentuais desde 2010.
- A incidência com que casos de violência vieram à tona na fase qualitativa do estudo leva a crer que o número de ocorrências, frequência e gravidade dos fatos é subestimado.
- A maioria das entrevistadas que sofreram violência nem mesmo denunciaram oficialmente o caso (71%). As que denunciam, o faz principalmente junto à delegacia da mulher, órgão procurado por 14%, seguido por delegacias não especializadas (8%).
- Testamos 31 situações de violência e depois de mencionadas, o índice de mulheres que sofreu algum tipo de violência passa de 23% para 50%. Muitas situações sequer são percebidas como violência.
- Espontaneamente, despontam com maior incidência casos de violência física, seguida da violência sexual.
- Violências psicológica ou moral quase não são percebidas enquanto violência.
- Depois de mencionados 31 tipos de violência, a violência psicológica é a mais admitida, por 43% das mulheres, seguida pela violência moral 37%, violência sexual por 23%, só então a violência física, mencionada por 22% e, por último, a patrimonial, citada por 14%.

VIOLENCIA CONTRA AS MULHERES – Principal caso de violência sofrido pelas mulheres

Espontânea e múltipla | Base: Total das amostras – 2440 Mulheres

Na fase quantitativa, quando indagadas sobre se em algum momento da vida já sofreram violência por parte de algum homem, 23% das mulheres responderam espontaneamente que sim. A violência física foi a mais mencionada, por 11% das mulheres, seguida pela violência sexual, por 5%, violência psicológica, 2% e violência moral, 1%.



Aumento 5 pontos percentuais o número de mulheres que disseram, espontaneamente, que sofreram violência (de 18%, em 2010 para 23%). Entre os tipos de violência não houve grande variação.

EVOLUÇÃO (%)	2001	2010	2023	
JÁ SOFREU ALGUMA VIOLÊNCIA (espontânea)	19	18	23	+5
Violência física	10	12	11	
Violência sexual	6	4	5	
Violência psicológica	3	4	2	
Violência moral	-	-	1	
Violência não especificada	-	-	6	
NUNCA SOFREU VIOLÊNCIA	80	80	74	
NÃO SABE / NÃO RESPONDEU	-	1	3	

Obs: A Lei Maria da Penha (nº 11.340), foi sancionada em 7 de agosto de 2006 e discrimina cinco formas de violência - Violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

Em 2023 renomeamos as categorias Violência psíquica/verbal para Violência psicológica e Violência física/ameaça para Violência física.

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES – Tipo de violência sofrida – Menção espontânea x estimulada Mulheres 2023

Base: Total das amostras – 2440 Mulheres

Comparando o índice de mulheres que citou de forma espontânea algum caso de violência ao índice de mulheres que reconheceram ter passado por alguma situação de violência dentre as mencionadas, observa-se que esse percentual dispara e ultrapassa o dobro das menções espontaneamente citadas para todos os tipos de violência.

Metade (50%) das mulheres já sofreu algum tipo de violência alguma vez na vida. A violência psicológica e moral são pouco reconhecidas como formas de violência (mençãoadas por 2% e 1%, espontaneamente), mas são as mais vivenciadas (por 43% e 37%, respectivamente, quando estimuladas)

A violência física, tipo de violência mais mencionada espontaneamente, por 11%, alcança 22% quando estimulada, à frente apenas da violência patrimonial, mencionada por 14%.

TIPO DE VIOLÊNCIA SOFRIDA – MENCIONADA ESPONTANEAMENTE

JÁ SOFREU ALGUMA VIOLÊNCIA 23

Violência física 11

Violência sexual 5

Violência psicológica 2

Violência moral 1

Violência não especificada 6

NUNCA SOFREU VIOLÊNCIA 74

NÃO RESPONDEU 3

AGRUPAMENTO FEITO A PARTIR DOS 21 TIPOS DE VIOLÊNCIA ESTIMULADAS NAS AMOSTRAS 1 E 3

SOFREU ALGUMA VIOLÊNCIA 50

Violência psicológica 43

Violência moral 37

Violência sexual 23

Violência física 22

Violência patrimonial 14

NÃO SOFREU VIOLÊNCIA 50

- A incidência com que casos de violência foram relatados na fase qualitativa do estudo leva a crer que o número de ocorrências, frequência e gravidade dos fatos é maior do que o método quantitativo de pesquisa é capaz de captar. Falar de assunto tão delicado exige uma abordagem particular, empatia entre entrevistada e entrevistadora e uma possibilidade de acolhimento que a abordagem quantitativa, mais rápida e impessoal, pode inibir.
- Nas 65 entrevistas em profundidade, notamos a violência muito presente. Em uma dinâmica de maior intimidade entre entrevistada e entrevistadora, em mais de 2 horas de conversa, foi possível aprofundar sentimentos, se deter sobre detalhes quando necessário, ou mesmo interromper o assunto, caso alguma entrevistada quisesse, para retomá-lo depois.
- Observamos, por vezes, que algumas entrevistadas se sentiram intimidadas para abordar questões de violência na presença de outras pessoas da família, como o companheiro/marido, eventualmente possível agressor e algumas relataram episódios que antes nunca haviam comentado com ninguém.
- A princípio, as mulheres não admitiam ter sofrido violência, mas conforme a conversa evoluiu, passaram a se sentir seguras e, quase todas as mulheres entrevistadas na fase qualitativa do estudo relataram algum tipo de violência por parte de homens, seja física, psicológica, moral ou sexual. O racismo e assédio também apareceram com frequência e quase não há relatos de violências patrimoniais.
- A violência física aparece sempre acompanhada da agressão psicológica, mas essa última não necessariamente é vinculada à violência, muito embora cause forte impacto na saúde psíquica das mulheres.
- Os companheiros são os principais agressores e atitudes de violência muitas vezes aparecem logo no início dos relacionamentos. Às vezes o namoro já denuncia uma relação abusiva e há relatos de violência que foram se intensificando e se aproximam de tentativas de feminicídio.
- O ambiente familiar é um espaço onde a violência mais se manifesta, sobretudo a física e psicológica.
- A violência contra a mulher começa cedo. Há vários relatos de violência na infância, sendo o estupro ou abuso sexual a violência mais frequente sofrida quando crianças. A falta de credibilidade pela família no relato da criança faz com que ela continue exposta ao agressor.
- Além do abuso sexual, muitas crianças têm pais violentos que asgridem fisicamente. O alcoolismo é a justificativa mais frequente para esses casos.
- Além da violência doméstica, a mulher também sofre violência nos espaços públicos, como no transporte, na rua e em ambientes de trabalho e lazer.
- A violência urbana está presente com intensidade na vida das mulheres, vistas como mais indefesas.
- As mulheres lésbicas relatam graves violências devido à sua orientação sexual, seja por comentários em relação à sua orientação sexual ou por namorar mulher, preconceito devido ao seu modo de vestir, considerado masculinizado, ou mesmo estupros para “se tornar mulher”. As jovens transexuais também trouxeram relatos de agressões envolvendo a exposição de sua identidade sexual publicamente, o desrespeito ao seu nome social por prestadores de serviços públicos, hostilidades e perseguição por familiares, conhecidos ou desconhecidos, violências sexuais e estupro.

Estimulada | Base: Amostra Mulheres 1 + Mulheres 3 – 1629 / Mulheres 2 – 811 casos

Testamos 31 tipos de violência, para que as mulheres dissessem se já haviam sofrido alguma delas. A interrupção constante da fala, é a violência mais mencionada (35%), juntamente com o xingamento de um jeito que a ofende (34%), do campo da violência psicológica e moral, respectivamente.

Ainda no campo da violência psicológica, distorcer situações para deixar a mulher confusa, procurar mensagens no celular ou e-mail sem permissão e controlar o lugares onde vai e pessoas com quem fala, são situações vividas por mais de 20% das mulheres e também 20% delas relataram ter sofrido violência física, com tapas, arranhões e empurrões.

% APENAS DE QUEM SOFREU VIOLENCIA

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA – 14 frases	%
Te interrompeu constantemente enquanto você falava	35
Distorceu situações para deixá-la confusa ou culpada	25
Procurou mensagens no seu celular ou e-mail sem a sua permissão	21
Ficou controlando onde você ia, os lugares, as pessoas com quem falava	20
Vigiou e perseguiu você na rua ou nas redes sociais	19
Ameaçou dar uma surra em você	18
Desqualificou seu desempenho profissional no seu ambiente de trabalho	14
Impediu você de trabalhar	13
Falou mal do seu trabalho doméstico	13
Desqualificou você sexualmente, dizendo que ia procurar outras, que você não dava conta do recado, ou coisas parecidas	12
Desqualificou a sua atuação como mãe	10
Impediu você de sair, trancou você em casa / deixou você isolada, sem atenção às suas necessidades	9
Fez críticas ou comentários ofensivos devido à sua idade	9
Ameaçou tirar a guarda de seus/as filhos/as / não deixou vê-los/as ou ficar com eles/as (alienação parental)	7

O agrupamento por tipo de violência foi feito a partir de 31 situações estimuladas de violência. Detalhamos as frases que compuseram cada um dos 5 tipos de violência – Psicológica, Sexual, Física, Patrimonial e Moral, conforme Lei Maria da Penha classifica, bem como o percentual de citação para cada uma das situações.

VIOLÊNCIA SEXUAL – 7 frases	%
Tocou em você sem permissão, deixando-a desconfortável / constrangida / invadida / assediada	18
Fez convites, propostas, insinuações ou insistiu em sair com você depois de mostrar que você não queria	15
Insistiu em ter relações sexuais quando você não queria	14
Forçou você a praticar atos sexuais ou posições sexuais que não lhe agradam	7
Estuprou você	7
Tirou o preservativo durante a relação sexual sem te avisar	5
Te obrigou ou pressionou a fazer favores sexuais em troca de promoção, aumento de salário ou para não demiti-la	4

VIOLÊNCIA PATRIMONIAL – 4 frases	%
Quebrou suas coisas e rasgou a sua roupa	14
Usou seu dinheiro ou cartão de crédito sem consentimento, lhe gerando dívidas	7
Ficou controlando, pegou seu dinheiro	6
Suprimiu ou rasgou seus documentos	3

VIOLÊNCIA FÍSICA – 3 frases	%
Deu tapas, arranhões, empurrões ou sacudiu você	20
Bateu ou espancou você deixando marcas, cortes, fraturas	12
Usou armas de fogo ou facas para ameaçar você	9

VIOLÊNCIA MORAL – 3 frases	%
Te xingou de um jeito que te ofendeu	34
Insinuou que você tinha amantes	23
Expôs suas imagens na internet sem seu consentimento, para constrangê-la	2

Estimulada | Base: Amostra Mulheres 1 + Mulheres 3 – 1629

Destacamos 21 situações para manter comparação com os tipos de violência observadas em 2001 e 2010. Nas edições anteriores, as frases foram agrupadas segundo 5 tipos de violência: psicológica, abrangendo 9 frases; sexual, abrangendo 5 frases; física, abrangendo 3 frases; patrimonial, medida por 2 frases e violência moral, também, medida por 2 frases. Foi constatado aumento na taxa de todos os tipos de violência comparáveis.

% APENAS DE QUEM SOFREU VIOLENCIA (comparação possível em 21 frases)							
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	2001	2010	2023	VIOLÊNCIA PATRIMONIAL	2001	2010	2023
Procurou mensagens no seu celular ou e-mail sem a sua permissão	-	12	21		Quebrou suas coisas e rasgou a sua roupa	15	9
* Ficou controlando onde você ia, os lugares, as pessoas com quem falava	-	15	20	Supriu ou rasgou seus documentos	-	2	3
* Vigiou e perseguiu você na rua ou nas redes sociais	-	10	19	VIOLÊNCIA FÍSICA	2001	2010	2023
* Ameaçou dar uma surra em você	12	13	18	Deu tapas, arranhões, empurões ou sacudiu você	20	16	20
* Desqualificou seu desempenho profissional no seu ambiente de trabalho	-	5	14	Bateu ou espancou você deixando marcas, cortes, fraturas	11	10	12
Falou mal do seu trabalho doméstico	-	6	13	Usou armas de fogo ou facas para ameaçar você	8	6	9
Desqualificou você sexualmente, dizendo que ia procurar outras, que você não dava conta do recado, ou coisas parecidas	-	7	12	VIOLÊNCIA MORAL	2001	2010	2023
Desqualificou a sua atuação como mãe	11	6	10	* Te xingou de um jeito que te ofendeu	18*	16*	34
* Impediu você de sair, trancou você em casa / deixou você isolada, sem atenção às suas necessidades*	9	7	9	* Insinuou que você tinha amantes			23
VIOLÊNCIA SEXUAL		2001	2010	2023	* Frases que tiveram alguma mudança no decorrer dos anos		
* Fez convites, propostas, insinuações ou insistiu em sair com você depois de mostrar que você não queria	11	7	15	2010 - Ficou controlando aonde você ia, <u>seu dinheiro</u> ou os lugares e as pessoas com quem você falava / 2023 - Ficou controlando onde você ia, os lugares, as pessoas com quem falava			
Insistiu em ter relações sexuais quando você não queria	11	8	14	2010 - Vigiou e perseguiu você / 2023 - Vigiou e perseguiu você na rua ou nas redes sociais			
Forçou você a praticar atos sexuais ou posições sexuais que não lhe agradam	6	4	7	2001 - Ameaçou de espancamento a você e seus filhos / 2010_2023 - Ameaçou dar uma surra em você			
Estuprou você	2	3	7	2010 - Criticou repetidamente o seu desempenho em trabalhos fora de casa / Desqualificou seu desempenho profissional no seu ambiente trabalho			
Te obrigou ou pressionou a fazer favores sexuais em troca de promoção, aumento de salário ou para não demiti-la*	-	1	4	2001 - Impediu você de sair ou de ir ao trabalho, trancando você em casa / 2010_2023 - Impediu você de sair, trancou você em casa / deixou você isolada, sem atenção às suas necessidades			

- O tipo de violência mais mencionado foi a interrupção constante de falas, por 35% das mulheres, e a distorção de situações para deixar a mulher confusa, citada 25% delas. Ambas as violências foram medidas pela primeira vez nessa edição, não havendo possibilidade de comparação anterior.
- Casos de violência física como tapas, arranhões ou empurrões, foram sofridos por 20% das mulheres, um aumento de 4 pontos percentuais em relação a 2010. Espancamento com marcas, cortes e fraturas e uso de armas de fogo ou facas foram mencionados por 12 % e 9%, respectivamente.
- Violências sexuais como convites, propostas ou insinuações e insistência em sair, foram citados por 15%, relação sexual depois de a mulher ter negado, por 14%, ambas com o dobro da incidência observada em 2010 e 7% das mulheres sofreram estupro.
- Pode-se observar que, para as 21 formas de violência testadas em 2010, todas tiveram aumento no percentual de ocorrências.
- Para todas as formas de violência o principal agressor é o companheiro, marido, ou ex-marido, namorado ou pai dos filhos.
- Inclusive o estupro tem como principal agressor alguém com quem a mulher mantém vínculo amoroso ou de parceria (4 em cada 10 mulheres que relatam estupro, afirmam que o agressor era seu companheiro - 42%), mas é também a violência mais praticada por outros membros da família, não raro o pai (4%), padrasto (3%), tio (5%) ou primos (3%).
- Amigos ou conhecidos também fazem parte do rol de agressores, sendo os convites para sair depois de a mulher demonstrar que não quer e o toque no corpo da mulher sem sua permissão as principais violências cometidas por estes (15%, ambas).
- Ofensas relacionadas à idade são mais cometidas por amigos (16%) ou conhecidos (14%).
- Apesar de a pergunta se referir à violência praticada por parte de algum homem, para alguns tipos de violência, mulheres foram mencionadas com alguma ênfase, como o caso de críticas ao trabalho doméstico, praticada por outras mulheres (14%) e a desqualificação de atuação como mãe (12%).

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES | Homens 2023

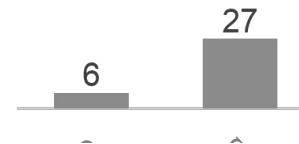
Estimulada | Base: Amostra total Homens – 1221

- A grande maioria dos homens (89%) percebe que as mulheres sofrem violência, sendo a violência física a que mais observam (41%).
- Questionados sobre por que ocorre a violência, desportam como justificativas características culturais associadas ao machismo (31%) e características individuais do homem agressor (16%).
- Apenas 6% dos homens admitem que batem ou já bateram em alguma mulher e 27% tem algum parente, amigo ou conhecido que costuma bater.
- Após mencionados os tipos de violência, parte dos homens admitiram já ter praticado algum tipo de violência contra a mulher.
- A situação mais associada à violência é a física, por meio de tapas, empurrões, apertões ou sacudidas, reconhecidos como situação de violência pela grande maioria dos homens (96%) e com prática admitida por 8%.
- A violência psicológica, por meio de ameaças de surra, também é reconhecida pelos homens como uma forma de violência contra a mulher (95%), e 6% admitem que já praticaram essa ação.
- As violências cujas práticas mais foram admitidas são violências psicológicas, como a interrupção de uma mulher constantemente quando ela fala (24%); a procura de mensagens no celular ou e-mail de uma mulher sem sua permissão (14%); a distorção de situações para que a mulher se sinta confusa (9%) e controlar onde a mulher vai e as pessoas com quem fala (9%).
- A violência psicológica, por meio da interrupção constante de falas de mulheres é mais praticada pelos homens de 25 a 34 anos (32%), os com ensino superior (31%), os com renda superior a 5 salários mínimos (33%) e os que se consideram machistas (42%).
- Busca de mensagens em celulares ou e-mails é mais praticada pelos de 25 a 34 anos (22%), os pretos (21%) e também os que se consideram machistas 27%.
- Distorcer situações para deixar as mulheres confusas, assim como ficar controlando onde a mulher vai e com quem fala é prática principalmente entre homens com renda familiar acima de 5 salários mínimos.
- Já as violências físicas como tapas, empurrões e apertões foi declarada por 8% dos homens e ameaças de surras foram relatadas por 6%. Ambos os casos são mais praticados entre os homens separados (21% e 15%, na ordem).
- Os homens que se consideram machistas são os que mais praticam todas as formas de violência contra a mulher.

Estimulada | Base: Amostra total Homens – 1221 / Homens 2 – 598 casos

Assim como as mulheres, os homens foram colocados frente a 17 situações para avaliarem se as consideravam atos de violência e já as haviam praticado. O ranking de violências praticadas pelos homens se assemelha ao da violência sofrida pelas mulheres, com interrupção das falas constantes e busca por mensagens no celular ou e-mail na liderança.

% COSTUMA BATER / VOCÊ JÁ BATEU (ESPONTÂNEA)



O agrupamento por tipo de violência foi feito a partir de 17 situações estimuladas de violência. Ao lado, detalhamos as frases que compuseram cada um dos 5 tipos de violência – Psicológica, Sexual, Física, Patrimonial e Moral, conforme Lei Maria da Penha, bem como o percentual de citação para cada uma das situações.

Em % (Ranking pelos atos já praticados)	SITUAÇÕES CONSIDERADAS ATOS DE VIOLÊNCIA	ATOS JÁ PRATICADOS
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA – 10 frases		
Interromper a mulher constantemente quando ela fala	52	24
Procurar mensagens no celular ou e-mail de uma mulher sem a sua permissão	67	14
Distorcer as situações para deixar uma mulher confusa ou culpada	74	9
Ficar controlando onde a mulher vai, os lugares e pessoas com quem fala	72	9
Ameaçar dar uma surra em uma mulher	95	6
Desqualificar sexualmente uma mulher, dizendo que ia procurar outras mulheres, que ela não dava conta do recado, ou coisas parecidas	71	6
Desqualificar o desempenho profissional de uma mulher no seu ambiente de trabalho	75	3
Fazer críticas ou comentários ofensivos devido a idade de uma mulher	75	3
Impedir uma mulher de trabalhar	68	3
Ameaçar tirar a guarda de seus/suas filhos/as, não deixar vê-los/as ou ficar com eles/as	83	2
VIOLÊNCIA SEXUAL – 4 frases		
Fazer convites, propostas, insinuações ou insistir em sair com uma mulher depois que ela mostrar que não queria	86	5
Tirar o preservativo, camisinha durante a relação sexual sem avisar	83	5
Tocar em uma mulher sem a sua permissão, deixando-a desconfortável, constrangida, invadida, assediada	94	3
Forçar uma mulher a praticar atos ou posições sexuais que não lhe agradam	91	2
VIOLÊNCIA FÍSICA – 1 frase		
Dar tapas, empurrões, apertões ou sacudir uma mulher	96	8
VIOLÊNCIA PATRIMONIAL – 1 frase		
Suprimir ou rasgar os documentos de uma mulher	91	1
VIOLÊNCIA MORAL – 1 frase		
Expor imagens de uma mulher na internet sem seu consentimento, para constrangê-la	89	1

P49 H TT / H2 – Vou citar algumas situações e gostaria que você me dissesse se você considera isso um ato de violência:

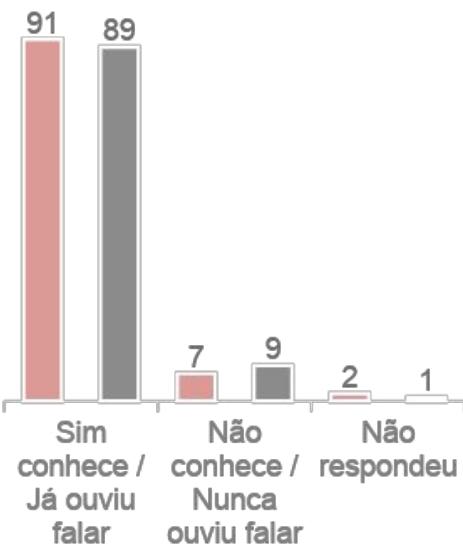
P51 H TT / H2. – E, independente de considerar ato de violência ou não, você já praticou esse ato?

VIOLENCIA CONTRA AS MULHERES – O que sabe sobre a Lei Maria da Penha | Evolução

Espontânea e múltipla | Base: Amostra Mulheres 1 – 820 / Homens 2 – 598 casos

A Lei Maria da Penha é amplamente conhecida, por 91% das mulheres e 89% dos homens e ambos a associam principalmente à proteção judicial das mulheres vítimas de violência (30% entre as mulheres e 28% entre os homens). Cerca de uma em cada 10 mulheres afirma que é uma lei que protege a mulher contra a violência doméstica (11%), que defende a mulher de maus tratos (10%) e que protege o direito da mulher (9%). Entre os homens, há maior menção à proteção ao direito das mulheres (13%) e à punição de homens que agredem mulheres (10%).

% DE CONHECIMENTO SOBRE A LEI MARIA DA PENHA



	MULHERES %	2010	2023
CONHECE / JÁ OUVIU FALAR	84	91	
Protege judicialmente as mulheres vítimas de violência	29	30	
Protege a mulher contra a violência doméstica	8	11	
Defende a mulher de maus tratos / de apanhar / de estupro	10	10	
Lei que não é eficaz / não é rigorosa / não funciona	8	9	
Protege o direito da mulher	-	9	
Pune os homens que agredem mulheres	37	8	
Favorece a denúncia dos agressores de mulheres	5	6	
Pune tanto os homens quanto as mulheres agressoras	1	5	
Garante um distanciamento do agressor com a vítima	2	5	
Protege a mulher do feminicídio / de ameaças de morte	3	3	
Lei boa / justa	-	2	
Foi criada há dez anos após uma mulher ter levado um tiro	1	2	
Defende as mulheres de agressões verbais	5	1	
Garante pensão alimentícia para mulheres vítimas	-	1	
Críticas à lei	-	1	
Outras respostas	6	2	
Ouvi falar, mas não sei do que se trata	-	3	
NÃO CONHECE / NUNCA OUVIU FALAR	16	7	
NÃO RESPONDEU	-	2	

	HOMENS %	2010	2023
CONHECE / JÁ OUVIU FALAR	85	89	
Protege judicialmente as mulheres vítimas de violência	21	28	
Protege o direito da mulher	-	13	
Pune os homens que agredem mulheres	41	10	
Lei que não é eficaz / não é rigorosa / não funciona	3	6	
Protege a mulher contra a violência doméstica	9	5	
Foi criada há dez anos após uma mulher ter levado um tiro	1	5	
Garante um distanciamento do agressor com a vítima	-	5	
Defende a mulher de maus tratos / de apanhar / de estupro	18	4	
Lei boa / justa	-	4	
Protege mulheres e homens que sofrem violência	-	4	
Críticas à lei	-	3	
Protege a mulher do feminicídio / de ameaças de morte	7	1	
Tenta diminuir a agressão às mulheres	2	1	
Pune tanto os homens quanto as mulheres agressoras	2	1	
Defende as mulheres de agressões verbais	8	1	
Favorece a denúncia dos agressores de mulheres	5	1	
Outras respostas	4	5	
Ouvi falar, mas não sei do que se trata	2	5	
NÃO CONHECE / NUNCA OUVIU FALAR	15	9	
NÃO RESPONDEU	-	1	

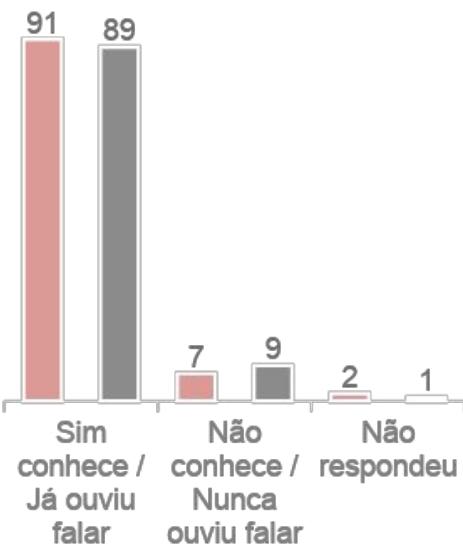
Apesar do conhecimento e aprimoramento de leis que inibam a violência contra a mulher, a violência continua a fazer parte do cotidiano das mulheres. É necessário uma profunda mudança cultural para reverter essa situação e transformar a sociedade em um lugar mais justo e seguro para todas as mulheres.

VIOLENCIA CONTRA AS MULHERES – O que sabe sobre a Lei Maria da Penha | Evolução

Espontânea e múltipla | Base: Amostra Mulheres 1 – 820 / Homens 2 – 598 casos

A Lei Maria da Penha é amplamente conhecida, por 91% das mulheres e 89% dos homens e ambos a associam principalmente à proteção judicial das mulheres vítimas de violência (30% entre as mulheres e 28% entre os homens). Cerca de uma em cada 10 mulheres afirma que é uma lei que protege a mulher contra a violência doméstica (11%), que defende a mulher de maus tratos (10%) e que protege o direito da mulher (9%). Entre os homens, há maior menção à proteção ao direito das mulheres (13%) e à punição de homens que agredem mulheres (10%).

% DE CONHECIMENTO SOBRE A LEI MARIA DA PENHA



	MULHERES %	2010	2023
CONHECE / JÁ OUVIU FALAR	84	91	
Protege judicialmente as mulheres vítimas de violência	29	30	
Protege a mulher contra a violência doméstica	8	11	
Defende a mulher de maus tratos / de apanhar / de estupro	10	10	
Lei que não é eficaz / não é rigorosa / não funciona	8	9	
Protege o direito da mulher	-	9	
Pune os homens que agredem mulheres	37	8	
Favorece a denúncia dos agressores de mulheres	5	6	
Pune tanto os homens quanto as mulheres agressoras	1	5	
Garante um distanciamento do agressor com a vítima	2	5	
Protege a mulher do feminicídio / de ameaças de morte	3	3	
Lei boa / justa	-	2	
Foi criada há dez anos após uma mulher ter levado um tiro	1	2	
Defende as mulheres de agressões verbais	5	1	
Garante pensão alimentícia para mulheres vítimas	-	1	
Críticas à lei	-	1	
Outras respostas	6	2	
Ouvi falar, mas não sei do que se trata	-	3	
NÃO CONHECE / NUNCA OUVIU FALAR	16	7	
NÃO RESPONDEU	-	2	

	HOMENS %	2010	2023
CONHECE / JÁ OUVIU FALAR	85	89	
Protege judicialmente as mulheres vítimas de violência	21	28	
Protege o direito da mulher	-	13	
Pune os homens que agredem mulheres	41	10	
Lei que não é eficaz / não é rigorosa / não funciona	3	6	
Protege a mulher contra a violência doméstica	9	5	
Foi criada há dez anos após uma mulher ter levado um tiro	1	5	
Garante um distanciamento do agressor com a vítima	-	5	
Defende a mulher de maus tratos / de apanhar / de estupro	18	4	
Lei boa / justa	-	4	
Protege mulheres e homens que sofrem violência	-	4	
Críticas à lei	-	3	
Protege a mulher do feminicídio / de ameaças de morte	7	1	
Tenta diminuir a agressão às mulheres	2	1	
Pune tanto os homens quanto as mulheres agressoras	2	1	
Defende as mulheres de agressões verbais	8	1	
Favorece a denúncia dos agressores de mulheres	5	1	
Outras respostas	4	5	
Ouvi falar, mas não sei do que se trata	2	5	
NÃO CONHECE / NUNCA OUVIU FALAR	15	9	
NÃO RESPONDEU	-	1	

Apesar do conhecimento e aprimoramento de leis que inibam a violência contra a mulher, a violência continua a fazer parte do cotidiano das mulheres. É necessário uma profunda mudança cultural para reverter essa situação e transformar a sociedade em um lugar mais justo e seguro para todas as mulheres.

4

PROTEÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE CUIDADOS

- Principais responsáveis, quando não as únicas, pelo cuidado com os filhos e filhas, idosos e doentes crônicos que necessitam cuidados, além da administração da casa e atividades do lar, muitas mulheres sentem dificuldades para equilibrar essas inúmeras responsabilidades.
- Entre as mulheres que moram com filhos menores de 18 anos, metade tem os filhos matriculados em escolas de ensino fundamental, um terço em escolas de educação infantil e 20% em creches. O ensino público e a jornada em período parcial predomina em todos os casos.
- A principal dificuldade das mulheres em relação às escolas de seus filhos diz respeito ao acesso à vagas, muitas vezes longe de casa e em períodos de aulas inconciliáveis com sua jornada de trabalho, o que faz com que necessitem de alguém que cuide das crianças no período em que não estão na escola.
- Em dois terços dos casos essa pessoa é a própria entrevistada, 23% recorrem à mãe ou sogra para cuidar dos filhos nesse período e em apenas 11% dos casos o companheiro é responsável pelos cuidados.
- Há ainda cerca de metade das mulheres que têm filhos menores de 18 anos que moram exclusivamente com ela e não a outra pessoa responsável. Poderíamos pensá-las como mães solo, mas optamos por não utilizar esse conceito, uma vez que há mulheres nessa condição que estão em outra relação conjugal; há critérios envolvendo renda e inclusão no CadÚnico para pertencimento à categoria mãe solo para as políticas públicas, não consideradas nessa abordagem e também a autoclassificação a essa terminologia não é consensual entre as mulheres nessa condição, vista por algumas como uma denominação pejorativa e por outras como sinônimo de empoderamento. Assim, optamos por tratar esse grupo social por mulheres que têm filhos menores que moram apenas com a mãe.
- Entre essas, pouco menos da metade (46%) recebe pensão ou algumas contribuição financeira para o sustento dos filhos e um pouco mais da metade (58%) compartilha os cuidados com a criança com a outra pessoa responsável.
- Entre os homens, 59% dizem que pagam pensão ou contribuem financeiramente e 88% afirmam compartilhar os cuidados com as crianças.

PROTEÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE CUIDADOS – Escola dos filhos/as | Mulheres 2023

Estimulada e múltipla | Base: Entrevistadas que têm filhos/as menores que moram com elas / Amostra total Mulheres – 951 casos

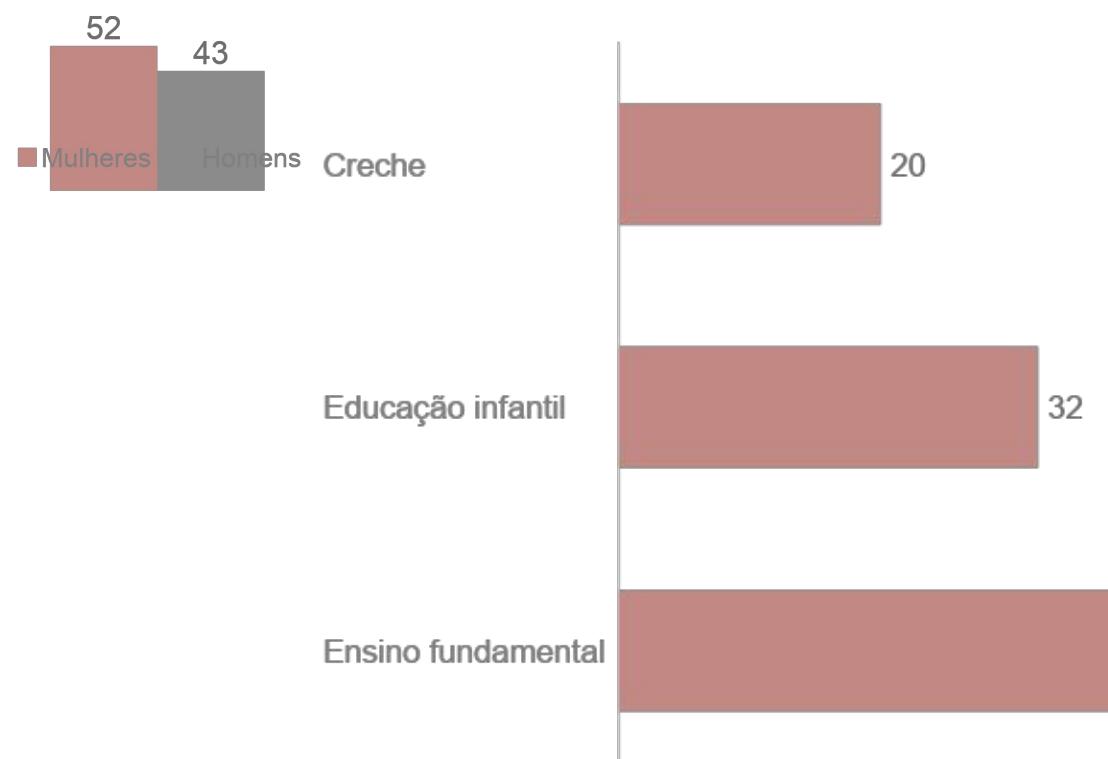
Cerca de metade das mulheres moram com filhos menores de 18 anos (52%) e 20% tem filhos em creches, um terço em escolas de educação infantil (32%) e 53% tem filhos matriculados em escolas de ensino fundamental.

Para todos os níveis educacionais predomina o ensino público e a jornada em período parcial. Apesar de baixo, as creches são o estabelecimento de ensino que mais oferece período integral (9%). A jornada integral em escolas de educação infantil e de ensino fundamental contempla parcela muito pequena (4% das que têm filhos na educação infantil e 6% no ensino fundamental).

% DE FILHOS/AS MENORES QUE MORAM COM A/O ENTREVISTADA/O

% FILHOS MATRICULADOS

(entre quem tem filhos/as menores que moram com a mãe)



% NÍVEL ESCOLAR X PERÍODO

(entre quem tem filhos/as menores que moram com a mãe)

MATRICULADOS	ESCOLA		PERÍODO	
	Pública	Privada	Parcial	Integral
Creche	20	1	12	9
Educação Infantil	27	5	28	4
Ensino Fundamental	48	5	47	6

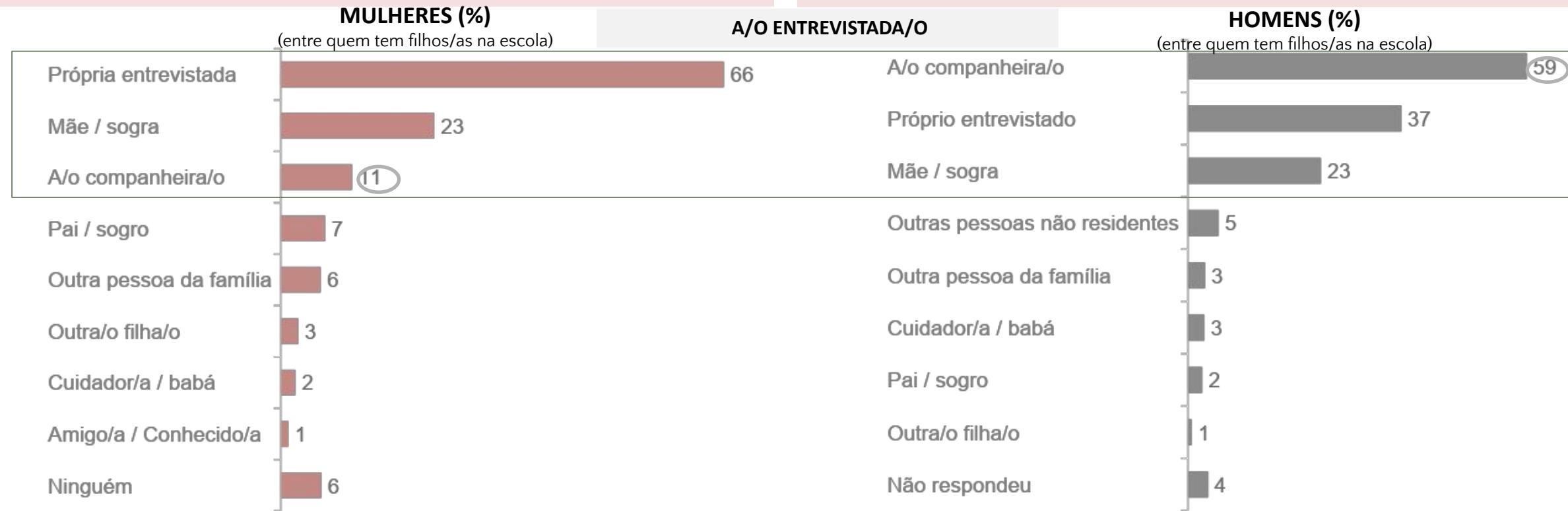
As mulheres que mais utilizam as creches são as com renda familiar acima de 5 salários mínimos (29%), as da região Centro-Oeste (26%) e as solteiras (27%). Filhos em escolas de educação infantil é mais frequente entre as que residem na região Norte (39%) e as separadas (38%). São também as separadas as que mais têm filhos matriculados no ensino fundamental (58%).

PROTEÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE CUIDADOS – Responsável pelos filhos/as quando não estão na escola | 2023

Espontânea e múltipla | Base: Entrevistadas/os com filhos/as menores que moram com elas (mãe) / com eles (pai) e frequentam a escola | Amostra M1 – 256 / H1 – 177 casos

Para dois terços das entrevistadas (66%), são elas próprias as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos quando estes não estão na escola e 23% deixa os filhos aos cuidados da mãe ou sogra quando estes não estão na escola. O companheiro é responsável pelos cuidados, em apenas 11% dos casos.

Diferentemente das mulheres, para mais da metade dos homens que têm filhos (59%) a companheira é a principal responsável pelos cuidados quando estes não estão na escola e ele, o próprio entrevistado, é responsável por esses cuidados em 37% dos casos. A atribuição dessa função à mãe ou sogra é semelhante entre homens e mulheres (23%).



PROTEÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE CUIDADOS – Filhos menores / pensão alimentícia / divisão de cuidados | Evolução

Entre as mulheres que tem filhos que moram apenas com ela, 46% recebem pensão alimentícia ou contribuição financeira para o cuidado da criança, taxa que volta a regredir. Em 2001 pouco mais de um terço (37%) delas recebia pensão alimentícia ou contribuição financeira. Em 2010, cerca de metade (50%) e em 2023 regride para patamares de 46%. Pouco mais da metade das mães (58%) afirmam que compartilham a guarda das crianças (sempre 42%, às vezes 12% e raramente 4%). Entre os homens, 88% afirmam que compartilham os cuidados com a criança (sempre 71%, 11% às vezes e 6% raramente).

MULHERES (Em %)	2001	2010	2023		HOMENS (Em %)	2010	2023
PRESENÇA DE FILHOS MENORES DE IDADE QUE MORAM APENAS COM A MÃE							
Sim	27	16	45	+29	Sim	11	22
Não	66	84	55		Não	88	78
Não respondeu	7	-	-		Não respondeu	-	-
PENSÃO ALIMENTÍCIA / CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA *							
Recebe pensão	-	-	46		Paga pensão / Contribui financeiramente	-	59
Sempre	32	41	38		Sempre	59	59
Às vezes	5	9	5		Às vezes	7	-
Raramente	*	*	3		Raramente	*	1
Nunca recebe	58*	42 *	47	+ 5	Nunca contribui	30*	19
Teve filhos com mais de um homem, de um(ns) recebe, de outro(s) não	2	7	3		Teve filhos com mais de um homem, de um(ns) recebe, de outro(s) não	2	2
Não respondeu	2	2	4		Não respondeu	1	19
DIVISÃO DE CUIDADOS COM O PAI OU OUTRO A RESPONSÁVEL							
Compartilha	-	-	58		COMPARTILHAMENTO OS CUIDADOS DA CRIANÇA		
Sempre	-	-	42		Compartilha	-	88
Às vezes	-	-	12		Sempre	-	71
Raramente	-	-	4		Às vezes	-	11
Nunca compartilha	-	-	27		Raramente	-	6
Tem filhos/as com mais de uma pessoa, uns compartilham; outros, não	-	-	7		Nunca compartilha	-	8
Não respondeu	-	-	8		Tem filhos/as com mais de uma pessoa, uns compartilham; outros, não	-	4

P93 M TT. Alguma dessas crianças mora apenas com você e não com o pai ou a outra pessoa responsável? / P65. (Se tem filhos) E você tem filhos menores de idade que não moram com você? Espontânea e única | Base: Amostra total
Homens – 737 casos

P94 M3. (Se alguma criança mora apenas com a entrevistada e não com o pai ou outra pessoa responsável) O pai ou outra pessoa responsável compartilha os cuidados com a criança? (Se sim) Sempre, às vezes ou raramente? / P66 H2. (Se a criança mora apenas com a mãe ou outro responsável e não com o entrevistado) E você compartilha os cuidados com a criança? (Se sim) Sempre, às vezes ou raramente?

P95 M TT. (Se tem filhos menores que moram apenas com a mãe) Você recebe pensão ou algum pagamento mensal da outra pessoa responsável por essa criança? Essa pessoa contribuiu financeiramente para o sustento dela? (Se sim) Sempre, às vezes ou raramente? / P67. (Se tem filhos menores que não moram com o pai) Você paga pensão ou faz algum pagamento mensal para o sustento dessa(s) criança (s)? Estimulada e única | Base: Homens 1 – 76 casos

*Pensão alimentícia: Em 2001 e 2010 as categorias "Raramente e nunca recebe" eram juntas / Em 2023 são separadas

- Além dos filhos, 10% das mulheres moram com idosos que precisam de cuidados, 6% com pessoas com deficiência e 5% com doentes crônicos que precisam de cuidados.
- Para todos os casos, a principal responsável pelos cuidados com essas pessoas é a própria entrevistada, ou quando não, alguma outra mulher.
- A grande maioria da amostra avalia que o governo deveria oferecer algum tipo de apoio, serviços ou auxílio às famílias que possuem pessoas nessas condições.
- Auxílio financeiro é o mais solicitado, por 54% das mulheres. Serviços em domicílio envolvendo enfermeiros, médicos ou cuidadores, entre outros, são solicitados por 38%, além de serviços terapêuticos como fisioterapia, acupuntura e outras terapias são reivindicadas por 19% e 18% sentem necessidade de serviços de transporte para auxiliar essas pessoas.
- O fato de ter alguém em casa que necessite de cuidados traz impactos na vida de quem cuida. O principal deles é a dificuldade para trabalhar, apontada por 16%, falta de liberdade e o excesso de responsabilidades também são bastante mencionados (por 12% e 9%, respectivamente), além de devido à essa responsabilidade deixarem de cuidar de si (8%).
- Em relação a divisão sexual do trabalho, comparando o número de horas dedicados tanto aos cuidados com os serviços de casa, como com os cuidados com crianças, doentes e idosos, o número de horas dedicado por mulheres supera largamente o tempo de dedicação de seus cônjuges.
- Os homens reconhecem que suas parceiras dedicam mais tempo que eles próprios aos cuidados com a casa e os filhos.
- Na última década, aparentemente aumentou a contribuição dos homens nas tarefas domésticas, como cuidados com a casa, cozinhar, lavar e passar roupas, etc., reconhecido tanto por homens como pelas mulheres.
- E tanto as mulheres quanto os homens têm dedicado mais tempo aos cuidados com idosos e pessoas doentes que necessitam de ajuda, coerentemente com o avanço do envelhecimento da população brasileira, o que, certamente exigirá maior atenção do poder público.

Espontânea e única | Base: Amostra Mulheres 1 – 820 casos

Em 10% dos domicílios há pessoas idosas que precisam de cuidados, em 6% há pessoas com deficiências e em 5% doentes crônicos que precisam de cuidados.

Embora com baixo número de casos (82), para a quase totalidade das situações em que isso ocorre, a principal responsável pelos cuidados é uma mulher (9% no caso de cuidados com idosos, 5% de cuidados com pessoas com deficiências e 4% dos cuidados com doentes crônicos recaí sobre uma mulher, em cerca de metade deles, a principal responsável pelos cuidados com essas pessoas é a própria entrevistada (5%, 3% e 3%, respectivamente).

MORA COM IDOSOS	
PRECISAM DE CUIDADOS	%
Sim	10
Não	90
PRINCIPAL RESPONSÁVEL	%
Própria entrevistada	5
Outra pessoa	4
Irmã / irmão	1
Filha / filho	1
Mãe	1
GÊNERO DA/O PRINCIPAL RESPONSÁVEL	%
Feminino	9
Masculino	1
IDADE DA/O PRINCIPAL RESPONSÁVEL	%
De 18 a 34 anos	1
De 35 a 59 anos	5
De 60 a 69 anos	2
70 anos ou +	1
<i>Média da idade de quem cuida</i> 51a3m	

MORA COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	
PRECISAM DE CUIDADOS	%
Sim	6
Não	94
PRINCIPAL RESPONSÁVEL	%
Própria entrevistada	3
Outra pessoa	2
Irmã / irmão	1
GÊNERO DA/O PRINCIPAL RESPONSÁVEL	%
Feminino	5
Masculino	1
IDADE DA/O PRINCIPAL RESPONSÁVEL	%
De 18 a 34 anos	2
De 35 a 59 anos	3
De 60 a 69 anos	1
70 anos ou +	1
<i>Média da idade de quem cuida</i> 48a2m	

MORA COM DOENTES CRÔNICOS	
PRECISAM DE CUIDADOS	%
Sim	5
Não	95
PRINCIPAL RESPONSÁVEL	%
Própria entrevistada	3
Outra pessoa	2
Filha / filho	1
Mãe	1
Marido / esposo	1
GÊNERO DA/O PRINCIPAL RESPONSÁVEL	%
Feminino	4
Masculino	1
IDADE DA/O PRINCIPAL RESPONSÁVEL	%
De 18 a 34 anos	1
De 35 a 59 anos	3
De 60 a 69 anos	1
70 anos ou +	0
<i>Média da idade de quem cuida</i> 46a3m	

P100 M1. Tem alguma pessoa idosa ou pessoa com deficiência ou doente crônico que more com você e precise de cuidados?

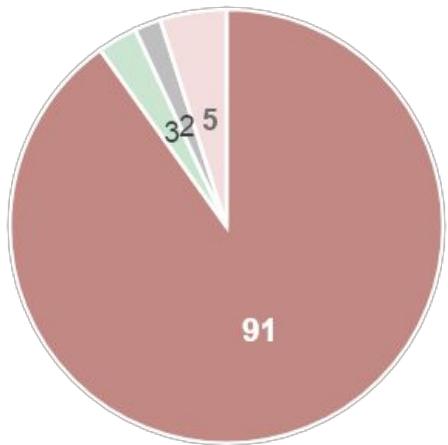
P101 M1. Quem é o principal responsável por cuidar das/dos idosas/os? (Se outra pessoa perguntar) O que essa pessoa é sua?

P101a M1. Qual o gênero dessa pessoa que cuida das/os idosas/os? | P101b M1. Que idade essa pessoa que cuida das/dos idosas/os tem?

PROTEÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE CUIDADOS – Serviços, apoio ou auxílios que o governo deveria oferecer às famílias que possuem pessoas que necessitam de cuidados | Mulheres 2023

Quase a totalidade (91%) das mulheres consideram que o governo deveria oferecer algum tipo de apoio ou auxílio às famílias que possuem idosos, pessoas com deficiência ou doentes crônicos que precisam de cuidados.

% DEVERIA OFERECER



Recursos financeiros é a principal reivindicação para mais de metade delas (54%), mas há também fortes menções a serviços em domicílio, como visitas de médicos, enfermeiras, fisioterapeutas, cuidadores, agentes de saúde etc. (38%).

% QUAIS SERVIÇOS / APOIO / AUXÍLIOS

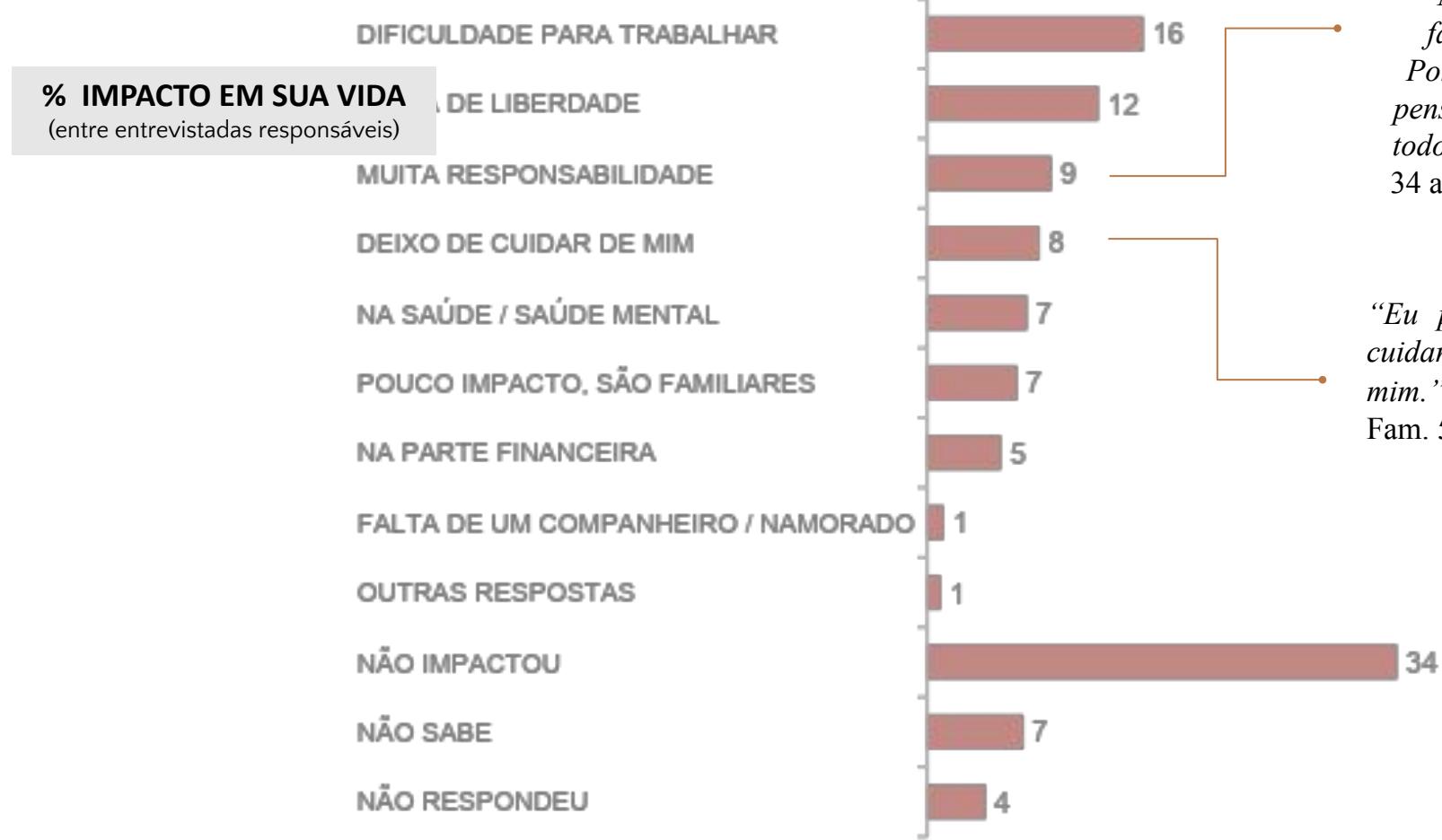
AUXÍLIO FINANCEIRO	54
SERVIÇOS EM DOMICÍLIO	38
SERVIÇOS TERAPÉUTICOS	19
TRANSPORTE	18
EQUIPAMENTOS	15
SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO / APOIO	14
AUXÍLIO FARMÁCIA	10
MELHORIA NO ATENDIMENTO	5
AUXÍLIO ALIMENTAÇÃO	5
APRIMORAMENTO DO SERVIÇO DE SAÚDE	4
GERAÇÃO DE EMPREGO PARA PCD	3
AUXÍLIO MORADIA	2
OUTRAS RESPOSTAS	3

As mulheres que mais reivindicam auxílio financeiro são as de 18 a 24 anos (61%), as com renda familiar inferior a um salário mínimo (61%) ou renda superior a 5 salários mínimos (62%), as desempregadas (66%) e as que possuem doentes crônicos em casa (65%). Os demais tipos de apoios são mais solicitados por mulheres com maior nível de escolaridade, renda familiar acima de 3 salários mínimos, inseridas no mercado formal de trabalho e também as que possuem pessoas que necessitam de cuidados em seu domicílio.

PROTEÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE CUIDADOS – Impactos na vida por ser responsável por pessoas que necessitam de cuidados | Mulheres 2023

Espontânea e múltipla | Base: Entrevistadas que cuidam de pessoas idosas, com deficiência e/ou doentes crônicos no domicílio | Amostra Mulheres 1 – 70 casos

Mais de 2/3 das mulheres responsáveis por cuidar de pessoas idosas deficientes ou doentes crônicas afirmam que essa situação causou impactos em suas vidas. O maior impacto percebido é a dificuldade para trabalhar (16%). Outras percebem que o fato de cuidarem de pessoas nessas condições implica em falta de liberdade (12%). Há também as que reclamam pelo excesso de responsabilidade (9%), as que alegam que deixam de cuidar de si mesmas (8%) e as que afirmam que essa condição afeta sua saúde mental (7%).



“Mas digamos assim você vai me perguntar, o homem poderia fazer isso também, ele poderia ser responsável, por que não? Porque não divide essa tarefa, entre homem e mulher? Tu me fez pensar, por que não? Porque tem que sobreregar a mulher com todo esse compromisso, com toda essa responsabilidade?” (EP 30, 34 anos, CIS, Cuiabá, parda, evangélica, dona de casa, Renda Fam. R\$ 2.760,00, ens. superior inc., casada, hétero, 2 filhos).

“Eu passei 10 anos da minha vida cuidando de uma casa, cuidando de menino, cuidando de tudo, e eu não olhava para mim.” (EP 26, 39 anos, CIS, Manaus, preta, cristã, CLT, Renda Fam. 5.000,00, ens. Superior inc., viúva, hétero, 2 filhos)

Uma parcela das mulheres (34%) afirma que o fato de serem responsáveis por pessoas que necessitam de cuidados não causou impacto em suas vidas. As entrevistas em profundidade mostram que isso se deve mais a uma certa normalização, obrigação moral, responsabilidade e sentimento de retribuição, gratidão ou amor e abrir mão de algumas coisas lhes parece normal.

PROTEÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE CUIDADOS – Média em horas semanais gastos para fazer ou orientar as atividades realizadas em casa pela entrevistada/o e o/a cônjuge | Evolução

Estimulada e única | Base: Amostra Mulheres 2 – 811 / Homens 2 – 598 casos

Base Cônjuge: Entrevistadas/os que são casadas no civil, união estável ou moram com parceiro/a | Amostra M2 – 417 / Homens 2 – 321 casos

As mulheres gastam mais que o dobro do tempo com as tarefas domésticas que seus cônjuges. Essas tarefas ocupam, em média, 13 horas e 11 minutos por semana do tempo das mulheres e seus cônjuges gastam, em média, 5 horas e 48 minutos por semana. Entre as mulheres que têm filhos, o tempo gasto nessas tarefas é, em média, 14 horas e 55 minutos. Cuidados com os filhos, como dar banho, alimentar, levar à escola ou ao médico ocupam, em média, 13 horas e 6 minutos por semana do tempo das mulheres, enquanto seus parceiros gastam cerca de 5 horas e 6 minutos semanais nessas tarefas.

O tempo médio gasto pelas mulheres cuidando ou acompanhando pessoas idosas, deficientes ou doentes crônicos é de 3 horas e 38 minutos, enquanto seus cônjuges gastam apenas 48 minutos por semana. Entre as mulheres que têm filhos o tempo acompanhando pessoas que necessitam de cuidados sobe para 4 horas e 18 minutos e entre seus cônjuges é de 54 minutos.

MULHERES	ENTREVISTADA		CÔNJUGE		HOMENS	ENTREVISTADO		CÔNJUGE	
	2010	2023	2010	2023		2010	2023	2010	2023
COM SERVIÇOS DE LIMPEZA DA CASA, COZINHAR, LAVAR E PASSAR ROUPA E OUTROS CUIDADOS DE SERVIÇOS DE CASA									
Total da amostra	17h44'	13h11' 	3h16'	5h48' 	Total da amostra	4h19'	6h09' 	23h37'	14h30' 
Mulheres com filhos	20h41'	14h55' 	3h24'	5h48' 	Homens com filhos	4h37'	6h22' 	24h13'	15h19' 
COM O CUIDADO COM FILHOS/ CRIANÇAS, COMO DAR BANHO, ALIMENTAR, LEVAR À ESCOLA, LEVAR AO MÉDICO OU FICOU RESPONSÁVEL POR OLHAR A/S CRIANÇA/S									
Total da amostra	10h00'	10h36'	2h34'	4h36' 	Total da amostra	2h43'	3h44' 	16h49'	8h48' 
Mulheres com filhos	13h28'	13h06'	2h47'	5h06' 	Homens com filhos	4h05'	5h50' 	18h16'	10h21' 
COM O CUIDADO OU ACOMPANHANDO PESSOAS IDOSAS OU DOENTES									
Total da amostra	1h37'	3h38' 	25'	48' 	Total da amostra	1h44'	2h52' 	2h38'	2h08'
Mulheres com filhos	1h55'	4h18' 	28'	54' 	Homens com filhos	1h34'	3h06' 	2h44'	2h29'

P104 M2. Na semana passada, quantas horas, mais ou menos, você gastou fazendo ou orientando as seguintes atividades na sua casa:

P104a M2. (Se casada/mora junto) E quantas horas na semana passada você diria que o/a seu/sua cônjuge, companheiro ou companheira gastou fazendo ou orientando essas atividades na sua casa?

P73 H2. Na semana passada, quantas horas, mais ou menos, você gastou fazendo ou orientando as seguintes atividades na sua casa:

P73a H2. (Se casado/mora junto) E mais ou menos quantas horas na semana passada você diria que o/a seu/sua cônjuge, companheiro ou companheira gastou fazendo ou orientando essas atividades na sua casa?

5

TRABALHO REMUNERADO E NÃO REMUNERADO

TRABALHO REMUNERADO E NÃO REMUNERADO

- Transversais às diferenças resultantes da profunda desigualdade de gênero, classe e raça que estruturam as relações sociais no país, as experiências no mercado de trabalho é o aspecto da vida da mulheres que mais denunciam essas desigualdades.
- As conquistas inerentes à participação crescente das mulheres no mercado do trabalho remunerado, em si, refletem avanços em sua busca por autonomia, mas por outro lado também evidenciam objetivamente as principais diferenças entre homens e mulheres, percebidas por ambos e que atualmente constituem as piores coisas da vida das mulheres.
- A qualidade da inserção das mulheres no mercado de trabalho e a baixa participação masculina na divisão do trabalho doméstico, levam a uma situação de exaustão, sem contrapartida.
- Pouco mais da metade das mulheres estão inseridas na população economicamente ativa (PEA) e entre os homens 80%, índices que mantém similaridade às edições anteriores da pesquisa.
- Cresce a participação das mulheres no mercado informal de trabalho. Entre os homens, há oscilação positiva de participação tanto no mercado formal quanto no informal e cai a taxa de desemprego entre ambos.
- Além da atividade principal, cerca de 12% das mulheres e 18% dos homens possuem um trabalho secundário. Essa segunda atividade, em geral, é desenvolvida no mercado informal (10% entre as mulheres e 14% entre os homens) e por meio de trabalhos temporários (7%, ambos).
- Ao observar apenas quem está economicamente ativo, a diferença entre homens e mulheres se aprofunda: mais da metade das mulheres (58%) atuam no mercado informal. Entre os homens, 45% são informais (diferença de 13 p.p. em relação às mulheres) e a formalização atende 61%.
- As mulheres trabalham em média 10 horas a menos que os homens em seu trabalho principal (34h18', frente a 44h30', em comparação aos homens).
- Um terço das mulheres (33%) trabalha mais de 40 horas semanais em sua atividade principal e metade dos homens (52%) trabalham essa jornada.
- Entre as mulheres que não trabalham, cerca de dois terços já trabalharam e pararam de trabalhar (62%) e um terço 37% nunca trabalhou.
- Gravidez e filhos e as dificuldades do mercado de trabalho são os motivos que mais levam as mulheres a pararem de trabalhar (30% e 24%, respectivamente) ou de nunca terem trabalhado (24% e 20%).
- O ambiente de trabalho muitas vezes é hostil às mulheres. Duas em cada dez mulheres que trabalham ou já trabalharam afirmam que gritaram com elas em seu ambiente de trabalho (19%), ou fizeram com que se sentissem inferiorizadas, incompetentes ou incapazes, afetando sua autoestima profissional (19%). A cobrança insistente por alguma tarefa delegada foi mencionada por 17% das mulheres que trabalham ou já trabalharam e 14% dizem ter sido agredidas verbalmente, além de 10% que se sentiram discriminadas por serem mulheres.
- O assédio sexual, por meio de convites ou propostas de caráter sexual foi vivido por 8% e 3% afirmam que tocaram em seu corpo sem seu consentimento.

TRABALHO – Economicamente ativos e inativos | Evolução

Estimulada e única | Base: Amostra Total Mulheres - 2440 / Homens - 1221 casos

A participação de mulheres e homens na população economicamente ativa (PEA) se mantém nas mesmas proporções desde 2001. No entanto, na última década a informalidade no trabalho entre as mulheres aumentou (8 p. p.) e o desemprego diminuiu (4 p.p.). Entre os homens, há oscilação positiva tanto no mercado formal (3 p.p.) quanto no informal (5 p.p.), com queda na taxa de desemprego (7 p.p.). Entre as mulheres, a não participação na PEA é o dobro da dos homens (44%, frente a 19% dos homens). Já entre os homens, a participação no mercado formal é quase o dobro da das mulheres (47%, frente a 24% das mulheres).

PRINCIPAL ATIVIDADE ECONÔMICA ENTRE QUEM TRABALHA E NÃO TRABALHA – TOTAL DA AMOSTRA						
MULHERES (%)	2001	2010	2023	HOMENS (%)	2010	2023
PEA	53	52	54	PEA	79	80
MERCADO FORMAL	17	26	24	MERCADO FORMAL	44	47
MERCADO INFORMAL	23	19	27 ↑ + 8	MERCADO INFORMAL	24	29 ↑ + 5
DESEMPREGADA	12	7	3 ↓ - 4	DESEMPREGADO	10	3 ↓ - 7
NÃO PEA	47	48	44	NÃO PEA	21	19
DONA DE CASA	30	25	22	APOSENTADO	11	11
APOSENTADA	8	10	13	ESTUDANTE	9	3
ESTUDANTE	9	11	6	DONO DE CASA	-	2
DESALENTADA	-	-	3	DESALENTADO	-	2
NÃO RESPONDEU	1	1	2	NÃO RESPONDEU	-	1

Além da atividade principal, cerca de 12% das mulheres e 18% dos homens possuem outra atividade em que recebem dinheiro. Essas atividades, em sua maioria, são desenvolvidas no mercado informal de trabalho (10% entre as mulheres e 14% entre os homens) e por meio de trabalhos temporários (7%, ambos).

P106 M TT / P75 H TT. E falando agora de trabalhos em que você ganha dinheiro para fazer, atualmente você está trabalhando?

P106a M TT / P75a H TT. (Se está desempregado) Você buscou emprego nos últimos 30 dias?

P107 MTT / P75b H TT. Além disso você: estuda, é aposentada ou é dona de casa? | P108 MTT / P76 HTT No seu trabalho você é:

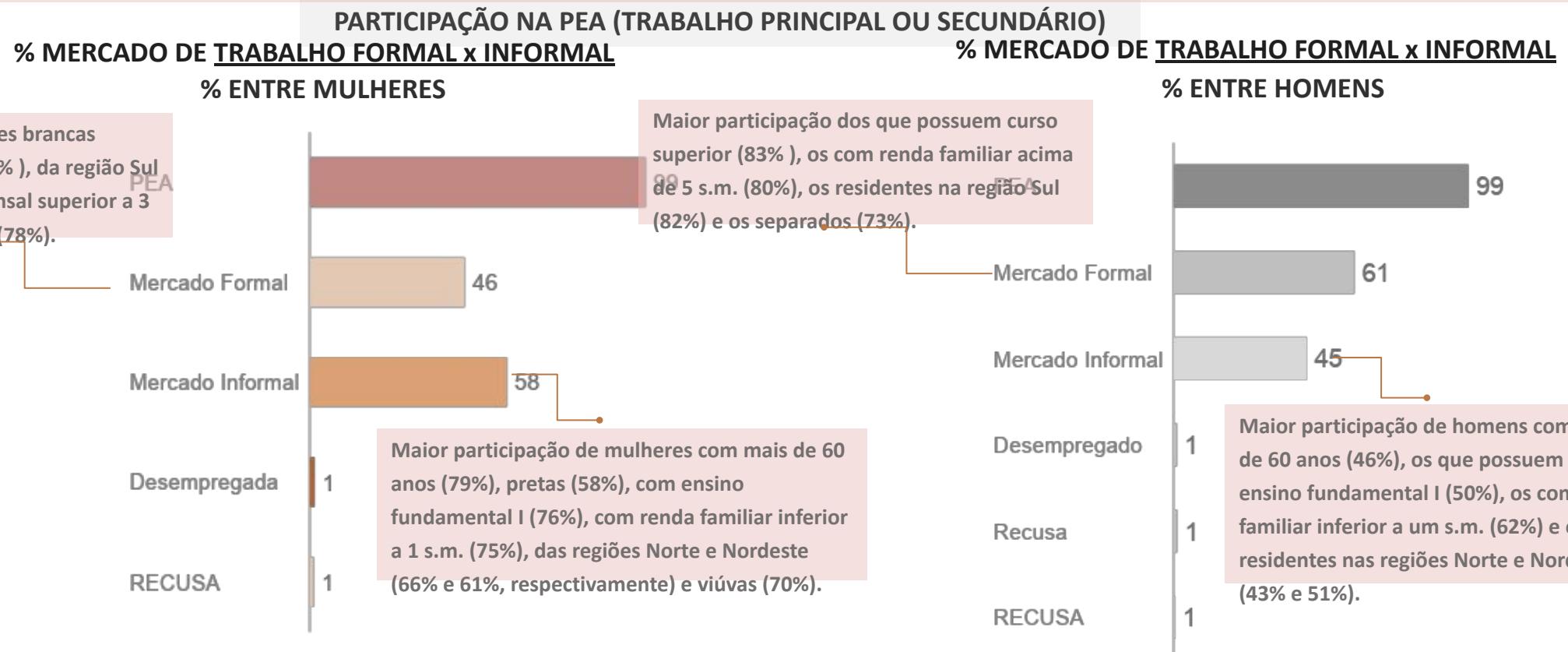
P110 M TT / P78 H TT. Você tem alguma outra atividade em que ganhe dinheiro?

TRABALHO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO – Participação na PEA – Mercado de Trabalho Formal x informal

Estimulada e única | Base: Entrevistadas que estão trabalhando (com trabalho principal ou secundário)
Amostra total Mulheres - 1271 casos

Estimulada e única | Base: Entrevistados que estão trabalhando (com trabalho principal ou secundário)
Amostra total Homens - 946 casos

Analisando o vínculo com o trabalho tanto em atividade principal como em secundária entre quem trabalha, observamos o aprofundamento da informalidade entre as mulheres e maior formalização entre os homens. Entre as mulheres que trabalham, 46% estão inseridas no mercado formal e 58% no mercado informal. Entre os homens que trabalham, a formalização supera a informalidade em 16 pontos percentuais.



TRABALHO – Quantidade de horas semanais dedicadas ao trabalho | 2023

Esportânea e única | Base trabalho principal: Entrevistadas/os que estão trabalhando – Amostra total
Mulheres - 1126 / Homens – 894 casos

Base Trabalho secundário: Entrevistadas/os que têm mais do que um trabalho – Amostra total
Mulheres – 292 / Homens – 217 casos

Comparando mulheres e homens que trabalham, a média de horas semanais trabalhadas pelas mulheres em sua atividade principal é de 34 horas e 18 minutos. Entre os homens, a jornada semanal é de 44 horas e 30 minutos. Um terço das mulheres (33%) trabalha mais de 40 horas semanais em sua atividade principal. Uma em cada quatro mulheres trabalha até 20 horas por semana ou de 30 a 40 horas semanais (25% em cada jornada). Entre os homens, apenas 8% trabalham jornadas inferiores a 20 horas semanais e a maior parcela (32%) trabalha entre 44 e 60 horas semanais, além de 10% que trabalham mais de 60 horas semanais.

Entre as mulheres que exercem uma outra atividade secundária, a maior parcela (69%) dedica até 20 horas a essa segunda atividade e a jornada semanal é de, em média, 16 horas e 38 minutos. Os homens dedicam, em média, 22 horas e 24 minutos a uma atividade secundária.

ENTRE QUEM ESTÁ TRABALHANDO

MULHERES			HOMENS		
EM %	PRINCIPAL	SECUNDÁRIO	EM %	PRINCIPAL	SECUNDÁRIO
Até 20 horas	25	69	Até 20 horas	8	49
Mais de 20 a 30 horas	12	8	Mais de 20 a 30 horas	6	6
Mais de 30 a 40 horas	25	7	Mais de 30 a 40 horas	29	10
Mais de 40 a 44 horas	14	1	Mais de 40 a 44 horas	10	3
Mais de 44 a 60 horas	16	8	Mais de 44 a 60 horas	32	9
Mais de 60 horas	3	1	Mais de 60 horas	10	3
Não sabe	4	-	Não sabe	1	6
Não respondeu	1	7	Não respondeu	3	14
MÉDIA DE HORAS DEDICADAS		34h18'	MÉDIA DE HORAS DEDICADAS		44h30'
					22h24'

P109 M TT / P77 H TT. (Se trabalha) Quantas horas por semana você dedica a esse trabalho (principal)?

P111 M TT / P79H TT. (Se trabalha) E em seu outro trabalho, quantas horas você trabalha por semana (secundário)?

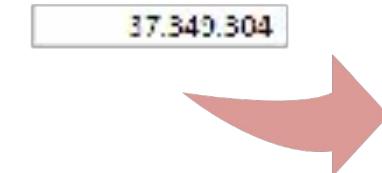
www.fpabramo.org.br

TRABALHO – Trabalho remunerado | Mulheres

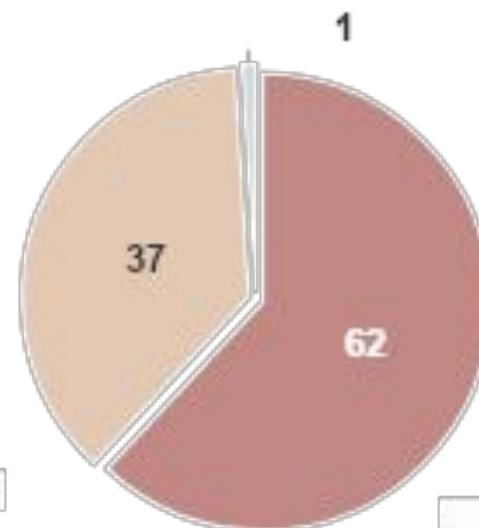
Estimulada e única | Base: Entrevistadas que não trabalham - Amostras Mulheres 2/3 – 648 casos

Entre as mulheres que não trabalham, cerca de dois terços já fizeram trabalho remunerado e pararam de trabalhar (62%) e 37% nunca trabalharam. Essa taxa é próxima da 2010, quando 58% mencionaram já terem feito trabalho remunerado e parado de trabalhar e 34% nunca terem trabalhado. Há que se ressaltar que 5% das mulheres da amostra estão na faixa etária entre 15 e 17 anos, sendo comum a essa faixa etária nunca terem trabalhado.

% PARTICIPAÇÃO PEA X
NÃO PEA



% FEZ TRABALHO REMUNERADO ANTES - 2023
(Se não trabalha e nem é aposentada)

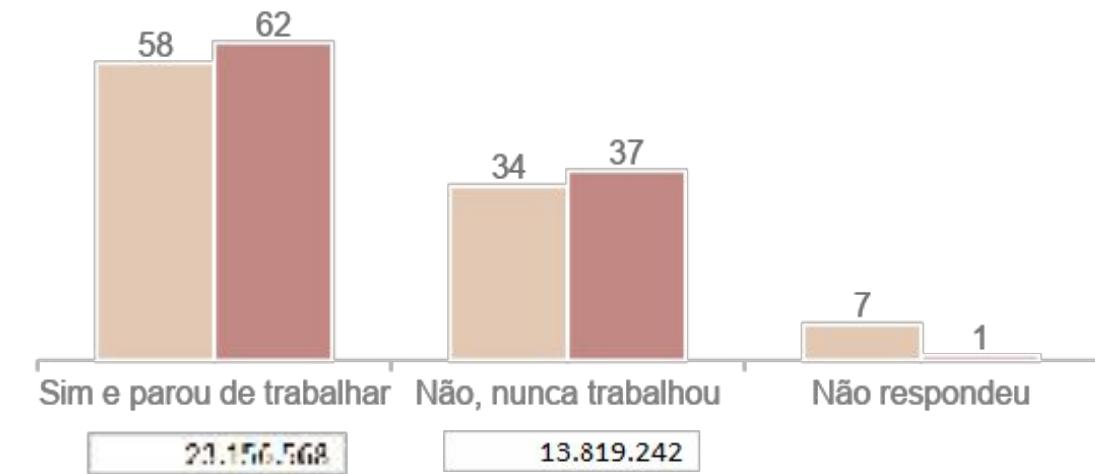


14.819.247

73.176.558

- Sim e parou de trabalhar
- Não, nunca trabalhou
- Não respondeu

% FEZ TRABALHO REMUNERADO ANTES - EVOLUÇÃO
(Se não trabalha e nem é aposentada)



23.156.568

13.819.242

■ 2010

■ 2023

Gostava (do trabalho), estava gostando, o salário estava bom porque eu estava vendendo bem para caramba, e aí eu tive que me afastar, eu tive que pedir para sair porque entre o salário, entre o trabalho e o filho eu vou no filho porque eu consigo arrumar outro trabalho, e o filho, se eu perdesse ele para as drogas ou para bandidagem como que eu ia fazer depois para trazer ele de volta?" (EP 07, 53 anos, CIS, Cuiabá, branca, católica, autônoma, Renda Fam. R\$10.000,00, ens. médio, solteira, hétero, 3 filhos)

As mulheres que mais afirmaram que pararam de trabalhar são as com mais de 35 anos (cerca de 75%), as brancas (67%), as com ensino superior (89%), renda familiar entre 3 e 5 salários mínimos (82%), as das regiões Centro-Oeste (70%) e Sudeste (73%), separadas (81%) e as que têm filhos (71%). As que nunca trabalharam são, principalmente, as jovens de 15 a 17 anos (82%), as que possuem ensino médio (46%), residentes na região Nordeste (50%), solteiras (53%) e as que não têm filhos (60%).

TRABALHO – Razões para ter parado de trabalhar | Mulheres Evolução

Espontânea e múltipla | Base: Entrevistadas que pararam de trabalhar / Amostra Mulheres 2 – 209 casos

Gravidez e filhos continuam sendo as principais razões para que as mulheres parem de trabalhar, mantendo os mesmos patamares de 2010 (30%, o que corresponde a cerca de 6.946.970 mulheres). As dificuldades no mercado de trabalho passaram a ser mais mencionadas a partir de 2010. Aumentou ligeiramente as menções relacionadas à saúde e a necessidade de se dedicar a trabalhos domésticos e cuidados regrediu 4 pontos percentuais. Razões para parar de trabalhar associadas ao casamento e marido são as que mais diminuíram em número de menções: apontada por 23% em 2001, 12% em 2010 e 6% de menções em 2023 e a insatisfação com o emprego anterior também recuou 7 pontos.

MULHERES (%)	2001	2010	2023	MULHERES (%)	2001	2010	2023
FILHOS / GRAVIDEZ	34	30	30	CASAMENTO / MARIDO	23	12	6 ↓
Gravidez / teve filhos/as / foi cuidar de filhos/as	28	24	29	Casei e o/a companheiro/a prefere que fique em casa cuidando da casa e filhos/as	8	6	3
Não tinha onde / com quem deixar os filhos/as	4	2	2	Casei (sem especificar)	16	7	2
DIFICULDADES DO MERCADO DE TRABALHO	13	25	24	NÃO TINHA / TEM NECESSIDADE	4	6	4
Foi demitida	5	11	13	É pensionista / recebe aposentadoria do/a companheiro/a	1	1	2
Terminou o contrato / fechou o lugar onde trabalhava	3	8	5	Não tem / tinha necessidade / não precisava trabalhar, não quer trabalhar	1	2	2
Falta de emprego / de oportunidade	6	5	5	Companheiro/a / marido sustenta a casa	2	3	1
SAÚDE	12	10	14 ↑	MUDANÇA DE CIDADE	8	4	3
Teve problema de saúde / para cuidar da saúde	12	9	14	Mudança de cidade	6	4	3
TRABALHO DOMÉSTICO / CUIDADOS	15	16	12 ↓	INSATISFAÇÃO COM ANTIGO EMPREGO	4	10	3 ↓
Para cuidar da família, companheiro/a	1	7	7	Insatisfação com o emprego, não gostava do emprego, trabalhava muito, salário era baixo	2	5	3
Cuida da casa, gosta / prefere ser dona de casa	9	7	4	ESTUDOS	3	3	2
Tive que cuidar irmãos, mãe trabalha	-	-	1	Tinha que estudar, não dá tempo para trabalhar	3	3	2
Precisou cuidar da mãe / pai	-	-	1	OUTRAS RAZÕES	1	3	1
TEMPO DE TRABALHO	4	2	7 ↑	Problemas familiares / divórcio	-	-	1
Pela idade / ficou velha não tem mais forças / já trabalhou muito	4	1	4	NÃO SABE / NÃO RESPONDEU *	3	3	3
Aposentou	-	1	3				

* 2023: Não sabe 1% | Não respondeu 2%

As mulheres que pararam de trabalhar devido à gravidez e filhos são principalmente as com idade entre 25 e 44 anos (cerca de 45%), as de cor preta (44%), as com ensino fundamental II (37%) ou superior (39%) e as casadas (40%). Já as dificuldades no mercado de trabalho foram mais apontadas pelas mulheres brancas (29%), as com ensino médio ou superior (em torno de 30%) e as solteiras (34%).

TRABALHO – Razões para nunca ter trabalhado | Mulheres Evolução

Espontânea e múltipla | Base: Entrevistadas que nunca trabalharam / Amostra Mulheres 2 – 116 casos

Da mesma forma, gravidez e filhos continuam sendo os principais motivos para as mulheres nunca terem trabalhado (24%, o que corresponde a cerca de 3.316.618 mulheres). Esse índice retorna aos patamares de 2001. As dificuldades no mercado de trabalho foram menos mencionadas que em 2010 (20% em 2023, em comparação a 26% em 2010), a falta de necessidade de trabalhar manteve os mesmos índices (12%) e os estudos passaram a ter maior importância (12% e menções frente a 5% em 2020). A dedicação aos trabalhos domésticos e cuidados regrediu significativamente, assim como razões associadas ao casamento e marido (de 22% e 21% em 2010, para atuais 9% e 8% de menções, respectivamente).

MULHERES (%)	2001	2010	2023
FILHOS / GRAVIDEZ	24	28	24 ↓
Gravidez / teve filhos/as / foi cuidar de filhos/as	20	20	21
Não tinha onde / com quem deixar os filhos/as	2	2	3
DIFÍCULDADES DO MERCADO DE TRABALHO	14	26	20 ↓
Falta de emprego / de oportunidade	14	20	18
Falta de qualificação / pedem muita qualificação ou especialização	-	-	2
NÃO TEM / NÃO TINHA NECESSIDADE	20	13	12
Não tem / tinha necessidade / não precisava trabalhar, não quer trabalhar	14	10	10
Companheiro/a / marido sustenta a casa	8	5	2
ESTUDOS	4	5	12 ↑
Tinha que estudar / escola / não dá tempo para trabalhar	4	5	12
TRABALHO DOMÉSTICO / CUIDADOS	15	22	9 ↓
Para cuidar da família, companheiro/a	4	5	6
Cuida da casa, gosta / prefere ser dona de casa	12	13	5
Precisou cuidar da mãe / pai	1	2	1
IDADE	1	2	9 ↑
Idade insuficiente	1	2	9

MULHERES (%)	2001	2010	2023
CASAMENTO / MARIDO	31	21	8 ↓
Casei e o/a companheiro/a prefere que fique em casa cuidando da casa e filhos/as	23	10	6
Casei (sem especificar)	10	11	2
TEMPO DE TRABALHO	2	-	3
Aposentou	1	-	2
Não tenho mais condições de trabalhar, não tem mais forças	1	-	1
PARA CUIDAR DA SAÚDE	3	1	1
Teve problema de saúde / para cuidar da saúde	3	1	1
OUTRAS RESPOSTAS	4	4	-
NÃO SABE / NÃO RESPONDEU	5	4	9

* 2023: Não sabe 4% | Não respondeu 6%



- A renda pessoal das mulheres é significativamente menor que a dos homens. A renda média das mulheres economicamente ativas corresponde a dois terços da renda dos homens: R\$ 2.035,14, frente a R\$ 3.278,20 dos homens. Apenas 2% das mulheres que trabalham possuem renda acima de 5 salários mínimos, enquanto 8% dos homens atingem essa faixa.
- Comparativamente aos homens economicamente ativos e não ativos, a desigualdade de renda é bastante evidente. Em média, a renda das mulheres é de R\$ 1.708,23, frente a uma renda média mensal de R\$ 2.983,40 dos homens.
- A diferença racial também se evidencia através da renda. Entre as brancas a renda média individual é de R\$ 1.912,47 e entre as negras de R\$ 1.602,65.
- Em média, as famílias são compostas por 3,2 indivíduos e reduziu em 0,8 a média de moradores por domicílio, comparativamente à edição anterior.
- Segundo as entrevistadas, homens e mulheres contribuem, proporcionalmente, com o sustento da casa (63% e 64%, respectivamente). Já os homens dizem que 80% dos lares contam com contribuição financeira de homens e 52% com a contribuição financeira de mulheres.
- De acordo com a mulheres, a responsabilidade financeira pelo domicílio é dividida equilibradamente entre mulheres e homens (49% a 47%, respectivamente), enquanto 80% dos homens afirmam que os domicílios em que residem são mantidos por homens e 15% mantidos por mulheres.
- O mesmo equilíbrio na divisão da responsabilidade financeira da casa entre homens e mulheres não se observa na divisão dos afazeres domésticos, majoritariamente feminino. Quase a totalidade (93%) dos domicílios tem uma mulher como principal responsável trabalho doméstico.

TRABALHO – Renda pessoal mensal | 2023

Espontânea e única | Base: Amostra total Mulheres - 2440 / Homens – 1221 casos

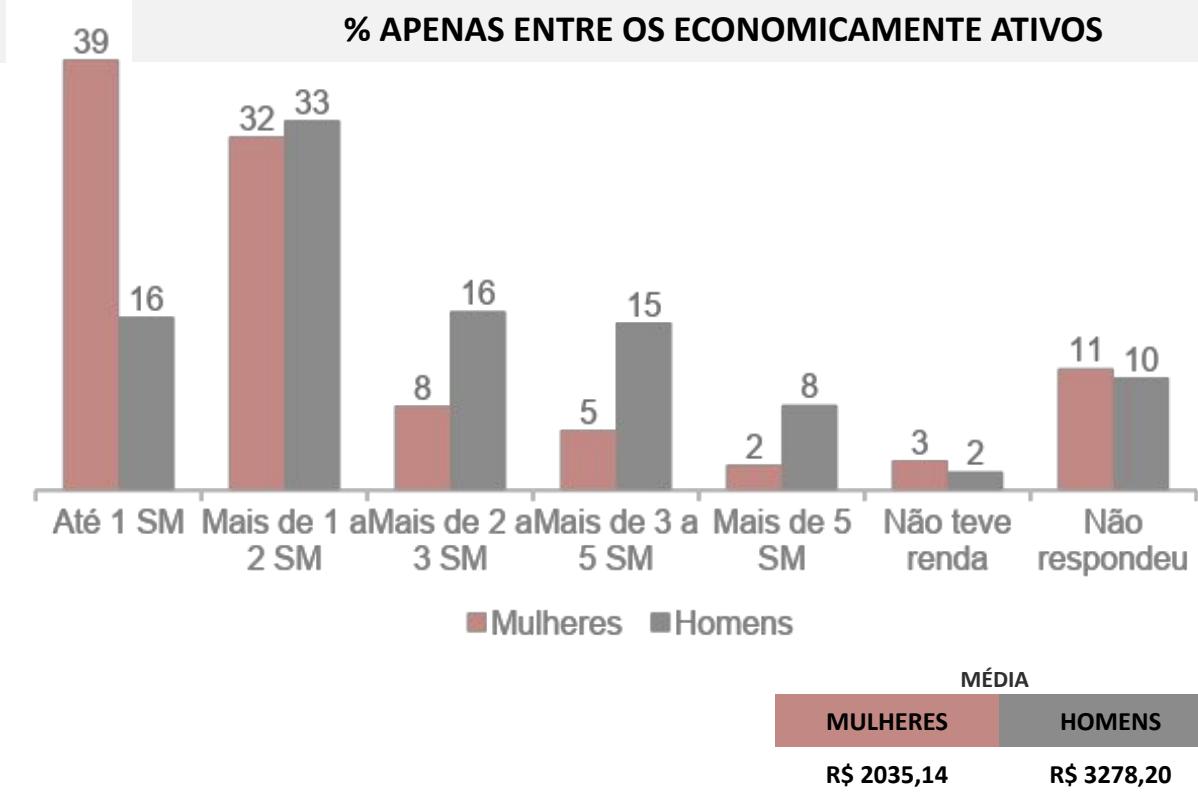
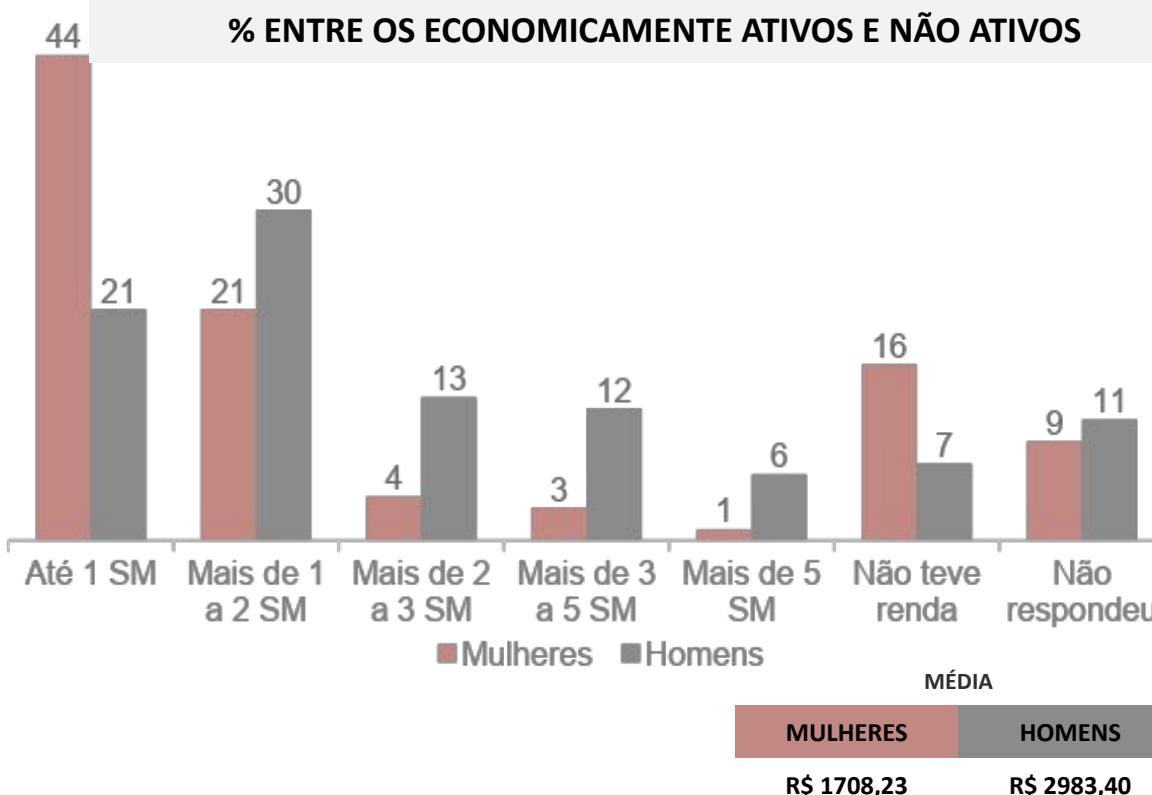
As mulheres possuem renda significativamente menor que a dos homens. Analisando o total da amostra (quem trabalha e não trabalha), a renda média das mulheres é 40% inferior à dos homens: R\$ 1.708,23 e a dos homens R\$ 2.983,40.

A proporção de mulheres com renda de até um salário mínimo, é o dobro da dos homens (44%, frente a 21% dos homens), além de 16% que não tem renda.

Apenas 4% das mulheres atingem renda superior a 3 salários mínimos, frente a 18% dos homens, e só 1% têm renda acima de 5 salários mínimos.

Espontânea e única | Base: Entrevistados que estão trabalhando / Amostra total Mulheres - 1126 / Homens – 894 casos

A renda de homens e mulheres economicamente ativos/as apresenta diferença ainda mais acentuada. A renda média das mulheres corresponde a dois terços da renda dos homens: R\$ 2.035,14, frente a R\$ 3.278,20 dos homens. O segmento com renda inferior a um salário mínimo tem mais que o dobro de mulheres em relação aos homens (39%, frente a 16% dos homens). Apenas 2% das mulheres atinge renda acima de 5 salários mínimos, enquanto entre os homens chega a 8%.



P123 M TT / P80 H TT. Somando tudo que você ganhou, considerando salários, benefícios, aposentadorias ou qualquer outra fonte, de quanto foi aproximadamente a sua renda pessoal no mês passado?

www.fpabramo.org.br

TRABALHO – Renda pessoal mensal | Evolução

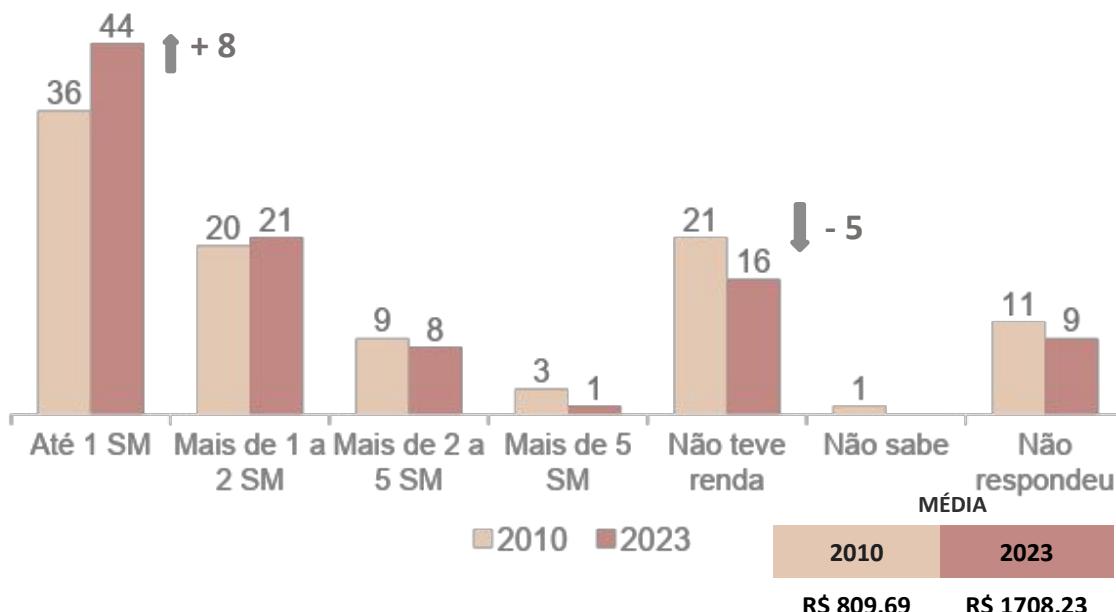
Esportânea e única | Base: Amostra Total Mulheres - 2440 / Homens – 1221 casos

Analizando as desigualdades de gênero na evolução da renda pessoal mensal de 2010 a 2023, observa-se que embora a renda média das mulheres tenha dobrado (passou de R\$ 809,69 para R\$ 1.708,23) a dos homens, que já era superior, aumentou em proporção ainda maior – 2,4 vezes (passou de R\$ 1.243,15, em 2010, para R\$ 2.983,40).

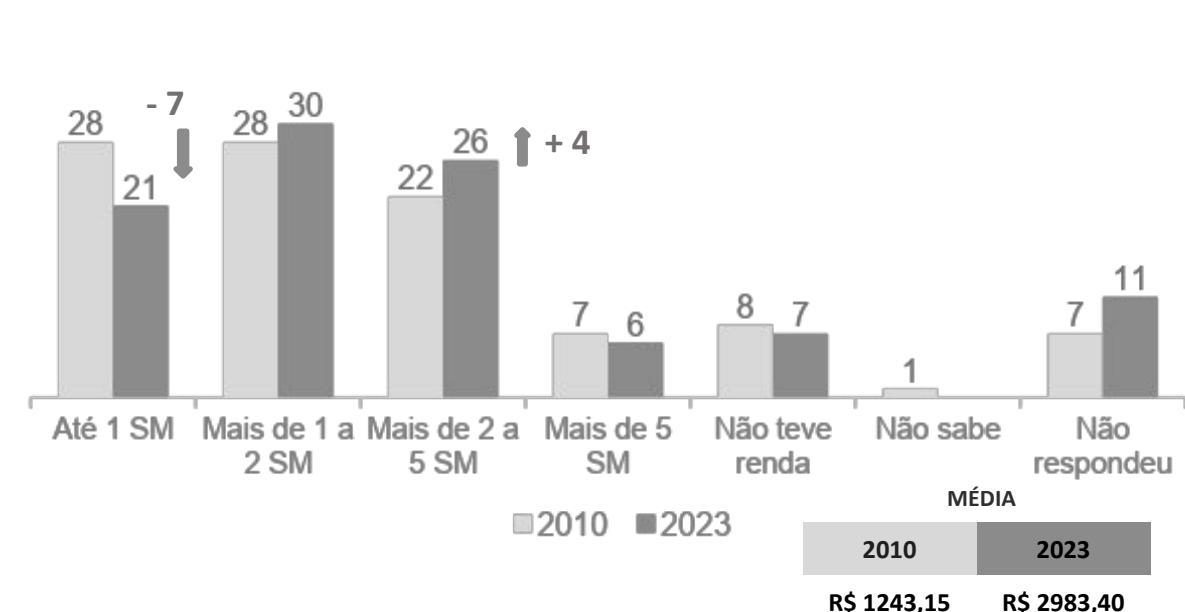
Reduziu o percentual de mulheres que não possuem renda, enquanto aumentou em 8 p. p. o índice das que têm renda individual inferior a 1 salário mínimo. Entre os homens, diminuiu a proporção dos que possuem renda inferior a 1 s.m.. Em ambos os casos, as faixas de renda intermediárias mantiveram proporções semelhantes entre 2010 e 2023, sempre com vantagem e oscilação positiva para os homens. Apenas 1% das mulheres tem renda pessoal acima de 5 salários mínimos, entre os homens 6% atingem essa renda

ENTRE OS ECONOMICAMENTE ATIVOS E NÃO ATIVOS

% RENDA PESSOAL MENSAL - MULHERES



% RENDA PESSOAL MENSAL - HOMENS



As mulheres com renda inferior a 1 salário mínimo são, principalmente, as com mais de 60 anos (53%), as pretas (49%), as com menor escolaridade (acima de 50% entre quem possui até ensino fundamental II), as que atuam no mercado informal, estão desempregadas (52% e 55%, respectivamente) ou não estão na PEA (60%), as residentes na região Nordeste (56%), as viúvas (51%) e as beneficiárias do programa bolsa família (64%).

Considerando a média de renda individual, as mulheres da região Nordeste possuem, em média, a menor renda, R\$ 1.449,34, enquanto na região Centro Oeste chega a R\$ 2.186,97. A diferença racial também se evidencia, entre as brancas a renda média individual é de R\$ 1.912,47 e entre as negras de R\$ 1.602,65.

Espontânea e múltipla | Base: Amostra Mulheres 2 – 811 / Homens 2 – 598 casos | Principal responsável - Espontânea e única

As famílias brasileiras estão compostas, em média, por 3,2 pessoas nos domicílios das mulheres entrevistadas e 3,1 nos dos homens.

Segundo as entrevistadas, homens e mulheres contribuem proporcionalmente com o sustento da casa (63% e 64%, respectivamente). Quanto à responsabilidade financeira pelo domicílio, metade (49%) está sob responsabilidade de mulheres, sendo que 11% moram sozinhas e outros 38% de domicílios tem como principal responsável uma mulher, em 26% deles, a própria entrevistada e em 12% outra mulher do domicílio. Outros 47% dos domicílios têm como principal responsável um homem, sendo o esposo/companheiro o principal deles (38%).

MULHERES (%)	QUEM CONTRIBUI	PRINCIPAL RESPONSÁVEL
MORA SOZINHA	11	11
MULHERES	64	38
A própria entrevistada	52	26
Mãe	13	8
Filha / filha adotiva	4	1
Irmã	3	0
Avó	2	1
Sogra	1	1
Esposa / mulher / companheira	1	0
HOMENS	63	47
Marido / esposo / cônjuge / companheiro	47	38
Pai	7	6
Filho	5	0
Irmão	3	1
Padrasto	2	1
Cunhado	1	0
Sogro	1	0
Genro	1	0
Namorado	1	0
TODOS / AMBOS / TUDO COMPARTILHADO	-	2
NÃO RESPONDEU	-	2

49

De acordo com os homens entrevistados, 95% dos lares contam com contribuição financeira de homens e 52% com a contribuição financeira de mulheres. Entre eles, 80% dos lares têm um homem como principal responsável financeiro, sendo 52% os próprios entrevistados, além de 15% que moram sozinhos. Apenas 15% reconhecem as mulheres como principais responsáveis financeiras pelos domicílios, sendo a esposa mencionada por 4% e a mãe por 7%.

HOMENS (%)	QUEM CONTRIBUI	PRINCIPAL RESPONSÁVEL
MORA SOZINHO	15	15
HOMENS	80	65
O próprio entrevistado	73	52
Pai	12	9
Irmão	5	1
Filho	4	1
Tio	2	0
Padrasto	1	1
Avô	1	1
Sobrinho	1	0
Sogro	1	0
Outros homens da família	1	0
Amigos / conhecidos	1	0
MULHERES	52	15
Esposa / mulher	30	4
Mãe	16	7
Tia	3	1
Irmã	3	0
Avó	2	1
Sogra	1	0
Amigas / conhecidas	1	0
Citou nome, mas não parentesco	2	0
TODOS / AMBOS / TUDO COMPARTILHADO	-	2
NÃO RESPONDEU	1	2

80

TRABALHO – Sustento da casa e da família | Evolução Mulheres

Esportânea e única | Base: Amostras Mulheres 2 – 811 casos

Comparativamente às edições anteriores da pesquisa, aumentou o percentual de mulheres responsáveis pelo sustento da casa e de mulheres que moram sozinhas.

Até 2010, 35% dos domicílios das entrevistadas eram mantidos por mulheres. Em 2023, 49% dos domicílios são mantidos por mulheres, sendo 26% a própria entrevistada, 11% mulheres que moram sozinhas e 11% mantidos por outras mulheres.

A responsabilidade financeira de homens pelo domicílio regrediu de 64%, em 2010, para atuais 47%.

% PRINCIPAL RESPONSÁVEL			
MULHERES (%)	2001	2010	2023
MORA SOZINHA	3	5	11
QUANDO MORA COM MULHERES	29	30	38
A própria entrevistada	18	19	26
Mãe	7	9	8
Filha / filha adotiva	1	1	1
Avó	1	-	1
Sogra	-	-	1
QUANDO MORA COM HOMENS	66	64	47
Marido / esposo / cônjuge / companheiro	48	47	38
Pai	12	12	6
Irmão	1	1	1
Padrasto	-	-	1
TODOS / AMBOS / TUDO COMPARTILHADO	-	-	2
NÃO RESPONDEU	-	-	2

Espontânea e única | Base: Amostras Mulheres 2 – 811 casos

Espontânea e múltipla

Quase a totalidade (93%) dos domicílios tem uma mulher como principal responsável pelos afazeres domésticos (82%, além de 11% que moram sozinhas). Comparativamente às edições anteriores, a responsabilidade das mulheres pelo trabalho doméstico manteve-se estável. A responsabilidade dos homens pelos trabalhos domésticos oscilou de 2%, em 2001, para 3%, em 2010 e 5% em 2023.

% PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELA ORIENTAÇÃO E/OU EXECUÇÃO DOS AFAZERES - EVOLUÇÃO

	EM %	2001	2010	2023	
MORA SOZINHA		3	96	5	96
					11
QUANDO MORA COM MULHERES		93	91	82	93
A própria entrevistada		72	69	67	
Mãe		14	17	10	
Filha / filha adotiva		2	2	2	
Irmã		2	1	1	
Avó			1	1	
Trabalhadoras residenciais		-	-	1	
QUANDO MORA COM HOMENS		2	3	5	
Marido / esposo / cônjuge / parceiro		1	2	4	
TODOS / AMBOS / TUDO COMPARTILHADO		-	-	1	
NÃO RESPONDEU		-	-	1	

A responsabilidade feminina pelos trabalhos domésticos é maior nos lares de jovens de 15 a 17 anos (92%), mulheres com ensino fundamental II (87%), renda familiar entre 3 e 5 salários mínimos (87%) e entre casadas ou separadas (89% e 90%).

Cerca de um terço (35%) das mulheres dizem que compartilham a execução dos afazeres domésticos com outra mulher do domicílio e 32% compartilham com homens, sendo o marido ou parceiro o principal deles (21%) e cerca de um terço (30%) não compartilha a execução dos afazeres domésticos com ninguém.

% QUEM COMPARTILHA A EXECUÇÃO DOS AFAZERES 2023

	EM %	MULHERES
MORA SOZINHA		11
QUANDO MORA COM MULHERES		35
A própria entrevistada		15
Filha / filha adotiva / enteada		12
Irmã		5
Mãe		3
Neta		1
Avó		1
Sogra		1
Nora		1
Sobrinha		1
Outras mulheres da família		1
Trabalhadoras residenciais		1
QUANDO MORA COM HOMENS		32
Marido / esposo / cônjuge / parceiro		21
Filho		10
Irmão		2
Pai / padastro		1
Neto		1
Outros homens da família		1
NINGUÉM		30
NÃO RESPONDEU		1

6

CULTURA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO



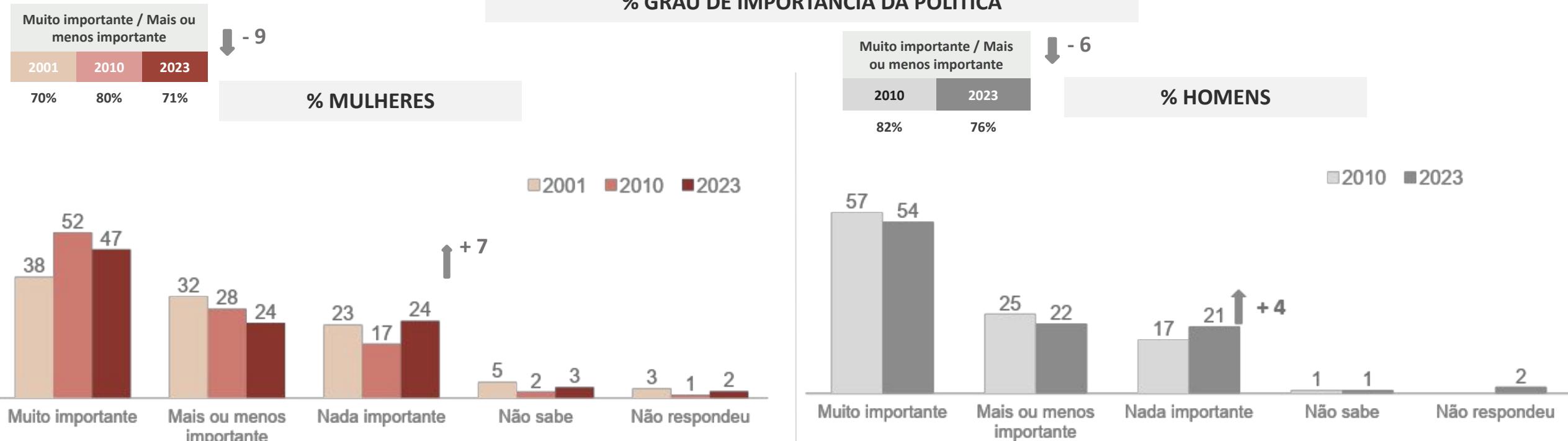
- As mulheres, reconhecem a importância da política, ainda que esse reconhecimento tenha sofrido um recuo em relação a 2010.
- Mesmo cansadas e descrentes da política e da polarização que o Brasil vive, percebem que as decisões tomadas nesse campo influenciam diretamente suas vidas (57%)
- Reconhecem a influência da política no que acontece em suas vidas.
- Acreditam na democracia como a melhor forma de governo (59%), porém com menor ênfase que os homens (71%). As taxas de adesão à democracia entre as mulheres variaram pouco desde 2010, com oscilação negativa de 4 p.p. entre as mulheres.
- A menor adesão ao conceito de democracia não significa, necessariamente, que pautas mais democráticas sejam menos valorizadas por elas do que entre os homens.
- As características e valores que mais mobilizam votos entre as mulheres estão relacionadas aos grupos sociais historicamente excluídos e marginalizados como mulheres, negros, indígenas, entre outros.
- Por outro lado, os aspectos que mais inibem o voto se relacionam principalmente a temas associados à religião e à legalidade, como não crer em Deus, descriminalização do aborto, descriminalização da maconha, pena de morte (43% das mulheres e 36% dos homens).
- A maioria da população não é a favor da influência da religião nas decisões políticas.
- É majoritária a percepção de que existe preconceito e discriminação contra as mulheres na política (64% entre as mulheres e 55% entre os homens).
- As razões para essa discriminação se relaciona a estereótipos de gênero, como os homens acharem que a mulher não tem competência e capacidade para administrar, são menos inteligentes e inferiores e que o homem tem mais poder; disputa de poder pelo homem e medo de perder seu espaço para a mulher e o machismo, sem especificar como se expressa.
- A taxa de participação política entre as mulheres é baixa: apenas 8% participam ou já participaram de grupos, associações, coletivos; 11% em comícios, passeatas, atos ou manifestações públicas e 12% fazem uso da internet e redes sociais a favor de alguma causa.



CULTURA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO – O que pensa sobre política | Evolução

Estimulada e única | Base: Total amostras Mulheres – 2440 / Homens – 1221 casos

O reconhecimento da importância da política entre as mulheres recuou de 80% para 71% entre 2010 e 2023 (muito importante, de 52% a 47%), enquanto a não importância atribuída à política subiu de 17% para 24%, no período. Movimento semelhante se observa entre os homens, para quem a importância atribuída à política caiu de 82% para 76% e a não importância oscilou de 17% para 21%.



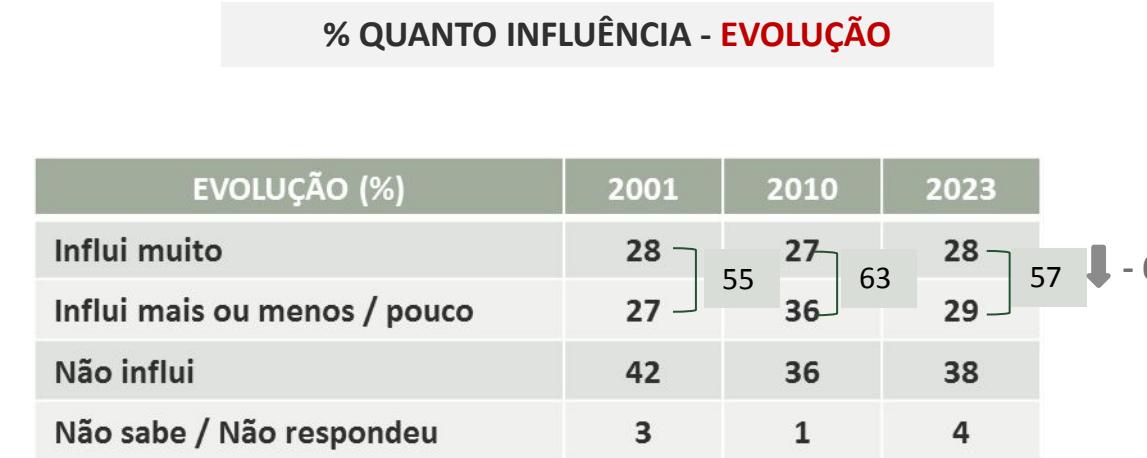
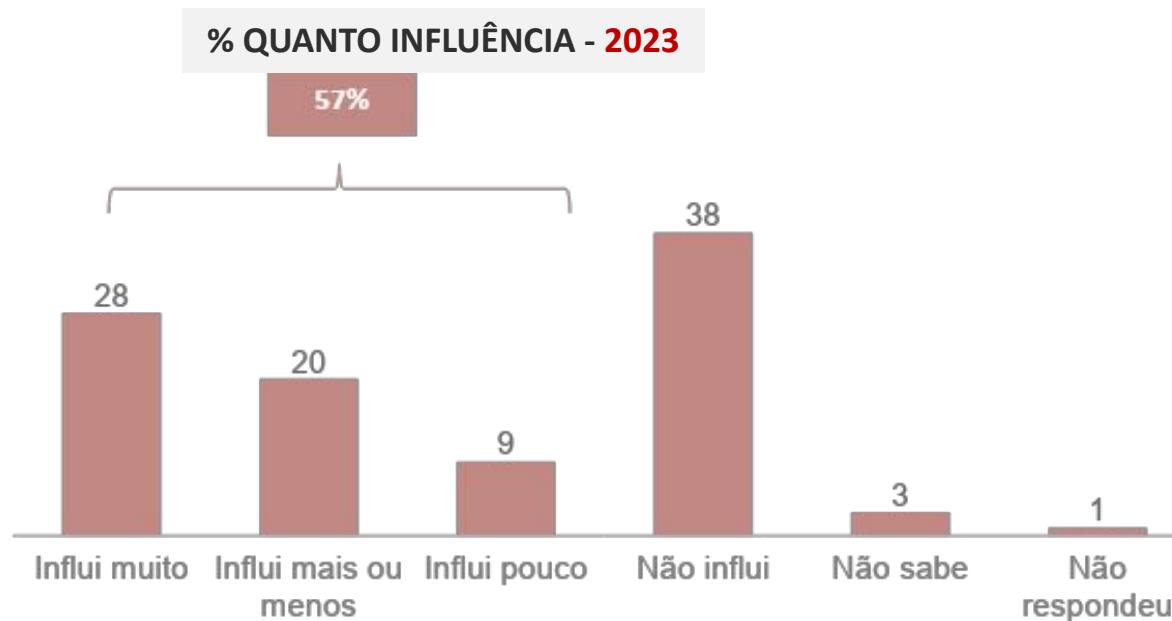
São principalmente jovens (83% das mulheres com idade entre 18 e 24 anos e 84% dos homens entre 15 a 17 anos), com maior escolaridade (89% das mulheres e 88% dos homens com ensino superior), os com renda familiar mais alta (90% das mulheres e 86% dos homens com renda acima de 5 salários mínimos) e as estudantes (82% entre as mulheres e 87% entre os homens) as pessoas que mais atribuem importância à política.



CULTURA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO – Influência da política na vida | Mulheres

Estimulada e única | Base: Amostra Mulheres 2 – 811 casos

Mais da metade das mulheres (57%) acredita que o que acontece na política tem influência em sua vida, sendo que 28% consideram que a política influi muito. Esse nível de influência se mantém estável desde 2001. Uma parcela de 38% afirma que o que acontece na política não influi em sua vida.



“Simplesmente (a política) invadiu todos os setores da nossa vida, as nossas relações interpessoais..” (EP 13, 38 anos, CIS, Salvador, parda, Perfect Liberty, autônoma, Renda Fam. 6.000,00, ens. superior, casada, hétero, 1 filho).

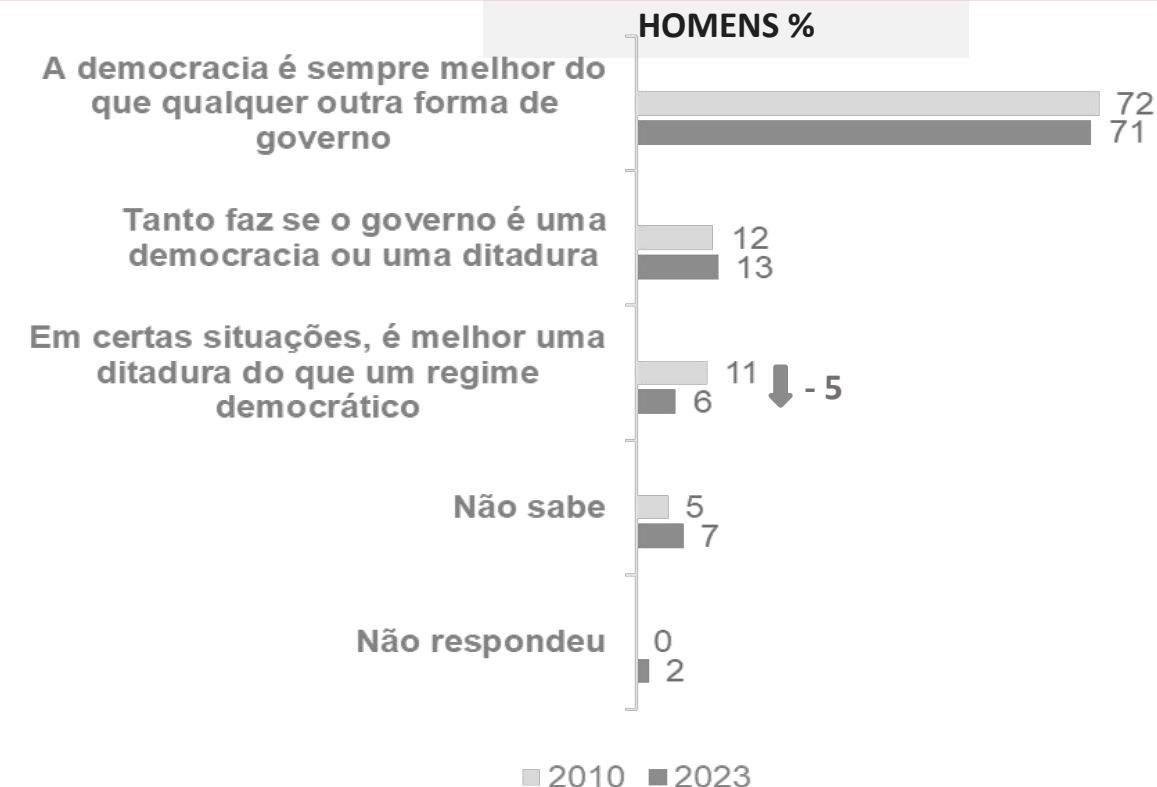
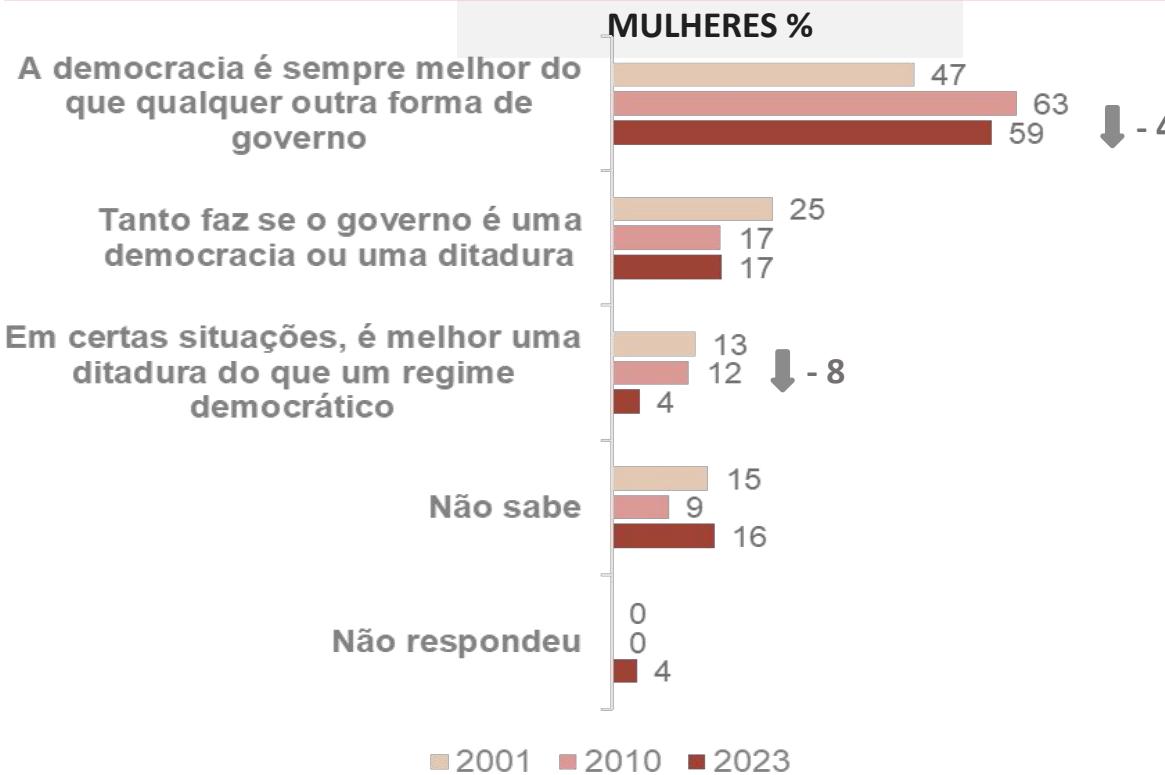
“A política é fundamental, é o direito do cidadão se nós vivemos num país democrático, política é altamente necessária. Sim, para que as coisas funcionem.”(EP 02, 50 anos, CIS, Porto Alegre, branca, católica, autônoma, Renda Fam. 14.000,00, ens. médio, solteira, hétero, 1 filho)



CULTURA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO – Adesão à democracia | Evolução

Estimulada e única | Base: Amostra Mulheres 2 – 811 / Homens 2 – 598 casos

A democracia é considerada a melhor forma de governo para homens e mulheres, sendo mais reconhecida pelos homens que pelas mulheres (71%, frente 59% - 13 p.p. de diferença). Para 17% das mulheres tanto faz se o governo é uma democracia ou uma ditadura e 16% não souberam opinar sobre essa questão (taxa 9 p.p. superior à dos homens, 7%). As taxas de adesão à democracia entre as mulheres variaram pouco desde 2010. Entre as mulheres a percepção de que a democracia é sempre melhor do que qualquer outra forma de governo oscilou negativamente 4 pontos, mas ainda mantém larga distância das outras alternativas. A percepção de que em certas situações é melhor uma ditadura do que um regime democrático foi a alternativa que mais perdeu adesão entre as mulheres (8%) e aumentou a taxa das que não souberam opinar(de 9%, em 2010, para 16%) .



As mulheres que mais defendem a democracia são as com idade entre 25 e 34 anos (70%), as brancas (66%), as com ensino superior (84%), renda familiar superior a 5 s.m. (93%), as que trabalham formalmente (71%) e também as que se consideram feministas (68%).

Entre os homens, a adesão à democracia é maior entre os de 45 e 59 anos (78%), os que possuem ensino superior (86%), renda acima de 5 salários mínimos (82%) e os LGBTQIA+ (81%). A percepção de que em certas situações é melhor uma ditadura do que um regime democrático se destaca entre homens de 18 a 24 anos (11%) e os que não votaram (14%).

Estimulada e única | Base: Amostra Mulheres 2 – 811 / Homens 1 – 623 casos

Várias características e valores associados a representantes políticos podem influenciar na decisão do voto e outros aspectos desestimulam e desmobilizam o voto.

As mulheres se apresentam mais favoráveis a aspectos relacionados aos grupos sociais historicamente excluídos.

Os aspectos e valores que mais agregam voto e são majoritários entre as mulheres, são:

- Ser mulher - 81% com certeza votaria em candidata pelo fato de ser mulher, assim como 72% dos homens;
- Ser negro é determinante para o voto de 78% das mulheres e 71% dos homens;
- Ser indígena ou defender pautas indígenas estimula o voto de 68% das mulheres e 61% dos homens e
- Ser a favor da demarcação de terras indígenas estimula o voto de 66% das mulheres e 61% dos homens
- Ser homossexual – gay ou lésbica influencia o voto de 55% das mulheres e 47% dos homens
- Ser a favor das cotas raciais, motiva o voto de 52% das mulheres e 49% dos homens e
- Ser transgênero ou travesti é fator relevante para o voto de 51% das mulheres e 45% dos homens.

Por outro lado, os aspectos que mais inibem o voto parecem se relacionar principalmente a temas associados à religião e à legalidade, tais como:

- A falta de crença em Deus, ser ateu (para 52% das mulheres e 50% dos homens);
- Ser a favor da descriminalização do aborto (47% das mulheres e 49% entre os homens);
- Ser a favor da descriminalização da maconha (46% das mulheres e 44% dos homens) e
- Ser a favor da pena de morte (43% das mulheres e 36% dos homens)
- Ser umbandista ou candomblecista (31% das mulheres e 30% dos homens)

Enquanto a maioria das características associadas à religiões inibem voto, uma se diferencia, como estímulo para o voto:

- O fato de ser evangélico faz com que 67% das mulheres tendam a votar e 61% dos homens.

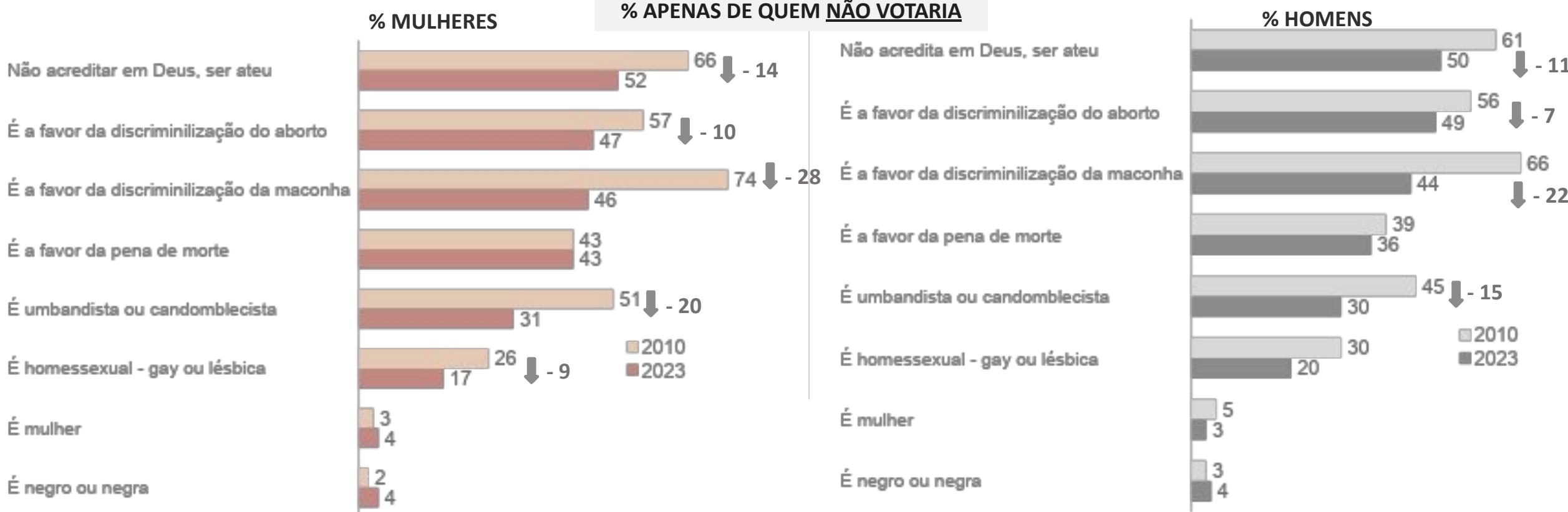
CULTURA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO – Quanto características e valores influenciam o voto | Evolução não votaria

Estimulada e única | Base: Amostra Mulheres 2 – 811 / Homens 1 – 623 casos

Optamos por analisar a evolução das causas inibidoras de voto de 8 características medidas em 2010 e 2023. Para todas elas houve redução na restrição de voto.

O fato de não acreditar em Deus, ser ateu, atualmente, restringe voto de 52% das mulheres e em 2010, de 66%; 47% das mulheres não votariam em quem é a favor da descriminalização do aborto, era 57% em 2010; ser a favor da descriminalização da maconha era o principal inibidor de voto, em 2010, para 74% das mulheres e, atualmente, caiu para 46%. Ser a favor da pena de morte mantém o mesmo índice de desmobilização do voto entre as mulheres, de 43%.

Entre os homens, o fato de não acreditar em Deus, ser ateu, inibe o voto de 50%. Em 2010, restringia voto de 61%; atualmente, 49% não votariam em quem é a favor da descriminalização do aborto, em 2010, 56%; ser a favor da descriminalização da maconha era o principal inibidor de voto em 2010, para 66% dos homens e, em 2023, caiu 44%. O não voto em quem é a favor da pena de morte recuou de 39% para 36%.



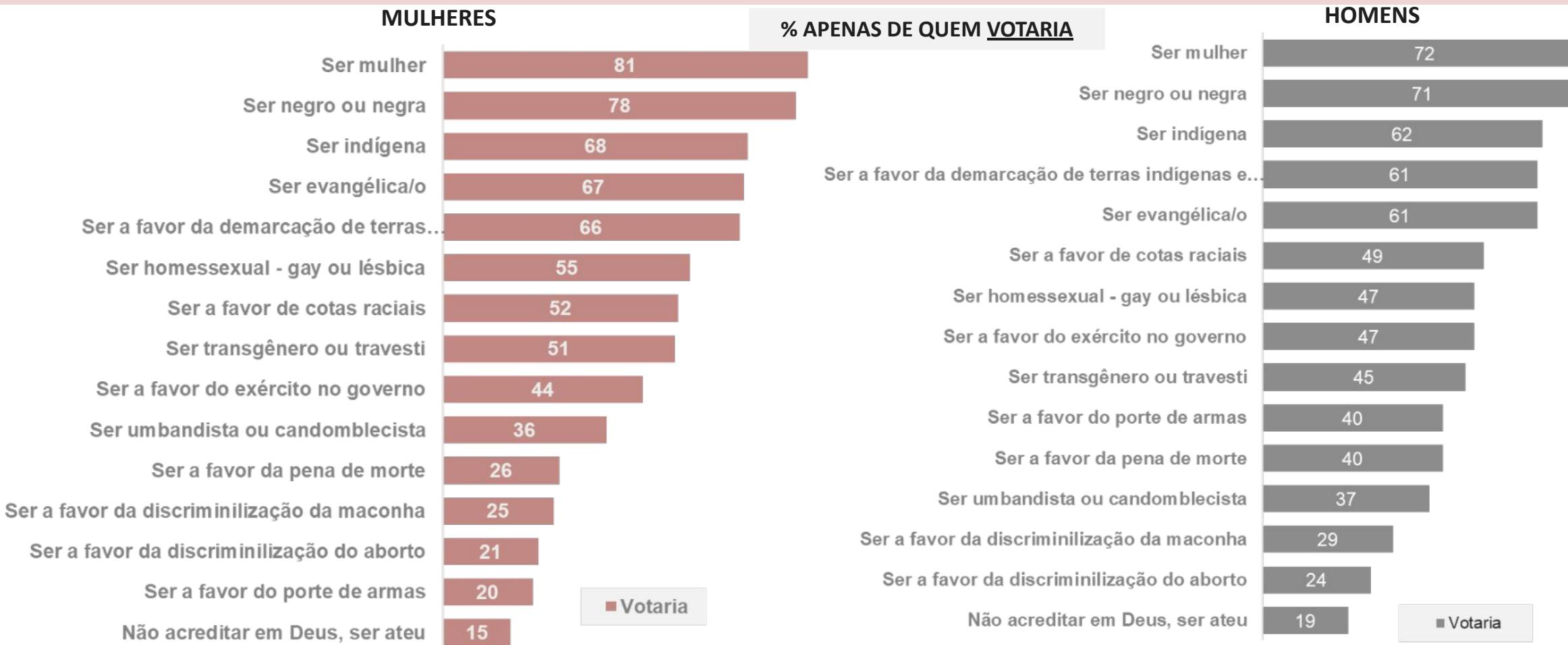
Em 2010 foram trabalhadas 8 características e valores e em 2023 foram trabalhadas 15.

P141 M2 / P90 H1. Vou falar algumas características e valores que candidatos/as podem ter e gostaria de saber como isso influencia na decisão do seu voto. 1) Votaria em uma pessoa por conta desta característica, é determinante para meu voto; 2) Tanto faz, não me importo com isso e poderia votar; 3) Dificilmente votaria, ou 4) Não votaria com certeza em uma pessoa com essa característica.

CULTURA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO – Quanto características e valores influenciam o voto | 2023

Estimulada e única | Base: Amostra Mulheres 2 – 811 / Homens 1 – 623 casos

Por outro lado, as características e valores que menos inibem ou influenciam o voto, estão relacionados a marcadores sociais de identidades como gênero e raça. A maioria das mulheres (81%) e 72% dos homens poderiam votar em alguém por ser mulher, 78% das mulheres e 71% dos homens poderiam votar em um/a candidato/a por ser negro ou negra e 68% das mulheres e 62% dos homens, por ser indígena. Defender demarcação de terras influencia o voto de 66% das mulheres e 61% dos homens e o fato de ser evangélico estimula o voto de 67% das mulheres e 61% dos homens.

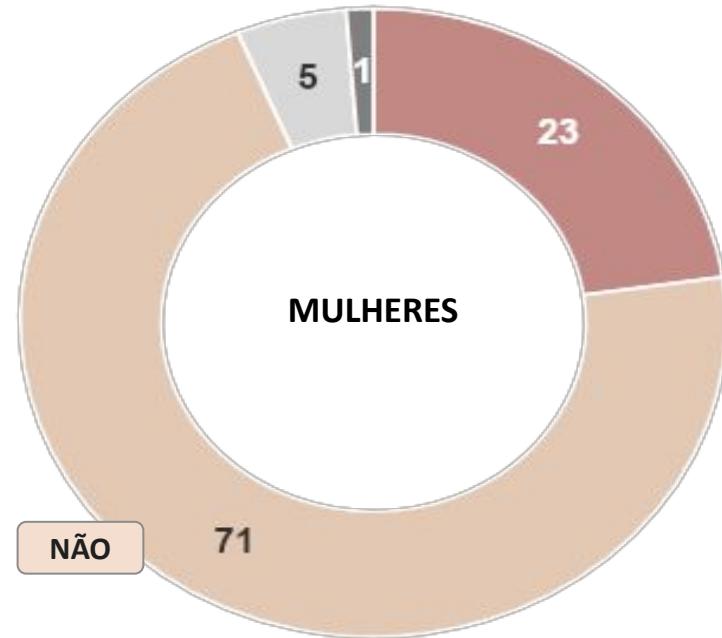


P141 M2 / P90 H1. Vou falar algumas características e valores que candidatos/as podem ter e gostaria de saber como isso influencia na decisão do seu voto. 1) Votaria em uma pessoa por conta desta característica, é determinante para meu voto; 2) Tanto faz, não me importo com isso e poderia votar; 3) Dificilmente votaria, ou 4) Não votaria com certeza em uma pessoa com essa característica.

CULTURA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO – Religiões devem influenciar na política | 2023

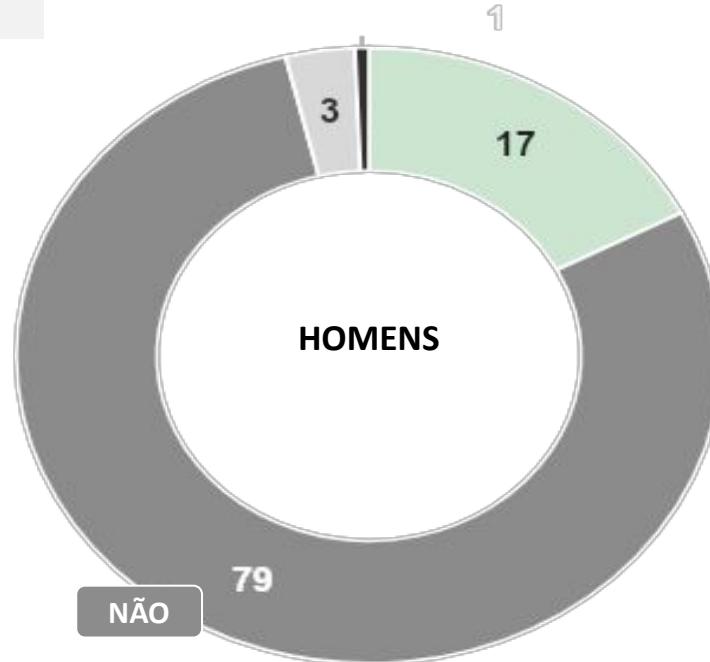
Estimulada e única | Bases: Amostras Mulheres 2 – 811 / Homens 2 – 598 casos

A maioria da população, não é a favor da influência da religião nas decisões políticas. Apenas cerca de um quarto das mulheres acham que a religião deve influenciar a política e entre os homens o índice é menor (17%).



■ Sim ■ Não ■ Não sabe ■ Não respondeu

EM %



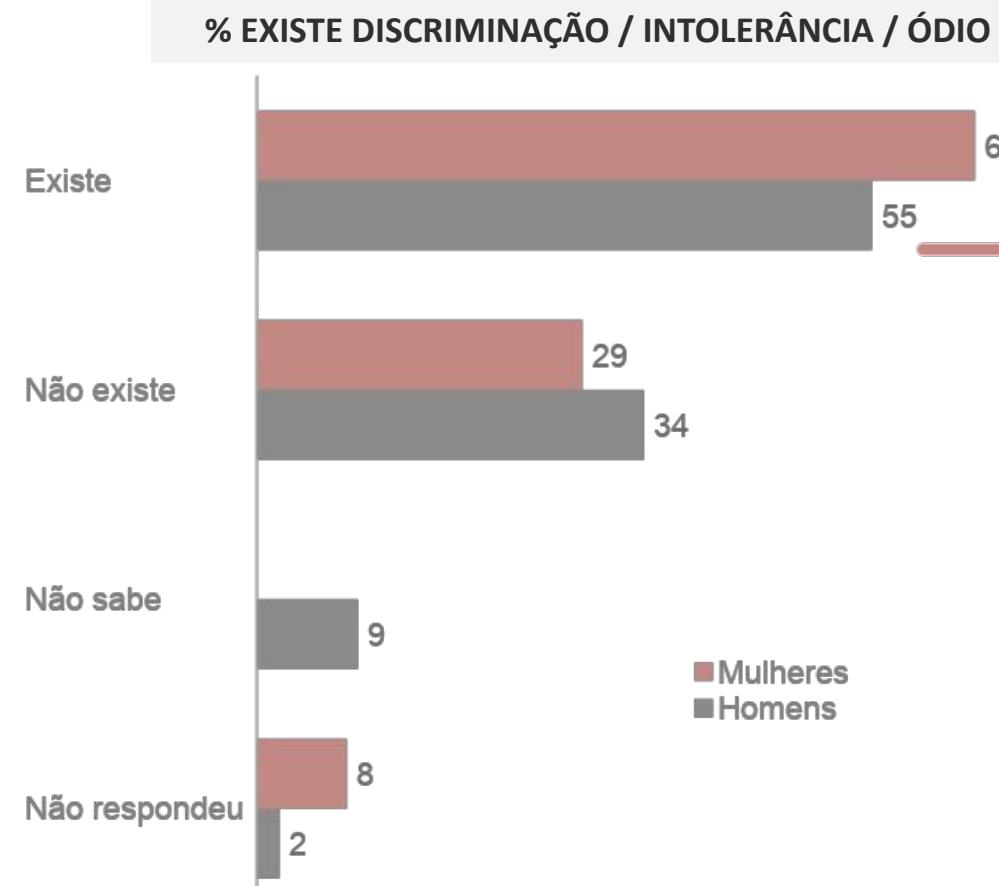
■ Sim ■ Não ■ Não sabe ■ Não respondeu

Mulheres de cor preta (80%), as com renda entre 2 e 3 salários mínimos (90%) e as que não professam nenhuma religião (79%) são as que mais se opõem à influência da religião nas questões políticas. Já as evangélicas e as que votaram em Bolsonaro no 2º turno das eleições de 2022 são as que mais se posicionam a favor da influência da religião nas questões políticas (32% e 34%, respectivamente).

CULTURA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO – Mulheres na política | 2023

Estimulada e única | Bases: Amostras Mulheres 3 – 810 / Homens 2 – 598 casos

A maioria das mulheres (64%) e pouco mais da metade dos homens (55%) admitem que existe preconceito e discriminação contra as mulheres na política.



As entrevistadas que mais percebem essa discriminação são as com idade entre 18 e 34 anos (acima de 70%), as com ensino superior (83%), renda entre 3 e 5 salários mínimos (82%) e as residentes na região Centro-Oeste (81%).



Espontânea e múltipla | Base: Entrevistados/as que afirmam que existe discriminação, intolerância ou ódio às mulheres | M3 – 514 / H2 – 328 casos

As mulheres destacam como principal razão para a discriminação contra as mulheres na política, aspectos relacionados a estereótipos de gênero (25%), como os homens acharem que a mulher não tem competência e capacidade para administrar; serem menos inteligentes e inferiores e que o homem tem mais poder.

Para os homens a discriminação relacionada a estereótipos de gênero alcança 21%, superada, entre eles, pela disputa de poder e medo de perder seu espaço para a mulher nessa área (23%), mesmo índice apontado pelas mulheres.

Ambos reconhecem o machismo na política, sem especificar como se expressa (20% entre elas e 22% entre os homens), assim como o preconceito e discriminação (12% e 11%, respectivamente).



As mulheres entrevistadas na fase qualitativa valorizam a presença das mulheres na política, tanto em atuações civis como em cargos políticos institucionais. No entanto, percebem que ainda há pouco espaço e credibilidade para as mulheres na política e reconhecem que as mulheres que atuam na política enfrentam muito preconceito. Reivindicam mais respeito para ampliar a participação feminina.

“Eu acho que cabia muito mais representatividade, porque eu acho que ainda é um setor majoritariamente masculino e aí quando coloca uma mulher é, tipo, como se fosse a cota, entendeu? E eu acho que cabia mais mulheres, mulheres pretas, mulheres LGBT, eu acho que cabia, principalmente assim, pessoas com deficiência, que eu acho que é um dos grupos menos representados.” (EP 01, 21 anos, Salvador, parda, agnóstica, sem trabalho, Renda Fam. 4.500,00, ens. superior, solteira, lésbica, sem filhos)

“As mulheres nas políticas são vistas, sempre como as mulheres são vistas, em ambientes que tem predominância masculina, com desconfiança. Você precisa provar que você é competente a cada segundo para conseguir alguma coisa, e a gente vê nos telejornais o que acontecem, as pautas não são prioridades, então, elas estão ali, estão sobrevivendo, estão aumentado o número, mas ainda é muito pequena.” (EP 13, 38 anos, Salvador, parda, Perfect Liberty, autônoma, Renda Fam. 6.000,00, ens. superior, casada, hétero, 1 filho)

“Falta! Falta ainda mais mulheres. A gente não chegou no nível certo, mas politicamente falta bastante mulher na política. Falta bastante mulher nessas Ongs. Assim em geral. De tudo que traz a política. Tem uma caminhada grande pela frente. Justamente por causa do governo. Dos nossos governantes. Por causa do machismo. O machismo na política.” (EP 04, 37 anos, Cuiabá, parda, evangélica, autônoma, Renda Fam. 2.100,00, ens. médio, casada, trans, hétero, sem filhos)

“Eu acho que tem discriminação, que tem intolerância. Os homens não aceitam muito. São muito machistas, ainda.” (EP 52, 67 anos, Porto Alegre, branca, católica, autônoma, Renda Fam. 5.000,00, ens. médio, casada, hétero, 4 filhos)

“... e parece que entrou uma mulher ali, pronto, ai, nossa, perde o respeito para eles, não é nada, sabe? Já chegaram até a passar a mão em uma, né? Então... É isso. E não é assim, bagunçado, gente. Ah, tinha que ter uma lei também para isso, respeitar as mulheres lá dentro da política.” (EP 61, 38 anos, São Paulo, branca, sem religião, CLT, Renda Fam 5.000,00, ens. superior, casada, hétero, sem filhos)



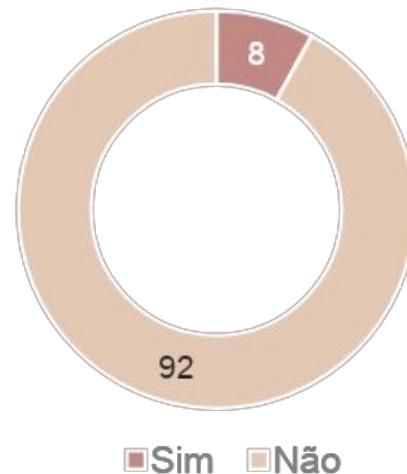
CULTURA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO – Participação Política | Mulheres 2023

Espontânea e única | Base: Amostra Mulheres 1 – 820 casos

Espontânea e múltipla | Base: Amostra Mulheres 1 – 820 casos

A taxa de participação política entre as mulheres é baixa: apenas 8% participam ou já participaram de grupos, associações, coletivos, organizações, cooperativas, conselhos ou algum outro movimento.
As associações de bairro são as que recebem maior adesão.

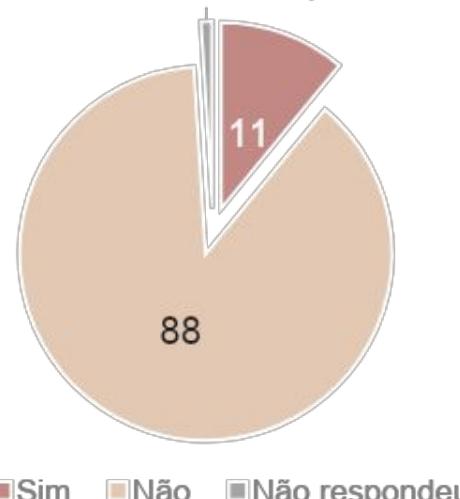
**% PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS,
GRUPOS OU COLETIVOS**



“Não por causa do meu tempo. Porque eu não tenho esse tempo para ir, mas eu acho que deveria sim se eu tivesse oportunidade eu participaria sim.” (EP 04, 37 anos, Cuiabá, parda, evangélica, autônoma, Renda Fam 2.100,00, ens médio, casada, trans, hétero, sem filhos).

Também é baixa, mas um pouco maior, a taxa de participação em comícios, passeatas, atos ou manifestações públicas: 11% das mulheres participam ou já participaram. Causas políticas, como atos e comícios políticos, atraem 6% de participação das mulheres.

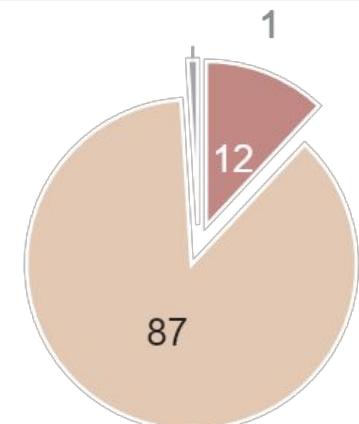
**% PARTICIPAÇÃO EM COMÍCIOS, PASSEATAS,
ATOS OU MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS**



“Nas passeatas, nas carreatas, eu tenho medo do que pode acontecer. Que nem todo mundo leva a coisa pelo lado bom, tem pessoas que leva pelo lado ruim.” (EP 07, 53 anos, Cuiabá, branca, cis, católica, autônoma, Renda Fam 10.000,00, ens médio, solteira, hétero, 3 filhos)

Apenas 12% das mulheres declaram uso da internet e redes sociais a favor de alguma causa. As que utilizam a internet e redes sociais a favor de alguma causa, associam esse uso a causas sociais para ajudar pessoas ou animais.

**% USO DE REDES SOCIAIS POR
ALGUMA CAUSA**



“Participei, só que foi online, da polícia militar, eles estavam tirando as bases da polícias militares, estava tendo muito assalto e tudo... Online? Eu acho que você está participando. Você está defendendo o interesse do seu bairro, você está defendendo seu interesse também” (EP 60, 39 anos, São Paulo, branca, sem religião, autônoma, Renda Fam 2.000,00, ens médio, casada, hétero, 3 filhos)

P145 M1. Você participa ou já participou de algum grupo, associação, coletivo, organização, cooperativa, conselho ou algum outro movimento? (Se sim) Quais?

P147a M2. Você costuma participar de comícios, passeatas, atos ou manifestações políticas? (Se sim) Por quais causas?

P147b M2. È você utiliza suas redes sociais por alguma causa? (Se sim) Por quais causas?

7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

PELA OBSERVAÇÃO DOS ASPECTOS ANALISADOS, AO FALAR EM MULHERES BRASILEIRAS ESTAMOS FALANDO EM UMA DIVERSIDADE DE PERFIS E NAS DESIGUALDADES PRESENTES NESSE UNIVERSO.

IDADE, RAÇA, ESCOLARIDADE, RENDA, FORMA DE INSERÇÃO NA PEA, ESTADO CONJUGAL, NÚMERO DE FILHOS, PESSOAS COM QUEM RESIDE, PORTE E NATUREZA DE CIDADE E REGIÃO ONDE RESIDE CONSTITUEM CARACTERÍSTICAS QUE MERECEM SER CONSIDERADAS AO ANALISARMOS OS DIVERSOS ASPECTOS DA VIDA DAS MULHERES.

AS DIFERENÇAS DE GÊNERO DIZEM RESPEITO A UM FENÔMENO MULTIDIMENSIONAL QUE AFETA A VIDA DAS MULHERES EM VÁRIOS ASPECTOS.

NO ENTANTO, QUANDO ANALISA-SE O CONJUNTO, ALGUNS ELEMENTOS GANHAM DESTAQUE, PRINCIPALMENTE, TENDO EM PERSPECTIVA AS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS.

NO ENTANTO, QUANDO ANALISA-SE O CONJUNTO, ALGUNS ELEMENTOS GANHAM DESTAQUE, PRINCIPALMENTE, TENDO EM PERSPECTIVA A COMPARAÇÃO DAS ÚLTIMAS PESQUISAS (2001 E 2010).

A CONSTATAÇÃO PRIMEIRA É QUE, NO GERAL, A VIDA DAS MULHERES PIOROU AO LONGO DA ÚLTIMA DÉCADA.

AS MULHERES PERCEBEM PERDAS NO ÚLTIMO PERÍODO. SENTEM QUE A VIDA NO BRASIL MELHOROU EM RELAÇÃO AO PASSADO, MAS NÃO NA MESMA PROPORÇÃO QUE NAS ÚLTIMAS 2 DÉCADAS (DE 2000 E 2010). ATUALMENTE APENAS METADE DAS MULHERES (54%) CONSIDERA QUE A SITUAÇÃO DAS MULHERES NO BRASIL ESTÁ MELHOR QUE HÁ UNS 20 OU 30 ANOS, EMBORA AINDA VEJAM MAIS COISAS BOAS DO QUE RUINS EM SER MULHER.

A ESCOLARIDADE DAS MULHERES AUMENTOU

O nível médio de escolaridade aumentou: atualmente 44% das mulheres possuem ensino médio, assim como 43% dos homens, um aumento de 6 p.p. em relação a 2010, para ambos. O nível superior de escolaridade mantém os mesmos parâmetros de 2010 entre as mulheres e entre os homens aumentou cerca de 5 p.p.

39% das mulheres e 38% dos homens possuem apenas o nível fundamental de escolaridade e entre estes, 18% das mulheres e 17% dos homens tem dificuldade com a leitura e escrita, além de 17% das mulheres e 14% dos homens são analfabetos ou sabem ler e escrever apenas o nome.

MAS O AUMENTO DA ESCOLARIDADE NÃO REFLETIU EM AUMENTO DO SALÁRIO, NEM EM MELHORES TRABALHOS ...

A RENDA DIMINUIU

Cresce a camada de mulheres que vive em domicílios com renda inferior a 2 salários mínimos (de 46% para 55%) sendo 28% com renda inferior a 1 salário mínimo.

A renda pessoal das mulheres economicamente ativas é significativamente menor que a dos homens: R\$ 2.035,14, frente a R\$ 3.278,20 dos homens. Apenas 2% trabalhadoras possuem renda acima de 5 salários mínimos, frente a 8% dos homens.

O TRABALHO ESTÁ MAIS PRECÁRIO

Pouco mais da metade das mulheres (54%) estão inseridas na PEA. Entre as mulheres que trabalham, 58% estão na informalidade e 46% no mercado formal.

Além disso, atualmente apenas 13% das mulheres são aposentadas, 22% são donas de casa e 27% estão na PEA, mas em trabalho informal, o que significa que provavelmente 49% das mulheres poderão ter dificuldade ao acesso à benefícios da previdência.

O percentual de mulheres que não possui renda caiu (de 21%, em 2010 para 16%, em 2023) e aumentou o das que possuem renda pessoal inferior a 1 salário mínimo.
O percentual de mulheres assistidas por benefícios ou programas sociais, aumentou de 21%, em 2010, para atuais 33%.

O TRABALHO DOMÉSTICO E DE CUIDADOS SEGUE SOBRECARREGANDO AS MULHERES

As mulheres gastam, em média, 13 horas e 11 minutos por semana do seu tempo com tarefas domésticas e seus cônjuges gastam, em média, 5 horas e 48 minutos por semana.

Com os cuidados com os filhos, as mulheres gastam, em média, 13 horas e 6 minutos por semana, enquanto seus parceiros gastam cerca de 5 horas e 6 minutos semanais nessas tarefas.

Cuidando ou acompanhando pessoas idosas, deficientes ou doentes crônicos as mulheres gastam, em média 3 horas e 38 minutos, enquanto seus cônjuges gastam apenas 48 minutos por semana

ALÉM DISSO, 45% DAS MÃES SÃO MÃES SOLO.

Três em cada quatro mulheres tem filhos e quase metade das mulheres que têm filhos (45%) criam seus filhos sozinhas, sem a participação da outra pessoa responsável pela criança

Quase metade das mulheres que criam seus filhos sem a participação da outra pessoa responsável (47%) não recebe pensão ou algum auxílio financeiro para cuidados com a criança.

27% das mulheres que criam seus filhos sozinhas nunca compartilham guarda ou cuidados dos filhos com a outra pessoa responsável pela criança.

A VIDA SEXUAL ESTÁ INICIANDO MAIS CEDO E COM POUCA ORIENTAÇÃO. DIMINUIU O USO DE PRESERVATIVOS E CONTRACEPTIVOS.

30% das mulheres iniciam sua vida sexual até os 15 anos (8 p.p. mais que em 2010)

Apenas 24% tem a escola como principal fonte de informações sobre sexualidade.

39% das mulheres engravidaram antes dos 18 anos, sendo 11% antes dos 15 anos.

26% das mulheres que já tiveram relação sexual não costumam usar nada para evitar gravidez, além de 19% que não usa por não ter parceiro.

Apenas um terço (33%) das mulheres costuma utilizar preservativo.

A pílula do dia seguinte é amplamente conhecida (86%) e utilizada por cerca de um terço das mulheres (35%).

3% das mulheres afirmam que provocaram a interrupção de uma gravidez, no entanto 27% conhecem alguma mulher que provocou aborto.

Cerca de dois terços das mulheres concordam que continuar uma gravidez ou fazer um aborto não deveria ser uma decisão da lei, mas sim da mulher ou do casal

AUMENTOU O ÍNDICE DE TODOS OS TIPO DE VIOLÊNCIA.

23% das mulheres relataram espontaneamente que sofreram violência por parte de algum homem. Aumento de 5 p.p. em relação a 2010 – 18%.

Depois de mencionadas situações de violência, metade das mulheres brasileiras (50%) reconhece e admite que já sofreu algum tipo de violência.

A violência psicológica e moral são as mais vivenciadas (por 43% e 37%, respectivamente), mas pouco reconhecidas como formas de violência.

A violência sexual é citada espontaneamente por 5%, mas quando estimulada alcança 23%.

22% das mulheres já sofreram violência física.

A violência patrimonial é a menos citada, por 14% das mulheres.

Para todas as formas de violência o principal agressor é o companheiro, marido, ou ex-marido, namorado ou pai dos filhos.

O estupro costuma ocorrer dentro de casa e é a violência mais praticada por outros membros da família, não raro o pai, padrasto, tio ou primos (3%).

Contrastando com os altos índices apresentados pelas mulheres, somente 6% dos homens admitem que já bateram em alguma mulher e 27% conhecem algum homem que bate.

A Lei Maria da Penha é amplamente conhecida, por 91% das mulheres e 89% dos homens.

O MACHISMO E A DISCRIMINAÇÃO CONTRA AS MULHERES PERSISTEM

Quase a totalidade da população (mais de 90% entre mulheres e homens) reconhece que existe machismo no Brasil

Comparativamente, metade das mulheres não responderam ou não souberam dizer nada sobre o que é feminismo (50%), o que justifica o mesmo índice (de 50%) de mulheres que não se considera feminista.

21% das mulheres já se sentiram discriminadas por serem mulheres e 15% se sentiram discriminadas por serem mães.

O campo da política também revela o preconceito e discriminação contra as mulheres: 64% das mulheres e 55% dos homens reconhecem que há discriminação contra as mulheres na política

A DIFICULDADE DE GESTÃO DO TEMPO E A DISCRIMINAÇÃO AS AFASTA DA POLÍTICA

Não à toa, é baixa a taxa de participação política entre as mulheres : apenas 8% participam ou já participaram de grupos, associações, coletivos, organizações, cooperativas, conselhos ou algum movimento.

11% das mulheres participam ou já participaram de atos comícios ou passeatas políticas e 12% fazem uso da internet e redes sociais a favor de alguma causa.

Atualmente, o percentual de mulheres em todos os cargos eletivos sub-representa a quantidade de mulheres na população brasileira, composta por 51,8%, segundo Censo de 2022, do IBGE.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Diretoria Executiva

Presidente: Paulo Okamotto

Vice-presidente: Brenno César Gomes de Almeida.

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Torres.

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre Macedo de Oliveira, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar e Valter Pomar.

Conselho Curador

Presidenta: Eleonora Menicucci

Ademar Arthur Chioro dos Reis, Ademário Souza Costa, Ana Carolina Dartora, Ana Maria de Carvalho Fontenele, Azilton Ferreira Viana, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Eva Valéria Lorenzatto, Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando Dantas Ferro, Francisco Ferreira Alexandre, Francisco José Pinheiro, Helena Wendel Abramo, José Zunga Alves de Lima, Juarez Rocha Guimarães, Lene Teixeira Souza Gonçalves, Luciano Cartuxo Pires de Sá, Luiza Machado de Oliveira Menezes, Maria Caramez Carlotto, Maria Isolda Dantas de Moura, Neiva Ribeiro, Pedro Silva Barros, Ramatis Jacino, Rubens Natal Giaquinto, Sergio Aparecido Nobre e Vladimir de Paula Brito.

Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (NOPPE)

Carlos Henrique Árabe - Diretor Responsável

Jordana Dias Pereira e Matheus Tancredo Toledo - Coordenadores

Vilma Luiza Bokany - Coordenação da pesquisa

Sofia Helena Monteiro de Toledo Costa - Pesquisadora responsável

Pedro Xavier da Silva - Estagiário

Sesc - Serviço Social do Comércio

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional: Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional: Luiz Deoclecio Massaro Galina

Superintendências

Técnico-social: Rosana Paulo da Cunha

Comunicação Social: Ricardo Gentil

Administração: Jackson Andrade de Matos

Assessoria Técnica e de Planejamento: Marta Raquel Colabone

Assessoria Jurídica: Carla Bertucci Barbieri

Gerências

Estudos e Programas Sociais Flávia Carvalho **Estudos e Desenvolvimento** João Paulo Guadanucci

Difusão e Promoção Ligia Moreira Moreli **Sesc Digital** Fernando Amoedo Tuacek **Centro de Pesquisa e Formação** Andrea Nogueira

Pesquisa Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado

Equipe: André Dias, André Coelho Mendes Queiroz, Daniel Douek, Helena Bartolomeu, Ioná Damiana, Maurício Trindade, Silvia Eri Hirao, Silvio Basilio. Coordenação: Emilia Carmineti. Consultoria Técnica: Celina Dias

EQUIPES DE CAMPO

Fase Qualitativa:

Entrevistadoras: Lilian Breschingliaro, Luna Rabello, Raquel Moreno, Rita Dias, Sofia Helena Toledo, Uma Reis Sorréquia.

Preparação para análise: Rachel Moreno e Sofia Helena Toledo

Colaboração: Juliana Nascimento

Fase Quantitativa:

Operações e coordenação de campo: Deise de Alba

Processamento de dados: Rita de Cássia Barros Dias

Preparação para análise: Gláucia Aragão

COLABORAÇÕES

Amanda N. S. da Cunha

Amelinha Teles

Ana Carla Franco

Ana Cléia G. da Silva

Angela Fontes

Anne Karolyne Moura

Antonia Grigol

Bruna C.de S. Lima e Silva

Carmel Cardoso

Carmel C. Jorge

Celenita Gualberto

Chirlene dos S. Brito

Claudia Damascena

Claudia Muniz

Conceição A. P. Rezende

Cristiane Rego

Denise dos S. Ramos

Denise Motta Dau

Eleonora Menicucci

Elisa G. de Castro

Elisiane Andrade

Elisiane S. de Andrade

Esther B. de Albuquerque

Esther Leblanc

Fatima Froes

Fernanda E. Gonçalves

Flavia Defacio

Givania M. da Silva

Gilvana Teles

Giovana

Giuliana Alboneti

Gracinha Manchineri

Helena Abramo

Ieda Maria

Iole Iliada Lopes

Isabel Lisboa

Jackeline Silva

Jessika Martins Ribeiro

Juliana Borges da Silva

COLABORAÇÕES

Juliana Leite da Silva

Laís Abramo

Larissa Moitinho

Lea Marques

Lourivania S. Santos

Ludmilla Barreto

Luiza Dulcci

Luiza Maia Aguileira

Luiza M. de O Menezes

Maia Aguileira

Maria das G. C. Silva

Maria de F. Fróes e A. Souto Maior

Maria do Carmo Guido

Maria M. N. De Vasconcelos

Maria Rita Horigoshi

Mari-Silva Maia

Marilane Teixeira

Marina Barrio

Mel Cardoso

Melissa R. Faria Santos

Michelle Almeida

Mônica S. Rodrigues

Morgana Eneile

Rayane Alves Nunes

Rosimar Mendes Silva

Sandra Brandão

Sofia Toledo

Suelen Gonçalves

Suely Oliveira

Tatau Godinho

Tatiana Coelho

Vanessa Costa

Vânia Ribeiro Gomes

Vera Soares

Vivian Farias

Victoria Lustosa Braga

Waldeli Melleiro

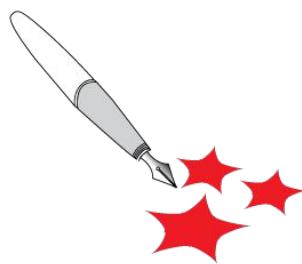
Wasmália Bivar

Zeila S. de Albuquerque

Parceria



Realização



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

NOPPE

NÚCLEO DE OPINIÃO PÚBLICA, PESQUISAS E ESTUDOS